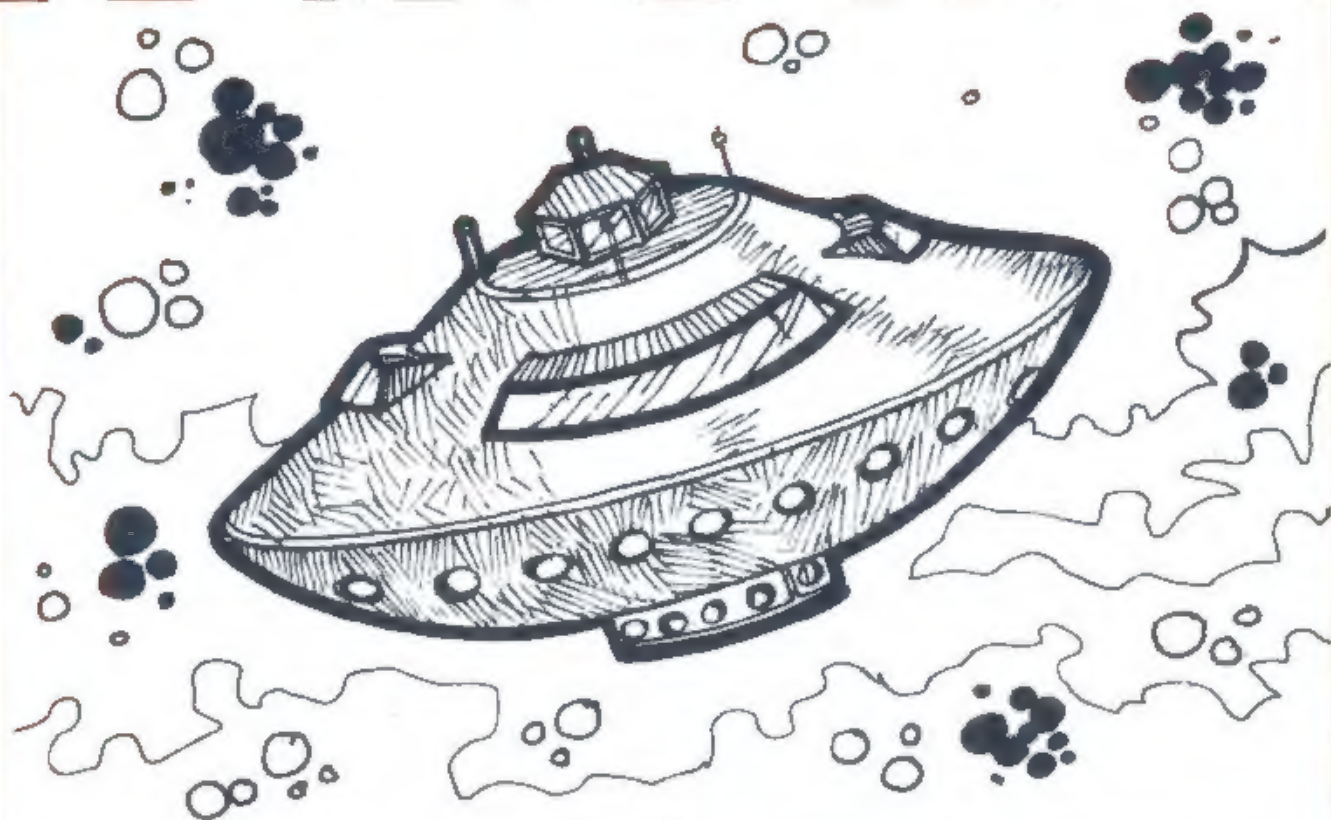
ARTUR BERLET

OS DISCOS VOADORES

Da utopia à realidade

narrativa de uma real viagem a outro planeta

Sumário

Discos Voadores

da Utopia à Realidade de Artur Berlet

Narrativa de Real Viagem a Outro Planeta

Introdução de Jorge E.M. Geisel
Conclusões de Walter K. Buhler

ARTUR BERLET

Nascido em Sarandi, em 1931

OS DISCOS VOADORES – Da Utopia à Realidade

- Primeira edição brasileira em 1967, editada pela Portinho Cavalcante, no Rio de Janeiro, com 1.000 exemplares.

- Traduzido e editado em alemão em setembro de 1972 pela editora Ventla Verlag de Wiesbaden – Alemanha, com 10.000 exemplares.

- Traduzido e editado em finlandês por Gosta Mallm com 10.000 exemplares em 1973.

- Segunda edição em português, com 3.000 exemplares editada pela Editora e Gráfica A Região de Sarandi em maio de 1978.

- Traduzida para o Inglês e editado em Tucson, Arizona, nos Estados Unidos, por Wendelle C. Stevens. 11.000 exemplares em 1989.

Impressão: Rede Região de Jornais
CNPJ: 01.187.833/0001-76
Av. 7 de Setembro 1006 - Sarandi
Fone / Fax: (54) 3361-1313 / (54) 3361-3481
E-mail: jornalaregiao@terra.com.br

Sarandi, maio de 2010.

Um fato, um relato, uma história extraordinária...

É com grande honra que aceitei o convite para prefaciar a nova edição do Livro "Os Discos Voadores da Utopia à Realidade" de autoria do Sr. Artur Berlet, e estar perpetuando algumas palavras a respeito deste homem e sua história.

Apesar de não tê-lo conhecido pessoalmente, as intensas pesquisas históricas que tenho desenvolvido nos últimos tempos sobre o seu episódio, bem como o contato direto com os manuscritos originais (442 páginas escritas a lápis em cadernos escolares) me soam como um relato confidencial de Berlet.

São quase dez anos contando sua história, para mais de cem mil espectadores, que ao visitarem o acervo histórico de Berlet no Museu Internacional de Ufologia, História e Ciência Victor Mostajo em Itaara -RS, (primeiro e único Museu da América Latina a tratar da temática extraterrestre),promovem a perpetuação deste patrimônio imaterial no âmbito nacional e internacional.

Diferente de tudo que já se viu e ouviu com relação a supostos sequestros por extraterrestres (abduções) o relato do senhor Artur Berlet é coerente e repleto de informações de alto teor científico que foge dos padrões das banalidades ufológicas das últimas décadas extremamente sensacionalistas e de pouco teor crível. Ressalto aos céticos e incrédulos da temática extraterrestre que não sou eu, como Historiador, que irá atestar a veracidade do significativo relato de viagem a outro planeta, nem mesmo julgar o protagonista da história, caberá à Ciência e somente ela é que nos dará uma resposta.

Atentem os leitores para as espetaculares descrições dos aparatos científicos e tecnológicos vistos e até manuseados por Berlet durante os dias de permanência no Planeta Acart. Tais avanços foram conquistados por terrestres tão somente nas décadas finais do século XX e início do século XXI:

..."Daí dirigiu-se ele a uma mesa sobre a qual havia um aparelho parecido com um rádio. Um pouco acima na parede havia um vidro de uns 30 por 30 cm, cor de palha. Ele apertou um botão, ouvia-se um zunido e esperando um pouco, tamborilou com os dedos na mesa. De repente, apareceu um rosto feminino no vidro. Pensei comigo: Ah! É uma televisão! Mas, para o cúmulos dos cúmulos a mulher falava sorridente e Acorc lhe respondia sorrindo também..."

..."temos aparelhos com os quais se pode tirar uma foto da cabeça de um prego a duzentos quilômetros de distância..."

..."vi que aquilo era tipo funil virado para cima tinha mais de duzentos metros de altura e a boca era tão grande que quase daria para fazer um campo de futebol... Eu me coloquei e olhei. Quase larguei um grito. Não é possível? A Terra a América do Sul; e via nitidamente os mares e o continente sul e parte do centro americano. Eu olhei por vários minutos pasmado. Parei de olhar para perguntar: Como é tão claro e visível ali sobre a América e o resto do globo é escuro..."

..."A Terra, esta sim, era um espetáculo a parte... Tenho certeza era azul, emitida pela parte clara... A segunda parte escura, uma mistura de preto com azul... uma espécie de cinturão existente ao redor da Terra tanto na parte escura como na parte clara..."

Há mais de 50 anos o intrigante episódio vivienciado pelo tratorista de Sarandi – RS que afirma ter viajado ao Planeta Acart emociona e desperta curiosidade sobre um dos questionamentos mais inerentes da Humanidade: estarmos ou não sozinhos no Universo.

Teria Artur Berlet, a resposta?

Deixemo-nos guiar ,pelas palavras do tratorista escritas neste livro, à uma viagem ao ainda desconhecido partindo das profundezas da mente Humana rumo à vastidão do Espaço Sideral, com escala no Planeta Acart, sob o comando de Artur Berlet, um gaúcho sem fronteiras!

Hernán Mosttajo
Prof. Historiador
Diretor do Museu Internacional de Ufologia História e Ciência

SOU UM FRUSTRADO

Artur Berlet

Mas não se assuste leitor, que a minha frustração, não se relaciona com a vida cotidiana, pois, quanto a esta eu a levo bem regular, mesmo tendo sofrido um acidente que me custou a amputação de uma perna. Fato que me impossibilitou de continuar a exercer a minha profissão de tratorista no município de Sarandi - RS, o que de início me trouxe sérios problemas, tanto psicológico como financeiro, pois com a baixa remuneração que passei a receber na inatividade, já que tinha esposa e filhos (um menino e três meninas) para manter, criar e educar. Apesar de tudo posso dar graças a Deus por ter o privilégio de viver em paz onde a iniciativa privada, recebe apoio e incentivo de todos os lados, tanto governamentais como particulares, por isso, em vez de um único ramo de atividade, passei a exercer dois outros, e com isso criar e educar meus filhos, até a idade adulta em que hoje todos se encontram, tendo a satisfação de vê-los todos bem empregados e com bom início de vida. Quanto à minha frustração, se deve ao fato de eu ter servido de instrumento para o envio de uma mensagem a todo povo da terra, a exatamente trinta anos atrás.

E como se deu tudo isso?

De início eu deveria publicar pela imprensa um relatório, mas devido ao fato do relatório ser bastante extenso, não obtive acolhida da mesma, o que é compreensivel, pois hoje qualquer pequeno espaço em uma revista ou jornal custa uma soma bastante elevada. Quando eu já me preparava para desistir da minha incumbência, aconteceu o que se pode chamar de milagre. Sem que eu possa até hoje explicar, apareceu entre outras pessoas como o doutor Walter Buller, médico e presidente da S.B.E.D.V (Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores) radicado na Guanabara (RJ); doutor Carlos de Oliveira Gomes, gerente do Banco do Brasil/ AS agência Sarandi; senhor Jorge Ernesto Macedo Geisel, oficial da reserva da aeronáutica; doutor Rui Schmidt Bacharel; doutor Osvaldo Guindane, presidente do sindicato dos moageiros do Rio Grande do Sul; senhor Djalma Gobbi, prefeito de Sarandi; senhor Rui Albuquerque, oficial de justiça da comarca de Sarandi; Senhor João Manuel Ribeiro, secretário Municipal de Sarandi; senhor Ernesto Becker, gerente da agência Chevrolet de Sarandi, afora outros que deixo de mencionar por não me ocorrerem à mente no momento.

Estes homens, cada um colaborando com o que podiam de um momento para outro transformaram meu relatório em um livro, editando na livraria e editora Portinho Cavalcanti – RJ, em uma tiragem de 1000 exemplares, livros estes que em quase sua totalidade foram distribuidos gratuitamente, tanto no Brasil como no estrangeiro.

Mas agora eu pergunto. Valeu a pena tanto esforço?

Se não, vejamos:

Em 1958, havia na Terra, umas poucas dezenas de bombas atômicas. Hoje, passados 30 anos temos milhares delas prontas para disparar a qualquer momento, isto sem contar com outras tantas que foram criadas e aperfeiçoadas.

Eu pergunto contra quem toda essa precaução? Ora, contra nossos irmãos, nossos pais, filhos, primos e parentes, enfim, contra nossa própria espécie.

Por outro lado, em 1958, um décimo da população da Terra passava fome. Hoje um terço passa fome.

Em 1958 quase todos os rios da Terra mantinham sua fauna aquática em perfeitas condições de vida. Hoje 90% dessa fauna estão sendo ameaçada ou destruída, com milhares de sangas, riachos e rios morrendo.

Pasmem meus amigos, uma quarta parte das florestas que foram devastadas desde a vinda de Cristo até hoje, o foram de 1958 para cá.

A África que a bem pouco tempo era sinônimo de florestas, hoje está transformada em estepes, savanas e deserto.

Eu pergunto: aonde quer chegar o homem da terra? Você sabe? Então responda, porque eu sei, mas não posso responder.

Com a permissão do leitor, mais umas palavras sobre essa edição do livro. Conforme já lhes expliquei acima, pensei ter satisfeito minha incumbência com a divulgação do meu relatório em forma de livro, mas enganei-me, pois assim que se esgotou aquela pequena edição, começaram a seguir pedidos por cartas e pessoas, de todo Brasil e mesmo do estrangeiro, e ultimamente em maior número, pedindo um ou mais exemplares, o que me forçou a concordar em uma segunda edição, o que a princípio não era meu propósito.

Ressalto a minha aquiescência se deveu a inúmeros pedidos de amigos assim como familiares. Isto posto, espero que o amigo leitor adquira dessa vez um exemplar, não leve em conta desembolsar uma pequena quantia, pois nossa estrutura econômica atual, não permite que se adquira ou faça algo sem prescindir de dinheiro.

Mensagem

"Ao ver que nossos foguetes se incorporavam à guerra, sentíamos uma grande dor e uma grande vergonha". Nós os havíamos projetado para traçar o caminho até outros planetas, não para destruir o nosso.

Os mistérios do Universo confirmam a existência de Deus através da ciência, o homem trata de controlar os traços da natureza. Por meio da religião, os impulsos negativos da natureza humana. Por isso, creio firmemente que nossa sobrevivência, presente e futura, dependem de nossa adesão ao espírito, muito mais do que à ciência.

A astronomia seguirá oferecendo novos conhecimentos do Universo, conforme formos estudando o céu. Alguns supõem que a Terra seria um planeta seguro. Pra mim não é verdade. Vejo-a cheia de desordens e de imprevistos. Aí estão à neve, os furacões, os terremotos... E os homens, que só estudam maneiras de destruir-se. No espaço as leis são físicas, quer dizer, perfeitas. É preciso refugiar-se ali para salvar-se do dilúvio.

Odeio tudo quanto seja criado para matar. No dia em que morrer, estarei cheio de tristeza e preocupação em relação ao emprego que se dará no futuro aos foguetes por mim inventados.

As incríveis ambições humanas converterão algum dia o planeta Terra em um lugar desolado e inabitável. Por isso, é preciso chegar-se aos outros planetas virgens, nos quais a mão do homem não tenha deixado pousar todo peso de sua destruição.

Werner Von Braun
23.03.1912
16.06.1977
(trecho extraído de seu testamento)

INTRODUÇÃO

Por Jorge E. M Geisel

Noite maravilhosa. O céu azul julino, límpido e coberto nitidamente por infindáveis corpos luminosos. Como são lindas as noites no RIO GRANDE DO SUL! Aquele frio noturno, gostoso que tanta magia exerce sobre as noites do inverso sulino... Diante de tanta beleza paisagista e tanto esplendor natural, quem passasse pela estrada, ligando Carazinho a Sarandi, não se aperceberia de que em meio tão silencioso estivesse concentrados, no topo da bela coxilha, mais de trinta pessoas. A quebra do silêncio respeitoso talvez, era somente percebido quando um enorme disco alaranjado apareceria crescendo num ângulo de 50° sobre o horizonte amplo, além do Rio da Várzea, município de Palmeira das Missões. Durante muitas noites fenômenos estranhos foram observados pela platéia cada vez maior. As especulações eram as mais diversas. Houve até quem pensasse em vender cachorro quente e graspa na afamada coxilha da fazenda Biotônico...

A paróquia estava diferente. Aquele povo caseiro, de vida tão bem regrada, agora saia para os campos à noite, molhando-se no orvalho das noites gélidas e conjeturando sobre a vida em outros mundos. Era demais para o vigário Ginochinni e seu séqüito. O padre Menepipo falava na rádio local no dia seguinte que as saídas noturnas dos maridos cheirava a pecado. Meses após ele casava, sem nunca ao menos ter visto um disco voador..

O povo estava se afastando noturnamente dos lares para o templo ilimitado da natureza e quais atenienses divagando filosoficamente sobre a Vida Universal. Sarandi era uma Tebas transformando-se rapidamente demais numa Atenas.

As forças da reação não demoraram a surgir. Os fenômenos que teimavam em aparecer, frequentemente, foram sendo abandonados em sua observação. Não faltaram também as identificações, inocentes, algumas mal intencionadas, outras, dos fenômenos com luzes de automóveis no horizonte. Realmente muito observavam e tiravam conclusões errôneas. Chegou-se a um ponto que a observação naquele local tornara-se ridícula. Muitos engraçadinhos aproveitava-se para troçar do público, lançando balões e acendendo lanternas. Atenas sucumbia diante da astúcia e poderio de Tebas, dos sacerdotes e seus dominados "fellahs". Nos escombros, porém, um punhado de gente teimava em levar a sério o assunto. Outro ponto de reunião e observação foi escolhido e os resultados foram surpreendentes. Pessoas de real gabarito como o Rev. Wagner, de Ati Açu, o Sr, Juiz de Direito, Mário Ferrari de Sarandi, foram inúmeras vezes convidados a comparecer em pontos altos de observação para presenciarem fenômenos. Se tivéssemos outra ordem que não a Carlista, que ajuda talvez tivessem tido da Igreja!

As experiências desse grupo pesquisador não poderiam ser descritas nessa introdução, mesmo porque nada significam diante da magnitude do relato do autor dessa obra. Apenas indicaram que realmente a região foi e talvez, tem sido visitada por seres extraterrestres.

O grupo pesquisador entrou certo dia em contato com um homem simples e simpático chamado Artur Berlet. Desde há muito se ouvia falar de uma experiência estranha acontecida com um tratorista da prefeitura. Julgávamos, até então, que não passasse de uma lenda envolvendo um desses tipos populares que qualquer cidade sempre tem. Os méritos de seu descobrimento cabem ao Carlos de Oliveira Gomes, que então era o gerente da agência do Banco do Brasil em Sarandi. Carlos convidou-o a conversar em sua residência. Éramos três — Carlos, Rui Schmidt e eu, a bombardear Berlet com espinhoso questionário. Após sete horas e meia de interrogatório estávamos todos diante da realidade que nos apresentavam de maneira insofismável, com tanta naturalidade. Berlet havia viajado até outro planeta e nele permanecido nove dias terrestres, de 14 de maio de 1958 a 23 do mesmo mês e ano. Repetidas vezes nos encontramos e nunca houve um momento sequer de dúvida com relação à palavra de Berlet. Havia uma serenidade de propósitos da parte dele que nunca procurou explorar financeiramente sua história. Estávamos em 1965 e a experiência de Berlet havia ocorrido sete anos antes. Quanto tempo perdido? Durante muitos anos pregou no deserto daquela Tebas sacerdotal-política. A pequenez dos homens era tanta que o comentário mais inteligente era de que Berlet havia ido à Lua de patrola. (*)

Devido ao interesse que ele nos despertava o prefeito passou a se interessar também, porém somente indicava na medida promocional que a estória dava ao município e a ele próprio. De boa fé Berlet aceitou o convite para ir a Porto Alegre. Porém ele não sabia, talvez nem o simplório prefeito o fizesse, que a maldade dos homens lhe preparasse uma cruel cilada. Lá como um monstro de circo a ser devorado pela curiosidade do público das televisões. Lá seria desgastado pelas perguntas idiotas de um "bobo da corte". Teria também um contato "oficial" que após extrair dado durante horas e exaustivo interrogatório já lhe havia vaticinado através da encomenda de crônica policial dos jornais: CUIDADO COM ELES! Sim, Berlet, o hidrófobo — perigoso louco à cata de sensações! Quem sabe um agente a serviço do estrangeiro? Só lhe faltou essa designação — quem sabe ainda no futuro! Entretanto Berlet — o louco — voltado para velha tebas, mais calmo que nunca. Aliás, pouca diferença havia entre ser Louco em Porto Alegre como ter ido de "patrola" à lua em Sarandi. Porém, aconselhamos que processasse os difamadores, porém o veterano sorria calmamente e replicava: "Ninguém é obrigado a acreditar em minha história e o fato de não acreditarem não modifica a realidade de minha experiência. Continuarei a contá-la sempre que for solicitado".

Em agosto de 1965, já tínhamos pleno conhecimento do caso Berlet, quando recebemos a visita do grande pesquisador brasileiro, Dr. Walter Karl Buhler, que estava realizando um interessante levantamento na cidade de Carazinho. Havia então chegado até ele a notícia de aparecimento de discos voadores em Sarandi. Foi um grande prazer para o grupo e mesmo de grande valia o nosso encontro. Dele recebemos criteriosa orientação de que muito nos tem valido até hoje. Podemos dizer com certeza que se não fosse tal ajuda da SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES (**), através de seu presidente, Dr. Buhler, talvez tivéssemos tornado impossível a publicação honesta dessa obra. Muitos foram os que lá apareceram com o objetivo de arrancar a publicação da história. Porém, como o Berlet não consentia na modificação de seu relato e não se deixava levar pela ambição pecuniária, coube a nós, principalmente ao Dr. Buhler, a tarefa de ajudá-lo sem auferir qualquer rendimento de nosso trabalho amador.

Grandes foram as dificuldades para publicação desta obra, a principal deve-se ao fato de nossa total inexperiência ao nosso campo de difusão. Acima de tudo, consideramos sua principal faceta, ela foi preparada com honestidade. Ela é fidedigna aos originais cedidos pelo autor. Nela somente foi alterada a parte gramatical no essencial, a fim de facilitar a compreensão do leitor. Não é, e nem pretende ser, obra literária, porém um relatório sincero em linguagem própria do autor, de suas experiências inéditas. Procurou-se, por isso, manter a mesma construção básica das frases e a mesma aplicação das palavras no texto original. Muitas são as palavras regionais, expressões "gauchescas" e mesmo locais da região colonial alemã e italiana riograndense.

Os dados astronômicos fornecidos pelo relato são interessantes, porém não coincidem com conhecimentos até agora dos nossos vizinhos do Sistema Solar (veja na página anexo). Berlet, embora sem afirmar, sempre nos deu a impressão de que seria talvez o planeta Marte. O único dado que confere com os conhecidos atualmente é a de que o planeta visitado possui satélites, que na realidade, segundo Berlet, são duas plataformas artificiais.

O relato de Berlet foi por ele escrito após seu retorno, com as grandes dificuldades que naturalmente seu primeiro ano Primário lhe impunha, além das dificuldades diárias na obtenção do "pão de cada dia". Sua narrativa encheu 14 cadernos escolares (veja na páginas reproduções) e podemos considerar uma jóia o seu trabalho. Sua espontaneidade é flagrante, suas impressões claras e precisas, as motivações psicológicas naturais e sem retoques.

As facilidades linguísticas do autor são incontestáveis no tocante ao alemão, língua que aprendeu na meninice, mesmo antes da portuguesa. Nascido em 1931, no interior do Município de Sarandi, Rio Grande do Sul, exercia até bem pouco tempo atrás a profissão de operador - tratorista na Prefeitura de Sarandi. Devido a uma explosão ocorrida numa pedreira onde estava traba

lhando perdeu uma perna, aposentando-se. Descendente de imigrantes de sangue alemão e francês que miscigenaram-se em sangue ibérico e caboclo. Artur Berlet tem ótima aparência física. Alto, pele bronzeada, cabelos escuros e olhos azuis. Homem perfeitamente normal, goza de excepcional saúde física e nunca demonstrou qualquer sinal de debilidade mental, como foi anunciado maldosamente pela imprensa de encomenda. Homem trabalhador, simples e eficiente e bastante conhecido da população de Sarandi, estimado e sempre tido como homem sério e honesto. Só possui instrução primária, tendo terminado tão somente o primeiro ano. Entretanto, inteligente e observador, soube assimilar com grande proveito para si e para toda a coletividade, os ensinamentos profundos que sua viagem a bordo de um Disco Voador para outro planeta lhe trouxe.

São relatos como o dessa obra que nos enchem de confiança no espírito altamente evoluído, na mentalidade mais avançada, na moral cosmogônica por certo existentes em outros mundos habitados do nosso Sistema Solar e nos outros infindáveis da nossa e outras galáxias.

Se a missão de desvendar novos horizontes, de abrir os olhos de todos para a nossa pequenez orgulhosa de homens agarrados a preconceitos milenares, de trazer aos homens da Terra uma mensagem mais humana e de uma moral mais avançada, for compreendida pelo público e quiçá por ele assimilada, o autor e seus colaboradores sentir-se-ão altamente recompensados. O autor terá, então, em grande parte, soldado seus compromissos com ACART.

Rio de Janeiro, novembro de 1957

Jorge Ernesto Macedo Geisel

(*) – Patrola – máquina rodoviária, de lâmina, usada para nivelar estradas.

(**) – S.B.E.D.V. - Caixa Postal [illegible] ZC 01, Largo do Machado, Rio de Janeiro – GB

ADVERTÊNCIA DO AUTOR

Caro Leitor:

Por certo V. Sa. não ignora que no Brasil, bem como em todos os países da Terra, possuímos milhares de manicômios abarrotados de loucos, loucos às vezes assim chamados por terem encarado a pessoa humana e o mundo pelo seu lado real. Todas as pessoas de idéias fracas que se atrevem a fazer um exame profundo do homem que habita atualmente esta terra de Adão e Eva, e querem colocar mentalmente todas as coisas aqui em seus devidos lugares, em minha opinião, correm perigo de deixar este mundo dos "loucos livres", para habitarem o mundo dos loucos presos nos manicômios.

Mas seriam realmente estes loucos presos os mais perigosos uma vez que o seu campo de ação só vai até onde alcança suas unhas e dentes? Não existiriam porventura em liberdade outros loucos mais perigosos porque têm o mundo terrestre ao alcance de suas mãos, e com uma palavra ou gesto, podem exterminar o homem da face da Terra? E quem são estes? São os grandes estadistas e cientistas de nossa época que, sequiosos de poder e vingança, vêm encaminhando os homens terrestres e a si próprios a uma catástrofe total, sem ao menos disso se aperceberem.

O gênero humano na Terra está retrocedendo a tal ponto, que, sem nos apercebermos, estamos abaixo dos primitivos habitantes das cavernas que ao contrário de nós, lutavam contra as adversidades, para preservar as suas vidas as quais davam o devido valor, enquanto nós fazemos tudo para destruir as nossas

Convenhamos caro leitor, que muitos de nossos irmãos terrenos estão loucos, não estão?

Muitos já estão com idade avançada e nos últimos degraus da escada que se percorre nesta vida para outra, e com serviços prestados, dinheiro e honras, para merecer o caldeirão mais quente que existe no inferno, e assim mesmo continuam a pregar suas caduquices e a sacrificar milhares de vidas por um capricho pessoal ou quando não, acompanhado por outra meia dúzia de loucos. Porque gente assim não pensa na realidade da vida, aproveitando os últimos dias que lhes restam, vivendo-os tranquilamente? Será que não sabem que um momento para outro, lhes pode fugir esta vida e então de que lhes adiantarão riquezas, honras, glórias? Irão apodrecer como o mais pobre dos mendigos.

Loucos, loucos, nada mais! Muito bem, e eu, o que sou???

Em primeiro lugar quero deixar bem claro que não sou nem cientista, estadista ou pesquisador, para estar conjeturando sobre tais assuntos. Se me

embrenhei nestes terrenos foi apenas para dar uma idéia ao leitor ou uma comparação sobre o assunto que vou relatar a seguir.

Gostaria de contar-vos uma verdade, mas conforme já explanei talvez fosse difícil se fazer compreender, neste estado atual que o nosso Mundo se acha. Assim, não querendo entrar em choque e polêmicas com aqueles que não querem admitir a veracidade do meu relato, peço que se dirijam com as suas discussões à Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores no Rio de Janeiro, porquanto foi ela fundada para dar apoio as pessoas que tiveram experiências como eu. Da parte de minha consciência me darei por satisfeito com este relato junto aos meus concidadãos e junto a umas pessoas, com as quais travei conhecimento em 1958, conforme estará relatado mais adiante.

Artur Berlet.

NARRATIVA
UM "INCIDENTE" SEGUIDO DE DRAMÁTICO DESPERTAR

Em maio de 1958, encontrava-me viajando pelo interior do município de Sarandi e vizinhanças arrecadando créditos provenientes de fotografias que havia tirado, pois até então exercera a profissão de fotógrafo ambulante e, recentemente, agora desistindo desse tipo de trabalho, para exercer novamente o cargo de tratorista municipal, que anteriormente já havia exercido, quando um fato importantíssimo aconteceu.

Foi no dia 14 de maio. Vinha eu de regresso do interior, já a caminho da cidade de Sarandi, entre esta e o ponto de bifurcação denominado "Natalino", trajeto de 18 km, que estava tentando vencer a pé (pois que a minha condução carona havia seguido para Passo Fundo), e eram mais ou menos 19 horas, quando passava pela fazenda de propriedade do Dr. Dionísio Peretti. Minha atenção foi chamada por uma luz estranha, colocada na orla de um mato, que aproximadamente distava cerca de 200 metros de onde me encontrava na estrada. Inicialmente, achei que tal fenômeno era proveniente de algo sobrenatural, talvez como diz uma lenda popular de nossa região, um sinal de tesouro enterrado.

Atravessei a cerca de arame e quando cautelosamente me encontrava a cerca de 30 metros da luz, verifiquei com espanto que era um objeto material redondo, com cerca de 30 metros de diâmetro, cuja forma era a de duas bandejas em superposição. A luz era opaca e me fez lembrar um ferro quando está em início de incandescência, entre o vermelho e o cinza.

Minha grande dificuldade em narrar os acontecimentos se encontra tão somente na péssima distinção de cores, pois sou daltônico.

Senti então vontade de retroceder e fugir. Entretanto, dominando-me e procurando raciocinar em torno do que via, aproximei-me mais ainda, quando subitamente surgiram mais de dois vultos e um fortíssimo jato de luz me foi atirado, fazendo-me perder os sentidos.

Quando voltei a mim, encontrava-me num leito, tipo cama de hospital e não pude levantar os braços, porque estavam presos. Pude então observar que me encontrava numa sala retangular, cujo um lado, entretanto, era arredondado. A impressão imediata que tive foi que me encontrava a bordo de um navio. Mas a memória logo desfez tal disparate.

Logo em seguida pude perceber movimentos de pessoas, que pareciam estar completamente alheias à minha pessoa. Procurei dirigir-me a elas em diversas línguas e algumas me olhavam indiferentes, outras nem me olhavam. Minutos após, duas se aproximaram de mim desamarrando-me.

Eu continuava insistindo em comunicar-me com elas. Levantaram-me e me senti fraco. Fazendo gestos, levaram-me para outro compartimento anexo à sala onde me encontrava, e retiraram de prateleiras uma veste semelhante a uma capa de mangas e bem comprida, que me chegava até aos pés. Vesti-a e acompanhando os dois que me guardavam os dois flancos, novamente entramos na sala de onde havíamos partido. Daí nos encaminhamos para uma porta, que se abriu automaticamente e descemos três ou quatro degraus dando para uma pequena sala em plano inferior à sala inicial. Fechou-se a porta percorrida, e após alguns instantes abriu-se outra à nossa frente com os mesmos degraus, dando-me a impressão que estávamos descendo para um subterrâneo. Era outra saleta. Após alguns instantes a operação repetia-se idêntica à anterior, e me vi sucessivamente em mais duas saletas, sendo que a última era ligada por um corredor à outra mais adiante através de degraus sem porta. Estávamos em frente à última porta, quando ela se abriu e com grande surpresa, pois esperava chegar a um outro compartimento, vi com intenso assombro, solo firme e uma cidade completamente diferente. Senti um enorme mal-estar.

Tinha a impressão de ter perdido a metade de meu peso e ao mesmo tempo de que meus membros estavam aumentados em volume. Estava ainda amparado pelos braços de meus dois acompanhantes. Os prédios altos e resplandecentes que via, pareciam cegar-me na sua enorme variedade de cores. Não podia ser nenhuma das grandes cidades que já conhecia, "grande capitais" da Terra, pois as conhecia pelo menos, por gravuras, por livros e por filmes. Saímos por uma esplanada que descia suavemente até uma rua estreita, ladeada por altos edifícios. Notei somente pedestres. Os tripulantes do DV usavam vestuário grosso, tipo macacão, cor clara estranha. Naquele momento não me ative em observar detalhes de vestuário. Mais tarde, porém farei uma descrição mais detalhada. Entretanto, lembro-me perfeitamente, que meus dois acompanhantes não usavam a capa que eu então fora impelido a usar.

Seguimos pela rua estreita e, após 300 metros e depois de subirmos 3 ou 4 degraus, entramos no andar térreo de um alto edifício. Percorrendo um corredor de 15 metros, entramos num quarto à direita. Os meus acompanhantes iam sempre me amparando, pois não tinha condições para caminhar sozinho. Os edifícios pareceram-me feitos de metal. Ao entrar neste último edifício, notei que era realmente metálico, porém revestido internamente por um material que lembrava tecido.

Soltaram-me no quarto sozinho e foram embora. Fecharam a porta e fiquei alguns momentos encostado na parede. Olhei ao redor de minha temporária prisão, que me parecia mais um quarto de príncipe, que propriamente uma cela de prisioneiro comum. As paredes eram todas revestidas de um tecido grosso, parecido com esses casacos de pele que as senhoras usam. Num canto, embutida na parede estava uma pia, que possuía uma espécie de torneira

que jorrava água constantemente. Dirigi-me, então a ela e tomei água em abundância. Sentia uma sede tremenda. A água extremamente leve custou a matar minha sede. Notei, então, que havia uma cama e uma mesinha (uns 80 cm) presa à parede. Dirigi-me até a cama e apalpando-a, verifiquei que era de uma maciez muito grande. Deitei-me, esticando-me completamente de costas. Sentia muita fome e meditava: "Onde será que estou? Quem será essa gente? Por que me prenderam, se nunca fiz mal a ninguém, nem a eles, a quem nunca vi antes?" Pensei muito em minha família, caso não voltasse a vê-la, o que me parecia provável. Pela fraqueza que sentia, julguei que havia bastante tempo que não me alimentava. Sentia-me com um peso inferior à metade de meu peso normal (90 kg).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

1 Mapa da região de encontro;
2 Desenho do DV;
3 Planta das salas do DV;
4 Planta das escadarias e salas de descompressão;
5 Planta da esplanada e do edifício;
6 Planta de quarto.

Instantes depois entraram três pessoas, provavelmente os dois que me haviam escoltado e mais uma mulher. Essa trazia um objeto semelhante a uma bandeja com tampa. Colocou-o sobre a mesinha e abriu a tampa, e logo após, os três retiraram-se. Levantei-me e dirigi-me até ao objeto sobre a mesa. Imediatamente constatei que o conteúdo era alimento. Examinando detidamente os alimentos só pude reconhecer a carne, pois os outros três que estavam na bandeja, nunca os havia visto. A bandeja era dividida em quatro partes. Empunhando o único talher que me haviam deixado, um talher misto, que tanto funcionava como colher ou como garfo, experimentei em primeiro lugar a carne, já previamente cortada em pedaços. Não me pareceu tão diferente da que já conhecia. Entretanto, sentia certa diferença no gosto.

A segunda divisão continha um alimento viscoso, de cor e semelhante a uma gelatina. A terceira era um alimento farináceo escuro, de consistência entre o pão-de-ló e o pão comum. A quarta era um tipo de caldo, no qual boiava um alimento que lembrava a casca de batata inglesa. Destes três últimos só me animei a experimentar o farináceo. Os outros dois até o odor me repugnavam. O que comi pouco me satisfez. Fui novamente até a torneira e tomei água. Sentei-me na cama. Lembrei-me então de que talvez pudesse sobreviver ao cativeiro, alimentando-me apenas daquele tipo de carne e daquele tipo de pão.

VENCENDO DIFICULDADES LINGUÍSTICAS

Meditando sobre outros problemas que me afligiam, fui interrompido pelo movimento da porta, que se abrindo, mostrou três indivíduos: dois já familiares e um outro, julguei pelo seu porte ativo e autoritário, ser um personagem mais importante. Fizeram-me sinais para que eu os acompanhasse. O novo personagem seguia à frente e eu era novamente escoltado pelos dois conhecidos. Seguimos por um corredor e fomos dar numa sala bem iluminada. Pude observar que ela era bastante espaçosa, com cerca de 60 metros quadrados. À direita, no fundo, havia uma sequência de cadeiras de cabeceiras altas e servidas por uma mesa retangular comprida. Logo à frente, via-se, uma sequência de cadeiras de espaldar mais baixo, em forma semicircular, servidas individualmente por pequenos bureaux. Imediatamente atrás, outra sequência de cadeiras de iguais características. Nas paredes pude observar diversos quadros com paisagens diversas. Ainda me encontrava observando a sala, quando, por uma porta à minha esquerda, apareceram várias pessoas, as quais entrando me olharam só com breve curiosidade e outras até com certa indiferença. Estavam conversando, quando de repente ao som de um sinal, sentaram-se nas cadeiras em semicírculo. Em seguida, uma porta atrás abriu-se imediatamente e ao lado da fileira linear surgiram mais três personagens, que me pareceram superiores aos que até então haviam aparecido. Eu e meus acompanhantes continuávamos em pé. Um dos três personagens, dos que haviam entrado agora, aquele à minha direita, levantou-se e falou à assembleia. Seguiram-se outros oradores e pareceu-me ter havido muita troca de idéia. A discussão durou cerca de 20 min. e senti perfeitamente, pela frequência que me olhavam, e pelos gestos, que eu era o "pivô" do assunto. Enquanto falavam, pensava comigo mesmo, que talvez aquela raça estranha de homens fosse russa e que talvez estivessem me julgando por haver visto uma arma secreta e agora iria pagar, quem sabe, com a vida ou prisão perpétua.

De repente, um dos personagens da fila linear, o do centro, fez um sinal, havendo o silêncio dos outros, e dirigiu-se ao que estava até agora à minha frente. Segundos após, assentos foram trazidos para que nos sentássemos agora bem mais próximos da assembleia, entre as extremidades da fileira linear e a primeira dos semicírculos. Após isso, o mesmo personagem dirigiu-se a um dos elementos que estava sentado à sua frente e depois de alguns momentos de silêncio absoluto, esse dirigiu para nosso lado, ficando bem à minha frente, pronunciando então diversas palavras ou frases. Após esse vieram 4 ou 5 mais, uns após os outros sempre se dirigindo à minha pessoa. Pude então notar certo desânimo da parte deles, pelo fato de não podermos nos entender. Senti um impulso irreprimível: levantei-me e dirigi-me a eles em português, em espanhol, em italiano, e já estava desanimado, quando lembrei-me de

lar alemão. Foi então um deles levantou-se com expressão de grande alegria, acenando para mim, disse-me simplesmente numa maneira dúbia "Deutsch?". Respondi-lhe afirmativamente. Com grande surpresa minha, ele virou-me as costas e dirigiu-se aos seus outros colegas. Depois de outras trocas de ideias, encerraram a sessão, saindo os participantes por onde haviam entrado respectivamente. Levantamo-nos eu e meus acompanhantes e fui levado novamente para o meu quarto. Na volta pude observar então, que eles não levavam armas, pelo menos que eu conhecesse, senão apenas um objeto pendurado na cintura que mais lembrava uma lanterna de pilhas.

A EXPLICAÇÃO DO INCIDENTE

Deixaram-me só com aquele homem. Pensei com meus botões: Há de haver qualquer novidade, boa ou má. Então, me olhou e com um sorriso franco disse: - Venha, em alemão. Seguido por mim, percorremos um curto corredor e fomos dar em uma porta grande, que depois de transposta nos levou a uma rua estreita de uns seis metros de largura, super movimentada por pedestres. Não se torna necessário dizer, que cada pequeno detalhe que se apresentava, deixava-me tão estupefato que nem a voz me vinha em certas ocasiões.

Naquela altura, eu não diferia de um autômato. O que via, ouvia e sentia, aceitava tudo como uma imposição alheia à minha vontade. Sabia apenas que tinha de obedecer ao que me era indicado fazer. Desejava desesperadamente saber onde estava, com quem tratava, mas pedir explicações a quem, se todos que me cercavam não me entendiam e vice-versa.

Entre tantas coisas, duas particularmente chamaram minha fraca atenção naquele momento: a lenta movimentação daquela massa humana e o forte resplendor emitido pelas paredes dos edifícios, que quase me cegavam no início. Aos poucos, entretanto, fui me acostumando, e pude então constatar a variedade de cores, com exceção do preto e do branco que eu conheço. Havia de todas as cores.

Seguimos uns quarteirões, sem encontrar um só veículo. Sempre um mundo de gente a pé, que pelo visto, não se ligavam nada a respeito de minha presença entre eles, pois passavam por mim sem notar a diferença entre mim e eles: eu usava uma capa e um tipo de gorro. As minhas vestimentas eram completamente diferentes das deles, assim como o calçado.

Em certo momento, quando nos encontrávamos entre dois prédios médios, olhei para cima. Confesso que quase morri de susto. O céu estava salpicado de uns veículos aéreos, que pensei tratar-se de aviões prontos para desfechar um ataque em massa contra aquele indefeso povo, que se movimentava tranquilamente por aquelas estreitas ruelas. Observando melhor, notei que suas atitudes não eram hostis, pois iam e vinham para todos os lados. Não eram aviões como os que eu já conhecia. De repente, um deles desceu reto em cima de um prédio. Com aquilo eu coloquei as duas mãos nos ouvidos e fechei os olhos, para não ver e ouvir o tremendo choque que se daria com o veículo indo de encontro àquele prédio. Senti, então, uma mão ao meu ombro, e fui abrindo os olhos, olhei para cima e lá estava o misterioso aparelho pousando em cima do que seria o terraço de um prédio. De dentro dele saíram calmamente duas pessoas, que pareceram um casal.

A minha frente se encontrava o meu companheiro com um sorriso triste nos lábios. Notei que ele queria me explicar tudo aquilo. Por duas vezes, abriu a boca, mas não emitiu som algum. Concluí com isso, que eles não sabiam mais do que aquelas três palavras anteriormente pronunciadas em alemão.

Deu-me duas palmadinhas nas costas, como quem diz: acalma-te, e fez um sinal para acompanhá-lo. Segui meio atordoado com o que tinha presenciado. Dobramos uma esquina, percorremos uns 15 metros, e daí entramos em um prédio de 4 ou 5 pavimentos por uma porta grande, que se encontrava aberta, assim permanecemos depois de a transpormos.

Percorremos um meio corredor e alcançamos uma sala de regular tamanho, bem mobiliada. Cruzamos a sala e fomos dar em outro corredor, que nos conduziu ao fundo do prédio, perto de um patamar. Uma vez ali, indicou-me com gestos um quarto, que podia ser uma prisão ou um dormitório. Não saí a averiguar no momento, e sem hesitação fui entrando. Ele fechou a porta e se retirou.

Fiquei parado, completamente aturdido com tudo, pois se era um pouco tratado como prisioneiro, instantes depois, tratavam-me como hóspede, como todas as honras.

O quarto era muito semelhante ao outro que já mencionei, só que era mais espaçoso, e ao invés de ter só uma pia, possuía também um banheiro anexo.

Já que havia um banheiro, dispuz-me a tomar um banho. Nova decepção me aguardava, pois a água me parecia gás de tão leve que era. Eu tinha a

impressão de que fosse jogar um balde daquela água contra uma garrafa vazia de pé, não a derrubaria.

Acabado o meu meio banho, depois de me vestir, ouvi barulhos na porta. Esta se abriu, aparecendo na soleira o meu amigo que me trouxera até ali, acompanhado de um rapazote que trazia um pacote de roupas nos braços, depositando-o sobre uma mesa, e se retirou. Então, o outro se aproximou de mim e fez sinal para eu vesti-la. Fiz um gesto afirmativo com a cabeça, que ele retribuiu sorrindo e se retirou.

Aproximei-me da mesa e passei um exame na roupa. A primeira peça que me peguei era uma calça semelhante a um culote, de largura normal até um pouco abaixo do joelho, e dali pra baixo era estreitinha e afunilada, com um fecho de palmo e meio de comprimento de cada lado. A segunda era uma camisa, de cor rosa azulada, com o colarinho branco, redondo e bem largo; na abertura da frente, em lugar de botões, tinha também um fecho.

O que achei esquisito foram as mangas, pois do ombro até um pouco abaixo dos cotovelos, eram todas cheias de babados e franjas, e dali até o fim, estreitos que mal passavam as mãos. Pensei comigo mesmo, que se fosse fazer uma camisa desta, no lugar de tantos babados eu faria mais uma camisa.

Já que era uma ordem, fui tratando de vesti-me.

Ajeitei meu novo terno, e calcei umas meias que vieram juntas, e por fim um calçado sem salto. Este me pareceu de tecido e não de couro, a princípio. Feito isso, me olhei dizendo "abram o pano que lá vai o palhaço", e comecei a rir de mim mesmo. Fiquei pensando se eu chegasse a casa com um traje desses, certamente me taxariam de louco e ririam muito à minha custa, ao passo que aqui era um fino traje de reuniões, passeio ou outra coisa que valha.

Eu estava ainda ajeitando meu novo traje, quando o meu amigo bateu à porta, entrando em seguida. Olhou-me dos pés à cabeça e deu um leve sorriso de satisfação, como quem diz, fica-te muito bem. Aproximou-se de mim e de frente pôs a mão no meu ombro e sacudiu a cabeça duas ou três vezes afirmativamente, sem pronunciar uma palavra sequer. Eu notava que ele tinha uma vontade louca de falar comigo.

Fiquei também plantado na sua frente, sem poder dizer-lhe nada. Pensei naquela hora que grande amigo poderia eu ter na pessoa deste homem, se nós nos entendêssemos. Ele era de idade média, estrutura também mediana, mais para gordo, sempre com um sorriso quase juvenil no rosto.

Então, com muita educação, com a mão no meu braço, conduziu-me para fora do quarto. Cruzamos o curto corredor e demos na sala que mencionei há pouco, mas quase não reconheci, pois ao passar por ela antes, vi que havia movimento de gente nela. Não notara se eram homens ou mulheres, porque estava muito atarantado com o que tinha visto na rua e tudo mais.

O que eu vi a seguir era mais alarmante ainda. Uma mesa retangular, com cadeiras de encosto alto ao redor, com 15 pessoas sentadas nelas e quase outras tantas de pé, que em grupos palestravam animadamente. Palestra esta que eu entendia tanto como se fosse entrar num galinheiro repleto de galinhas que cantassem todas ao mesmo tempo.

Ao notarem nossa presença na sala, todos como por encanto calaram e voltaram-se para mim. Certamente o assunto de toda aquela conversar era sobre mim. Então meu companheiro, creio eu, me apresentou a eles trocando meia dúzia de palavras, às quais a maioria assentia com a cabeça. Depois, levantou-se entre eles um senhor, já de certa idade. Era um homem alto com uns dois metros de altura, musculoso, mas não gordo, de rosto muito alvo, contrastando com o seu cabelo escuro, que já se tornava escasso. Francamente, eu sempre me julguei uma pessoa de bom tamanho, com meus noventa quilos e um metro e oitenta e seis de altura, mas quando vi este gigante, achei-me um tanto pequeno perto dele. Com um sorriso franco nos lábios, dirigiu-se a mim e pegou-me pelo braço, e, para surpresa minha, falou em alemão correto: - Senta-te, indicando-me uma cadeira perto da mesa, onde sentei, fazendo ele o mesmo em outra.

Quero esclarecer um ponto, pois de agora em diante, com o aparecimento deste personagem, tudo que eu falar será em alemão, visto ser difícil e dispendioso traduzir ou escrever os nossos diálogos diretamente em português.

Corri os olhos nos presentes. Eram três mulheres, duas já demonstrando certa idade e uma pela aparência bem jovem, talvez com uns vinte anos mais ou menos.

Desde a minha chegada, não tivera oportunidade de ver assim de perto uma mulher, por isso me detive um pouco em examiná-las.

Não eram feias de rosto, mas a pele era tão branca, que se tinha a impressão de terem vindo de um hospital onde tinham estado internadas pelo menos uns dois meses e perdido todo sangue. Os demais homens eram ao todo, uns 20.

Procedia ainda meu exame nos presentes, quando um dos gigantes me interrompeu fazendo-me diversas perguntas, entre outras o meu nome.

Respondi.

- Artur Berlet

- Actur Berlac, respondeu ele soletrando.

- Artur Berlet retifiquei.

Ele falava um alemão bem aceitável, só que frequentemente substituía uma ou outra consoante por C ou K, por isso ele carregou meu nome no C. E a seguir: - És alemão ou apenas sabes falar?

- Sou de origem alemã, pois meu avô paterno emigrou da Alemanha

fazendo consigo meu pai ainda jovem, que mais tarde iria se casar com uma portuguesa no Brasil. - E o senhor, como se chama?

Acore Cat, respondeu ele. Eu pronunciei o seu nome todo emendado deixando letras fora e acrescentando outras desnecessárias. Então chegou a vez dele retificar, pronunciando pausadamente -"Acore Cat"

Já que me tratava com tanta naturalidade, arrisquei umas perguntas

- E o senhor é alemão também"?

Com um sorriso meloso, respondeu:

- Não sou alemão. Sou acartiano

- Acartiano? Mas que país é este? Em que parte da Terra fica?

Para o cúmulo dos cúmulos, respondeu:

-"Em nenhuma parte da terra", com a maior naturalidade

Eu engoli em seco duas, três vezes, até que consegui balbuciar

- O senhor disse em nenhum lugar da terra?

- Sim, foi o que eu disse.

Aquela confirmação me amiquilou tanto, que pensei que ia me dar um ataque ou coisa pior, ainda mais vendo ele na minha frente sorrindo, como se estivesse acabado de contar uma piada.

Franzi a testa e o encarei incrédulo, dizendo-lhe:

Mas, afinal, onde fica então, por que me encontro aqui e o que querem de mim?

Os outros que estavam presentes pareciam atentos a nossa conversa, mas pelo jeito não entendiam nada. No entanto se deliciavam com uma bebida que também me foi servida, mas que eu nem toquei, por não saber o que era, o seu gosto, etc. Não queria arriscar.

Ele com a voz calma e compassada, disse:

- Em primeiro lugar quero adverti-lo de que não corre nenhum perigo e que está em companhia de um povo que apesar de conhecê-lo há apenas algumas horas, talvez seja tanto ou mais seu amigo, do que seu próprio povo. E mais. A sua vinda para cá foi quase ocasional, ou melhor dizendo acidental

- Como acidental? Perguntei.

Bem, não havia e nunca houve de nossa parte intenção de trazer alguém da Terra para cá.

Quando ele disse, "alguém da Terra para cá", eu disse mentalmente:

Será que isto aqui é mesmo fora da Terra, ou este cara está gozando com a minha falta de conhecimento?

A não ser alguém que já pagou sua culpa por tê-lo trazido e, com um sorriso animador, disse, - Mas não se preocupe, porque antes de a Terra ter dado dez giros em tornos dela, estará de volta a ela, só que" e cortou a frase

Eu fiquei com medo de perguntar, porque temia saber mais alguma novidade como a que acabava de saber, que me encontrava fora da terra, isto

é, em outro planeta

Comecei a sentir uma espécie de vertigem, que me deixou completamente paralisado, funcionando só a mente, que me deu solução para muitas coisas que havia visto nas últimas horas, até então sem explicação

Bem, bem, disse ele tirando-me daquele transe. - Agora vamos cear. Não sei se gostou de nossos alimentos, quando da sua primeira refeição feita aqui, porque temos alguns pratos não conhecidos por vocês terrícolas, mas em compensação temos outros muito parecidos com alguns de lá, que por certo lhe agradarão. E, depois, lhe darei mais detalhes de como veio para cá e de como irá de volta.

Continuei a escutá-lo, mas sem poder lhe responder nada, pois por mais que me esforçasse não me vinha a voz. Fiquei a observá-los e a imitá-los, quando observei que dois garçons começaram a trazer alimentos em umas travessas, que me pareceram de ouro, mas depois vi que não se tratava nem de ouro, nem metal e sim um material que não pude reconhecer

Os pratos eram do mesmo material. A comida não era muito abundante. Parecia que vinha controlada para não faltar e não sobrar. Uma vez servida a mesa, todos se levantavam e eu fiz o mesmo. Elevaram uma prece ao céu e como não entendia nada do que diziam, elevei uma prece a Deus, à minha maneira

Depois da prece, todos se sentaram e começaram a servir. Fiquei por último para observar o sistema deles. Era o mesmo que o nosso

Cada um se servia e passava a travessa para o outro. Havia umas 8 ou 10 qualidades de comida, das quais só comi 3: carne, uma parecida com pão de mel e uma outra muito parecida com arroz. As demais não me atrevi a provar, preferindo deixar para outra ocasião, se a tivesse.

Durante e após a refeição conversaram muito entre eles. Certamente, falavam a meu respeito e pelos gestos vi claramente que havia divergências entre eles. Como não entendia nada do que diziam, permaneci recostado na cadeira e mentalmente fazia um balanço da minha situação, que naquela altura, era das piores possíveis. Mas, como eu já havia acostumado aceitar a situação como imposição do destino, fiquei aguardando o desfecho fosse o que fosse

Finalmente, pareceu-me que chegavam a um acordo, pois começaram a se levantar e a sair, ficando apenas o meu primeiro amigo e o tal Acore. Este último levantou-se também e disse:

- O meu amigo Tuee gostaria que você permanecesse aqui, mas como ainda não se entendem, acho mais sensato levá-lo em minha companhia, enquanto durar sua estada aqui em Acart.

- Meu destino depende dos senhores, consegui dizer meio engasgado

Então ele sorriu e continuou:

- Assim poderei pô-lo mais a par dos nossos costumes e talvez possamos trocar idéias sobre o que existe na Terra e em Acart.

Despedimo-nos de Tuee, como se chamava o meu primeiro amigo.

Por falar em "adeus", não me esqueço do sistema dos acartianos se cumprimentarem: não se dão a mão, mas colocam-na no ombro, tanto ao se encontrarem como ao se despedirem. Para se despedir de uma pessoa mais íntima, põe-se as duas mãos, uma em cada ombro e vice-versa.

Preparamo-nos para sair.

Achei que íamos sair pelo mesmo corredor que eu havia entrado, mas para minha surpresa, dirigimo-nos para os fundos e chegamos num terraço. Com a claridade extrema e o resplendor dos prédios, fiquei todo atrapalhado. Olhei em redor e não vi nenhuma escada que se pudesse descer. Pensei: Será que vamos nos atirar daqui, pois a não ser por aonde viemos, não há outra saída. Mais atrapalhado fiquei, quando meu amigo Acore, parado perto de uma coisa que para mim podia ser até uma geladeira, e segurando uma porta, fez-me sinal para entrar. Pensando que fosse uma cilada, olhei para dentro e, vi então uns finíssimos assentos, que me fizeram lembrar os misteriosos aparelhos que havia visto antes. Então logo aderi.

Ele sentou do outro lado e fechou as portas.

Comecei a examinar devidamente o aparelho, que por fora se assemelhava a uma balcão arredondado ou a uma carroceria de kombi. Por dentro nada vi que pudesse dirigir aquilo. Havia somente duas alavancas pequenas e uns amostradores.

Então ele pôs uma mão em cada alavanca e puxou a da mão esquerda.

O aparelho começou a subir, subiu um meio metro e parou em pleno espaço. Depois seguiu bem devagar até fora do terraço, então ele puxou novamente a alavanca esquerda e subimos reto uns cento e cinqüenta metros ou mais. Feito isto, acionou a alavanca da mão direita e o veículo movimentou-se para frente em grande velocidade. Foi só então que notei que seu pé direito calçava uma espécie de acelerador duplo. Intrigava-me o fato de aquele veículo não roncar, ouvindo-se somente um ruído como de rolamento bem lubrificado.

Viajáramos um minuto mais ou menos. Estourando de curiosidade, perguntei:

- Como que é movido o motor deste aparelho?

Virando-se para mim, respondeu: - Com energia solar.

- Energia solar! Mas que força motriz vem a ser esta?

- Mas ainda não a conhecem na Terra?

- Bem, eu nunca ouvi falar, talvez haja alguém que a conheça, pois ultimamente nossos cientistas têm descoberto muita coisa, mas para a maioria de nós terrícolas permanecem incógnitas as descobertas.

Balançando a cabeça sorrindo, disse.

- Pois são ondas emitidas pelo sol, as mesmas que movimentam os planetas em torno dele. Nós sabemos perfeitamente que não a conhecem na Terra ainda.

Pensativo, respondi

- Conheço algo sobre ondas sonoras usado na nossa radiofonia

-Sim, serve para este fim também, pois a fonte é a mesma, mas há muitas outras utilidades que nós já descobrimos e aproveitamos há mais de cento e vinte anos terrícolas.

-É fantástico! Vocês aqui estão uns séculos a nossa frente no terreno científico. Suponho que em outros terrenos também. E que dizer dos cientistas que aqui têm a inteligência quase divinal.

- Não. Somos humanos, com cérebros humanos e criados por Deus!

- Quer dizer que vocês aqui também crêem em Deus?

Lançou-me um olhar rápido e duro. Compreendi tardiamente, que o havia ofendido com minha expressão. Usando pela primeira vez para comigo um tom áspero, disse:

- Não só cremos como o tememos e o amamos.

- Desculpe, não quis ofendê-lo, é que.

- E o que? Porventura, não sabe que tudo que existe foi criado por Deus. Sim. Ou pensa que a Terra foi criada por um Deus e Acart por outro Deus?

- Não. Não foi isto que quis dizer. É que acho tudo tão estranho. O senhor deve compreender.

- Sim, sim. Bem estamos chegando a cidade onde resido - disse, cortando bruscamente o assunto. Agora vou mostrar-lhe a maior cidade de Acart

- A maior cidade de Arcat?

- Sim, a maior. Tem aproximadamente 90 milhões de habitantes.

Naquela altura, fazia uns dez minutos que nós tínhamos partido de "Con" (Mais tarde fiquei sabendo que era assim que se chamava a primeira cidade que conheci em Acart).

Ele apertou um botão e zás, ficamos com o sol a banhar-nos dentro do aparelho. O teto da cabine era duplo, com uma camada metálica por fora, e a camada interior era de um material vítreo transparente que nos servia de proteção quando a outra parte era retirada.

Ficamos com uma visibilidade magnífica; podíamos olhar para frente e para cima.

A seguir, ele inclinou o aparelho para o meu lado e disse - Veja!

E olhei para baixo com o aparelho voando inclinando sobre a cidade durante vários minutos.

O que eu vi neste instante, ultrapassou tudo o que eu já havia visto até

então em minha vida ou mesmo imaginara. Ninguém poderia fazer um juízo daquela cidade sem ter visto com os próprios olhos, mesmo que fosse o mais inteligente engenheiro da Terra.

Se me mostrassem um homem ingerindo alimentos pelos ouvidos, não teria causado maior admiração do que a visão daquela cidade. Eu não me cansava de olhar as casas, os edifícios, com aquele brilho em sua quase totalidade. Quando eu vira a maravilha de "Con" ficara admirado, mas agora minha admiração era cem vezes maior.

Chamaram-me a atenção, em especial, aqueles tonéis voadores, igual aquele no qual viajávamos. Digo tonéis, porque naquela altura não sabia o nome. Estes iam e vinham, subiam e desciam sobre a cidade em grande número. Lembrei-me de formiga caseira em tempo de desova.

O que me impressionava, era que os ditos tonéis não se chocavam, sendo que voavam em grande velocidade. Creio que não pisquei os olhos nem uma vez e abri tanto a boca, que uma laranja passaria por ela sem tocar os dentes, enquanto sobrevoamos a cidade.

De repente ele disse:

- O que acha?

Eu gaguejando, baixinho, respondi:

- É fantástico, maravilhoso!

Ele riu entre dentes e prosseguiu:

- Bem, vamos descer. Agora irá conhecer meu lar e minha família.

- Sim senhor, respondi.

Endireitando o aparelho, seguiu uma linha reta sobre um edifício de uns trinta andares. Chegando até paralelo à parte fronteira que dava para uma ruela estreita, aliás, igual a todas que eu já havia visto em Acart, parou bruscamente a uns 40 metros acima do teto. Este tinha mais aspecto de campo de pouso ou de esporte do que de telhado.

Havia várias dezenas de aparelhos semelhantes ao nosso, pousados em cima.

UMA FAMÍLIA AMIGA

Começamos a descer retos de início. Parece-me que íamos pousar onde se encontravam os outros, mas em vez disso, cruzamos ao largo, ao passarmos à altura do que deveria ser o telhado. Constatei, que era uma chapa lisa com uma saliência de um palmo de altura ao redor. Deduzi que era para que em tempo de chuva a água não escorresse pelas paredes.

Ao chegarmos à altura do décimo andar, parou com a frente do veículo virada para o edifício, a quatro metros de distância. Daí pousamos calmamente em uma marquise de 3 por 4 metros quadrados.

O edifício contava com uma grande quantidade destas. Para cada apar-

tamento havia uma. Vinham de alto a baixo fazendo sombra umas às outras.

Uma vez pousados, saímos do interior do aparelho. Acore tomou uma pasta de cole e eu por indicação sua, tomei outra menor, na qual, certamente, por ordem dele, haviam posto minha roupa terrícola. Eu pensei que havia ficado na cidade de Con.

Em seguida, Acore abriu uma porta, fazendo sinal para acompanhá-lo. Entramos. Chegamos numa sala muito bem mobiliada, no estilo Acartiano, pouco ou nada diferindo das que eu já havia visto em Acart.

Então, pediu-me a pasta e a pôs em cima de uma mesinha, juntamente com a sua. Eu fiquei plantado, sem coragem para falar ou fazer movimentos, até que Acore voltou-se para mim e mandou-me sentar.

Voltando à realidade, sentei-me na cadeira indicada por ele permanecendo atento apenas aos seus movimentos.

Daí dirigiu-se ele a uma mesa sobre a qual havia um aparelho parecido com um rádio. Um pouco acima na parede, havia um vidro de uns 30 por 30 cm, cor de palha.

Ele apertou um botão, ouviu-se um zumido, e esperando um pouco tamborilou com os dedos na mesa. De repente, apareceu um rosto feminino no vidro.

Pensei comigo: Ah!...É uma televisão!

Mas, para o cúmulo dos cúmulos, a mulher falava sorridente e Acore lhe respondia sorrindo também.

Pensei: Estou perdido. Meu bom amigo enlouqueceu. Também não era para menos, falando com um rosto de mulher refletindo num televisor.

Só podia estar louco!

Conversavam como se estivessem juntos em carne e osso. Era tão cordial e íntima a conversação que para maior desespero meu, achei que ia beijá-la. Finda a conversa desligou o aparelho. Desapareceu o rosto e cessou o zumido.

Virou-se para mim sorridente e disse: - Dentro de instantes estará aqui. Ela está ansiosa para conhecê-lo.

Eu estava gelado, petrificado. Tentei por duas vezes falar, mas não pude, não me vinha a voz.

Vendo meu estado de desânimo, Acore, de alegre passou a assustado e pediu-me:

- Que tem homem? Está se sentindo mal?

Fiz sinal com a cabeça que não. Por fim pude falar e pedi-lhe:

- Que negócio é este? (apontando com o dedo).

Ele respondeu sorrindo:

- É simplesmente, como direi... um telefone para melhor compreensão sua.

- Um telefone?! - Este vidro que apareceu a mulher, o que tem a ver com o telefone? E quem era ela?

- Ora!...E minha esposa. Falei com ela contando de minha chegada com você.

Mas não conhece comunicação desta espécie na Terra?

- Bem, nossos telefones, que eu conheço, são por intermédio de fios e somente se ouve a voz. Temos a televisão que é parecida com isto. As estações transmissoras enviam a imagem e a voz, e os aparelhos receptores recebem-nas. Pode-se até assistir na imagem refletida, mas o que está se apresentando na estação nada vê.

- Bem, e se duas estações se comunicam entre si?

- Ah! Isto lá na Terra é impossível, pois uma estação de televisão custa milhões, quanto mais duas.

Aqui em Acart nosso telefone é este. Cada família tem o seu. Veja. Chamou-me para perto do aparelho. Este é o número do Tuee em Con.

O número para mim ficou no mesmo, pois era escrito com algarismos dos quais eu não entendia nada.

Mexeu nuns botões e começou o zumido. De repente apareceu no vidro o rosto de Tuee (o meu primeiro amigo da outra cidade - Con). Eles falaram um pouco na língua deles e em seguida Acore chamou-me para perto do aparelho, cedendo-me seu lugar. Tuee fez-me uma saudação alegre. Eu respondi inclinando a cabeça e retirei-me. Veio Acore novamente, trocando mais algumas palavras e se despediram. Desligando o aparelho, mostrou-me como funcionava.

- Veja, uma vez ligado, para-se com a cabeça em frente desta lente. Tal lente assemelhava-se a uma máquina fotográfica. Este aparelho transmite a imagem e este a voz. Com quem se está falando, dá-se o mesmo. Está entendendo?

- Sim, começo a entender.

- Bem, agora vamos tomar alguma coisa enquanto aguardo minha esposa.

Quando ele trouxe a bebida eu agradeci, preferindo um copo de água. Mas por não saber o que ele ia servir, pensei com os meus botões.

- Quem sabe lá o que esta gente toma por aperitivo?

Falávamos de uma coisa e outra, quando a porta se abriu e apareceu uma mulher e um menino. Ela com um sorriso alegre nos lábios, mas com uma boca mediana, lábios também médios, nariz fino, um pouco arrebitado, olhos azuis claros, combinando com seus cabelos louros quase palha, que caíam sobre os ombros, com lindas ondas de uma orelha à outra. Seu vestido era largo e comprido até os pés, cheio de babados tanto nas mangas como no corpo.

Por causa de seu vestido espalhafatoso e largo, não pude de início pre

cisar se era gorda ou magra

O menino apresentava uns doze anos de idade (terrícolas), muito parecido com a mulher; julguei que era seu filho pelos traços fisionômicos. E de fato o era. Seu traje era quase idêntico aos nossos da terra.

Acore levantou todo sorriso e foi ao encontro deles, pondo uma mão na mulher e a outra no filho, conduzindo-os até o meio da sala. Ali conversou alguma coisa com a mulher que eu não entendi.

O menino por sua vez permaneceu calado, visivelmente admirado, com o olhar fixo em mim. Achei que ele talvez esperasse encontrar um habitante de terra em uma jaula e não sentado numa cadeira palestrando com seu pai.

Acore separou-se do grupo e veio até mim, apresentando-me a sua família.

Bastante atrapalhado, inclinei a cabeça para frente e cumprimentei-os. Eles corresponderam sem falar e sem se aproximar de mim.

Sentamo-nos os quatro. Acore então me contou, que quando recebeu o aviso para dirigir-se a cidade de Con, a fim de interrogar certa pessoa, não julgou tratar-se de um extra Acartiano. Quando descobriu de quem se tratava, comunicou à esposa que me traria em sua companhia. Dissera que se tratava de um ser igual a eles e de gênio muito calmo. A esposa e o filho estavam a par.

- Olhe, a curiosidade de meu filho por você é grande, como pode ver.

E era mesmo. O menino desde que me vira não pronunciara nenhuma palavra. Olhava-me dos pés a cabeça cheio de admiração.

Por fim, a mulher de Acore começou a me fazer perguntas por intermédio dele, pois ela sabia somente algumas palavras em alemão.

Perguntou-me se eu tinha família numerosa na Terra, se eu estava mesmo consciente de estar em outro planeta e o que achava dos Acartianos. Enfim, uma infinidade de coisas que eu ia respondendo e Acore traduzindo para sua compreensão.

Por fim, até o menino despertou o ânimo e me fez diversas perguntas por intermédio do pai, porque também não falava o alemão.

Eu respondi dizendo que queria ser seu amigo.

Foi só então que ele sorriu alegremente.

Após um longo tempo de perguntas e respostas entre nós, Acore falou umas palavras com sua esposa e esta se retirou.

Várias vezes eu havia visto tirar de um bolso fronteiro, algo parecido com um relógio que consultava. Desta vez não me contive e perguntei:

- Que aparelho é este?

- É um relógio, mas muito diferente dos que conhece na Terra. E prosseguiu: Bem, enquanto minha esposa prepara a refeição, vamos até o terraço, pois assim poderá com mais calma do que antes, ver melhor a cidade.

Saímos os três por um corredor, pegamos um elevador e subimos para

o terraço superior. De lá se podia ver toda a cidade, linda e majestosa até a distância em que as últimas casas se confundiam com manchas de várias cores.

Acore começou a me mostrar os edifícios onde funcionavam escolas, universidades, fábricas, governos, etc.

Eu olhava os edifícios indicados por ele e o sol ao mesmo tempo em que estava à altura, das quatro horas mais ou menos aqui na Terra.

A certa altura, não podendo conter minha curiosidade, interpretei-o:

- Se não me engano o senhor falou em refeição para dentro de instantes?

- Sim. Falei.

Olhando para o que eu agora sabia ser um relógio, ele completou:

- E está quase na hora.

Ficou fitando-me com olhar interrogativo, talvez pensando que eu preferia estar comendo, a ficar olhando a cidade.

Meditava o seguinte: Quando cheguei a Acart, pela altura do sol forçosamente já teriam feito uma refeição. Eu havia participado de duas e agora ainda com o sol alto falar-me de mais uma, era mesmo de perder a linha.

Perguntei-lhe então:

- Mas quantas refeições são feitas aqui em Acart durante o dia?

- Cinco, respondeu ele ainda sem compreender-me.

- Cinco? Mas como?

- Bem, bem, vamos descer. Depois vou lhe explicar certas coisas daqui que já devia lhe ter explicado. Como o resto do dia estou de folga, pois o filho do sol concedeu-me licença para acompanhá-lo, será fácil.

- Quem é este filho do sol?

- É o escolhido do povo, isto é, o nosso governador, melhor dizendo. Como lhe dizia, dar-lhe-ei uma noção mais ampla das diferenças de Acart e da Terra, se assim o desejar.

- Para mim será uma grande coisa.

- E amanhã tenho que levá-lo à presença do filho do sol.

Acore notou que me assustei com a notícia. Para me acalmar, disse:

- Não tema, nada lhe acontecerá, a não ser que você se rebele contra alguém ou qualquer coisa. Pelo que vejo, você é muito sensato, e de nada valeria você perder a calma.

Voltamos ao seu apartamento e encontramos a mesa já posta por sua esposa que nos acolheu sorridente. Sentamo-nos à mesa servida com regular abundância.

Durante a refeição, limitei-me a comer os alimentos já conhecidos por mim. Foi também servido um líquido quente, uma espécie de chá a meu ver, que muito me agradou. Tomei duas taças nesta refeição.

Durante a refeição a esposa de Acore dirigiu-me algumas perguntas, co-

passo que o menino pouco falou.

Terminada a refeição, ela tirou a mesa e retirou-se, imitada a seguir pelo menino, este a conselho do pai.

Tomávamos mais chá, falávamos sobre os alimentos recem-ingeridos, quando lhe fiz a seguintes perguntas:

- O senhor não podia me explicar melhor como e porque vim parar aqui?

COMPARAÇÃO DE DOIS PLANETAS

Acorc sorridente disse:

- E bastante complicado para você entender, como deve ter notado nas vezes anteriores, quando tentei explicar-lhe. Tentarei ser mais explícito. Nós Acartianos já há vários anos estamos realizando excursões a outros planetas, excursões estas que ultimamente vem se concentrando quase que totalmente sobre a Terra

- Com que objetivo?

- Ah!... Nisto há vários motivos.

- O senhor poderia enumerá-los?

- Sim, em parte talvez. Mas para que você possa compreender melhor, vou antes pô-lo a par das diferenças de muitas coisas daqui em relação à Terra, coisas estas que nós Acartianos há pouco descobrimos. Preste então bem atenção, disse-me Acorc.

- "Sim senhor", respondi.

- Assim como vocês lá na Terra, nós aqui também temos os anos que são divididos por meses, meses por semanas por dias, dias por horas, etc

- Vejamos como são aqui.

Um ano acartiano .... 353 dias
Com exceção de cada 6 anos que tem um com .... 352 dias
Dividido por 11 meses de .... 32 dias
Sendo que o primeiro a não ser em cada seis com .... 33 dias
Os meses divididos por semanas de .... 5 dias
Dias divididos por .... 6 horas

Quando ele falou em dias e seis horas, eu explodi dizendo:

- Mas como assim? Parece que já faz uma eternidade que estou aqui em Acart, já fizemos 3 refeições e com o sol ainda alto, e o senhor me diz que os dias daqui só têm 6 horas?

Ele riu de aba despregada da minha confusão e por fim disse

- E lógico que lhe pareça estranho, mas e que estou me referindo a anos, meses, semanas, dias e horas de Acart. Agora vou lhe fazer uma comparação de Acart em relação à Terra e verá a diferença.

Um ano Acartiano equivale a .... 676 dias da Terra
Um mês de Acart equivale a... .... 61 dias e 8 horas da Terra
Uma semana Acartiana a .... 9 dias e 14 horas da Terra
Uma hora em Acart equivale a .... 7horas e 40 minutos da Terra

Nas horas existem outras divisões, mas por ser inteiramente impossível explicá-lhe ocorreu-me que para melhor entendimento entre nós, digamos que são divididas por décimos e centésimos.

- Mas por que Acart, apesar de ter menos dias, tanto nos anos como nos meses, estes são mais longos do que da Terra?

- É porque Acart gira mais lento, tanto em torno de si, como do sol.

- E os meses e semanas daqui porque não são12 ao invés de 11 e a semana

5 dias ao invés de 7 como é na Terra?

- Com referência aos meses, é uma questão astrológica de difícil explicação. Com referência às semanas dá-se o mesmo, e creio não ser interessante explicar lhe, porque quanto mais coloca-lo a par, mais confundido ficara. Agora compreende porque fazemos tantas refeições durante um dia aqui?

- Sim, agora começo a compreender.

- Muito bem. Agora vamos a pergunta referente à sua vinda para ca. Você veio parar aqui da seguinte maneira: Conforme já disse, nós estamos em contato com a terra, com diversos objetivos. Desta vez, objetivo foi este: Nos estamos atrasados e muito, em relação a vocês, num terreno.

- Em que terreno?

- Como vocês diriam do pão.

- Do pão?

- Sim, do pão.

- Mas como?

- E muito simples. O que podemos chamar de trigo, não dá como o de vocês. O nosso dá em árvores. Apesar de produzir em abundância, não resolve o problema porque da uma massa escura e não muito gostosa como certamente você mesmo constatou. E de acordo com o que conseguimos apurar, o vosso da um fino manjar. Foi com o fim de observar o seu cultivo que enviamos uma nave solar (Coelecse), com uma equipe de homens para ver como era plantado e recolher uma porção de terra com a semente do vosso trigo e trazer a Acart para posteriores experiências. Estavam eles executando este trabalho quando você apareceu. Ja que a ordem e não matar ou ferir qualquer terricola, ao lhe verem, apontaram as pistolas solares com muita baixa voltagem, que somente fez perder os sentidos e cair por terra.

Preparavam-se para partir e deixá-lo ali, pois dentro de poucas horas você recobraria os sentidos e seguiria o seu destino. Foi nesse instante que

surgira a pior ideia que podia surgir na cabeça de um acartiano.

O comandante da nave, julgando-o um plantador de trigo, sugeriu que o trouxesse para cultivar o cereal aqui. Seus subordinados não viram com bons olhos a ideia, mas não querendo contrariá-lo concordaram. Introduziram-no na nave, deram-lhe um narcótico suficiente forte para fazê-lo dormir durante toda a viagem e não sentir a transformação de peso nas passagens das zonas neutras existentes no espaço.

- Quantas horas são gastas em uma viagem daqui à Terra?

- 36 e 38 horas terrícolas

- Trinta e seis horas! Quantos quilômetros há daqui a Terra então?

- Aproximadamente 65 milhões nesta época.

- Santo Deus! Mas será que vão empreender uma viagem destas somente por minha causa, respondi com o suor a me escorrer pela testa

- Não se impressione. Já lhe disse que o levaremos de volta. Aquele que o trouxe para cá, já está pagando pela desobediência cometida e você voltará.

- Quando o senhor acha que me levarão de volta?

- Assim que o apresentar ao filho do sol, ele marcará o dia. Mas como ia contando, ao atingirem a nossa atmosfera, deram-lhe um anti-entorpecente, que o fez recobrar os sentidos. Do resto você se recorda com certeza.

- Sim, recordo mais ou menos a minha chegada.

- E assim que a nave aportou em Con, seu comandante mandou que o levassem à residência de Tuec, um dos conselheiros daquela cidade

Este então se apressou em reunir os demais membros, para apreciar o seu caso, e como viram em você um ser humilde e indefeso, e por força das circunstâncias fora de seu mundo, compadeceram-se de você e procuraram entender-se com você. Dirigiam-se a você em vários idiomas sem nenhum resultado, até que você falou em alemão e Tuec entendeu algumas palavras. Como ele sabia que eu falava esse idioma, pois sou muito amigo dele e com freqüentes contatos que temos tido, eu lhe tenho ensinado um pouco, ele pôs-me a par dos fatos. Fui então falar com o filho do sol, a quem relatei os acontecimentos, a pedido do conselho de Con. Ele ficou indignado com o procedimento do comandante e mandou destituí-lo do cargo, transferindo-o para trabalhar, como operário, nas minas de aço solar por um ano (Acart) e me pediu que o levasse à presença amanhã. Então me dirigi para cá e, o resto você já sabe

- Sim, e me foi muito benéfico encontrá-lo, pois havia horas que tentávamos nos entender, sem resultados. Se não fosse o senhor, acho que eu acabaria ficando louco. Mas o senhor falou, se não entendi mal, que transferiram o comandante da nave que me trouxe para trabalhar como operário de uma mina?

- Sim, isto mesmo.

- Não entendo como um comandante de uma nave interplanetária, de

tão alto posto, passe a ser o terráqueo por causa de um forasteiro como eu?

- Sim, porque nossas leis para com os terrícolas são as seguintes: Não os tocar e nem os matar, quanto mais trazê-los para cá, como no seu caso. Aqui as leis são feitas pelo homem e se estes as desobedecer, pagará pela desobediência.

- Eu pensei que um funcionário de tão alto posto tivesse suas regalias.

- Não! Aqui não temos nem altos nem baixos todos são iguais, até o filho do sol. Quando terminar seus dias de governo para o qual foi escolhido pelo povo, voltará a arar lavouras, se por ventura de lá tiver vindo.

- Que minas são estas de aço solar?

- Aço solar é um aço especial, que creio não terem ainda descoberto sua utilidade na Terra. É com ele que fazemos as naves solares e também estas, iguais a que você viajou comigo e possui muitas outras utilidades.

COMO APRENDER LÍNGUAS SEM PROFESSOR

Naquela altura eu era todo pergunta e todo curiosidade e como meu amigo Acorc parecia ter prazer em explicar-me tudo, arrisquei mais uma pergunta.

- Como é que o senhor sabe falar a língua alemã? Por acaso existe aqui, em seu planeta, um país que fale este idioma?

- Não. Aqui não existe e quero lhe dizer mais. Aqui não há mais países. Acart já há muito tempo que é um país único. Há aproximadamente cem anos (terrícolas), Acart era dividido em centenas de países, mas com a compreensão mútua dos povos, foram abolidas as fronteiras, terminaram as guerras e juntamente progredimos, como vê e ainda verá. Quanto a eu saber falar alemão, custou-me e a mais uns colegas muito tempo para conseguir isso. Mas como vê, conseguimos em parte.

- Qual foi a técnica usada para isso?

- Bem, como disse, requereu de nós bastante paciência e inteligência. Periodicamente, fazíamos uma viagem à Terra e nos países visados fotografávamos tudo quanto eram letreiros, pois temos aparelhos com os quais se pode tirar uma foto da cabeça de um prego a 200 quilômetros de distância. Captamos todos os programas de rádio e televisão, gravamos todas as radiofonias e assim trouxemos várias toneladas de material que depois aqui era estudado e comparado. Dessa forma, em menos de 10 anos (terrícolas) conseguimos o nosso objetivo, como você pode ver.

- Mas, conseguiram somente a língua alemã?

- Não. Esta é a que eu mais me dediquei, mas outros da equipe se interessaram por outras e já o conseguiram também.

- Quais são as outras?

- São o russo, inglês e espanhol.

- Mas como é que conseguiu tudo isto sem serem descobertos, pelo menos que eu saiba, na Terra?

- É que nós temos um aparelho chamado neutralizador de visão.

O que vem a ser este neutralizador de visão?

- É um aparelho que em certas circunstâncias pomos em funcionamento ao redor da nave ou de nós, e com isso ninguém pode ver a nave ou qualquer movimento nosso. Além disso, procuramos agir sempre de maneira a não deixar o menor vestígio em terrenos menos guarnecidos. A não ser nos casos de fotografar o que nos interessava, agíamos sempre à noite. Mesmo assim, já nos vimos a braços com o problema de sermos descobertos, mas com os neutralizadores e os nossos meios de nos deslocarmos de uma parte a outra com muita rapidez, conseguimos sair sem problemas.

- Mas por que todo interesse em aprender os idiomas dos povos da Terra? Eu suponho que os Acatianos projetam para o futuro uma invasão à Terra. Não seria isto?

- Não, não se trata exatamente disso.

Houve um ruído no tal telefone (assim chamado por ele). Acore interrompeu nossa conversa e a ele se dirigiu. Pareceu um senhor muito parecido com ele, trocaram meia dúzia de palavras e desapareceu a imagem do outro. Acore desligou o aparelho e retornou até mim. Notei que adquirira um semblante sério, um ar de preocupação com aquela conversa.

Eu continuei:

- O senhor disse: Não se trata exatamente? Quer dizer que algo parecido há então?

Então ele ante a minha insistência na resposta, levantou-se meio encabulado e por fim disse:

- Eu gostaria muito de continuar a responder a todas as suas perguntas, mas devido a um fato novo não posso continuar, sob pena de lhe prejudicar.

Fiquei pensando o que poderia ter acontecido pra transformar tão depressa meu amigo Acore e, em que poderia eu representar perigo para um povo tão adiantado.

- Mas como? Que mal há em eu saber dos planos dos Acatianos em relação à Terra. Por acaso pensam que eu seria capaz de me interpor em seu caminho? Podem estar certos de que tudo o que ouvi aqui em Acart, se ao chegar à Terra contar, não me darão o menor crédito. O muito que poderão fazer é colocar-me na prisão taxando-me de louco. Digo mais: lá na terra só os poderosos têm direito de impor um ponto de vista, corresponda ele ou não à verdade. Estes sim são ouvidos e aclamados, por mais que sejam às vezes uns estúpidos fanfarrões. Os pobres como eu, um humilde operário, senhor Acore, pelo que vi e estou vendo e ouvindo aqui, é tratado bem diferente da minha classe na Terra. Lá não teria direito de ser ouvindo ou até mesmo ver seus

direitos respeitados. Há casos em que, mesmo com a razão e apoiado na verdade vamos perder uma questão jurídica quando está em jogo um poderoso estando ele munido somente do poder e da mentira.

Talvez seja, respondeu ele suspirando

- Posso lhe afirmar que é assim. Os grandes da Terra estão por demais obcecados pela cobiça e pelo poder, para dar ouvidos a qualquer um, principalmente a mim, se eu fosse narrar o que vi e ouvi aqui.

- Queira o criador que o filho do sol e o conselho aceitem sua tese. Se assim acontecer, poderia mostrar-lhe tudo o que temos aqui em Acart, porque o que mostrei e lhe contei é apenas uma visão superficial do que possuímos e sabemos na realidade.

Ao ouvi-lo dizer isto eu fiquei com vontade de recusar-me a ver e ouvir mais coisas, pois o que eu já tinha visto e ouvido, quase já passava do limite de minhas forças.

- Sim. Bem, acrescentou ele gaguejando, deixemos este assunto para outra ocasião, vamos dizer para amanhã, depois de sermos ouvidos pelo filho do sol.

PASSEIO A UM RESTAURANTE

Tirando o relógio do bolso consultou-o, e disse. - São quase duas horas e seis décimos, posso levá-lo para dar algumas voltas pela cidade, antes da última refeição?

- Sim senhor, podemos ir se o senhor quiser.

- Sim, podemos. Agora talvez prefira descansar.

- Não...

Mas o que me sustentava de pé e alerta eram somente as novidades que me apresentavam. Preparamo-nos e saímos dali pela porta que dava ao patamar, onde havia ficado o aparelho no qual tínhamos vindo de Con. Tomamos este transporte e partimos da maneira que já descrevi anteriormente. Ao atingirmos a altura acima do teto dos edifícios, observei o sol. Estava já bem baixo. Perguntei ao senhor Acore quanto faltava para anoitecer.

- Faltam quatro décimos, equivalente a três horas terrícolas

Pensei comigo: E já fizemos a última refeição novamente. Parece-me que esta gente só vive para comer!

- Quanto tempo faz que fizemos a última refeição?

- Ele consultou o relógio e disse: - Faz cinco décimos e dois centésimos, equivalente a 3 horas e 50 minutos terrícolas

Aquelas quase 3 horas e cinquenta minutos tinham passado tão rapidamente com a minha palestra com Acore, que me pareceram uma hora apenas.

Após atingirmos a altura de duzentos metros acima dos edifícios voa-

mos em linha reta em direção norte por uns dois minutos. De repente ele parou bruscamente e começamos a descer. Descemos em uma rua estreita e com intenso trânsito de pedestres. O aparelho parou num lado da ruela onde havia uma infinidade de outros iguais. Dali saltamos e nos misturamos com a multidão. O que achei esquisito naquela gente foi peculiar nas grandes cidades da Terra.

Outro aspecto que me chamou a atenção, era a maneira de trajar daquela gente. Não se via ninguém mal vestido, quase todos os homens com vestimentos mais ou menos parecidos com a que eu usava, tanto no tecido como no feito, apenas notei pequenas variações. Os vestidos das mulheres do mesmo modo.

Outra coisa que me intrigava era o fato de ninguém prestar atenção em mim, pois se tratando de um habitante de outro planeta, seria lógico esperar que toda a atenção daquela massa humana se concentrasse sobre mim, ao contrario, passavam por mim como por qualquer outro. Imaginem aparecer um Acartiano aqui na Terra? Poder-se-ia colocá-lo num lugar fechado e cobrar entrada para vê-lo, que num só dia dava para arrecadar milhões.

Por fim, deduzi que, talvez, a maioria não soubesse da existência de um terrícola em Acart e, os que sabiam julgavam-me numa prisão e não ali passeando em companhia de uma alta personalidade como era Acore.

Sempre seguindo Acore, caminhamos umas duas quadras. Ele de tempo em tempo, me dirigia a palavra, mas eu atento aos transeuntes, nem prestava atenção ao que ele dizia, até que indicou-me um estabelecimento e disse:

- Vamos entrar aqui:

Entramos em um salão, que eu vi tratar-se de algo parecido com um café ou bar cheio de mesas redondas, que não tinham pernas, mas eram sustentadas por um cabo no teto, com cadeiras giratorias tipo assento de motociclo.

Achavam-se quase todos vazias. Logo que sentamos, veio um rapaz nos atender. Acore falou-lhe e ele se virou e foi até o balcão, voltando em seguida com dois copos nas mãos, cheios de um líquido cristalino e os colocou na mesa, retirando-se em seguida.

Acore pegou um e deu-me o outro.

- O que é isto, perguntei?

Ele disse o que era, mas em seu idioma e por isto não entendi. Calculei tratar-se de bebida suave e doce, pelos goles que ele tomava compreendi não tratar-se de bebida alcoolica. Era levemente adocicada, de gosto muito bom, não sendo gelada.

Por falar em gelado, à medida que o sol ia baixando, ia sempre esfriando e eu já começava a ficar roxo de frio, e ainda por cima, meu amigo em vez de pedir bebida quente, pediu aquele meio termo. Deu-me até vontade de verificar se o copo dele não era quente, pois calculei que Acore estava blefando

comigo.

Vendo sua completa indiferença quanto ao frio que se fazia sentir, perguntei:

- O senhor não sente frio?

- Não...

- Acho até impossível que o senhor não sinta frio!

- Acontece que estamos acostumados.

- Nesta época deve ser o inverno forte?

- Que inverno?! Nós aqui não temos inverno.

- Com todo este frio, o senhor queria dizer que é verão?

Não, nem uma coisa nem outra. Aqui nós só temos uma estação todo o tempo. De dia mais quente do que frio, e de noite mais frio do que quente, com pequenas variações quando faz geleiras e ainda antes das chuvas, esquenta um pouco. Com as geleiras, esfria um pouco mais do que o normal.

- Quer dizer que agora é época de geleiras?

- Não, em absoluto. Estamos com o tempo completamente normal. Não reparou que dia claro e ensolarado fez hoje? As geleiras são acompanhadas de tempo chuvoso e fechado.

Tive que rir intimamente quando ele falou em dia ensolarado que para mim não era nada disso, comparado com os dias que nós chamamos de sol, aqui na Terra, pois eu olhei várias vezes o céu e vi muito pouco de azul nele. Para mim a cor do céu era quase chumbo, faltando ao sol aquele brilho que tem aqui na Terra. E continuei:

- Mas como poder ser isto, de não haver inverno e nem verão?

-Bem, você estranha, porque vive em uma região onde existem estas estações, mas certamente não ignora que também lá na terra há zonas onde sempre é frio e outras onde sempre é quente.

- Sim, isto eu sei que existem...

- Pois bem. Acart é como uma dessas regiões. Aqui em Tamuk estamos um pouco a latitude norte, por isso é um pouco mais frio a noite, e de dia é mais quente.

- Sim o dia é comparável com o inverno da terra, isto na região terrestre onde eu moro. Mas, esta noite de hoje, vai ser mais fria do que uma noite polar na terra, segundo estou sentindo.

- Não é só a de hoje. É sempre assim com pequenas variações como as que já me referi e que mal são notadas por nós.

Eu ia perguntar mais sobre o que falávamos, quando ele se levantou dizendo:

Já que está sentindo muito frio, e como vai esfriar mais, é melhor irmos para minha residência e garanto-lhe que já não sentirá frio, e talvez amanhã, eu lhe mostrarei um mapa de Acart e explicarei melhor estes fenômenos

Eu levantei. Ele com muita educação pegou-me no braço e nos dirigimos para a porta. Foi neste instante, que por pouco não fiz o maior fiasco de minha vida. Vale ressaltar, que durante o dia, por várias vezes caí no ridículo, mas desta vez ia ser pior. Por sorte, Acore e nem ninguém entendeu minha atitude. Parei de repente e pus a mão no bolso, olhando para a mesa com os copos vazios e para o garçom, que nem prestava atenção em nós. Ia dirigir-me a ele, quando Acore perguntou-me.

- Perdeu ou esqueceu alguma coisa?

Foi então que me dei conta do que ia fazer e respondi:

- Não senhor.

Ora! Ia fazer o que frequentemente faço aqui na terra. Se me sento à mesa com algum companheiro para tomar bebida, se o companheiro não paga, eu pago. Logo que nos sentamos veio a bebida, foi repetida e não vi Acore pagar. Imaginem eu pagando uma rodada em outro planeta! Ainda mais com o nosso cruzeiro desvalorizado. Às vezes fico pensando e sou obrigado a rir sozinho, imaginando a cara que teria feito o rapaz, se eu tivesse levado a cabo o meu intento, em apresentar-lhe dinheiro daqui da Terra, melhor dizendo, do Brasil. Ainda mais que depois fiquei sabendo que lá não existe dinheiro, de acordo com as leis vigentes.

Dali saímos para a rua e caminhamos até o aparelho. Num instante atingimos a marquise do apartamento de Acore, desembarcamos e entramos na sala de onde havíamos saído antes. Ele indicou-me uma cadeira onde sentei após fechar a porta e disse:

-Fique à vontade que vou ver meu filho que já deve ter vindo do colégio e avisar minha esposa que já regressamos, para que possa preparar a quinta refeição.

Cabe aqui um esclarecimento sobre as cinco refeições diárias feitas em Acart:

A 1ª é feita a um décimo da primeira hora do dia, a 2ª 8 décimos da primeira hora, e a 3ª a uma hora e meia, 4ª a duas horas e um décimo, 5ª e última feita entre 2 horas e 8 décimos e 3 horas. Chamo-as de primeira, segunda, terceira, quarta e quinta, porque Acore não traduziu os nomes dados a cada uma e eu não pude gravar na mente os nomes dados pelos Acartianos e que Acore me explicou.

SAUDADES E SOBRESSALTOS NO FIM DO DIA

Assim que Acore se retirou por uma porta à minha esquerda, fiquei sozinho, recostado na cadeira, com os braços cruzados, cansado e louco de sono.

Comecei a meditar sobre a situação.

De Acart à Terra, eram 60 milhões de km, não era possível, estaria

sonhando! Minha mente era todo um turbilhão de idéias, comecei a falar sozinho e disse: Por que não acordo? Comecei a balançar a cabeça como quem desperta de uma soneira, abri bem os olhos, pestanejei várias vezes, olhei para as paredes, para os móveis e então abaixei a cabeça, pus as mãos no rosto e deu-me vontade de chorar, gritar, fazer não sei o que. A medida que ia me aprofundando nesses pensamentos, menos entendia o que estava se passando a meu redor naquelas últimas horas. Fui obrigado a me levantar e comecei a passear pela sala, passei uma mão na testa, pois suava frio, tremia dos pés à cabeça, sentia uma fraqueza incrível. Deu-me uma vontade de sair correndo e abrir a porta por onde Acore tinha saído e ir procurá-lo, porque aqueles minutos de solidão estavam me aniquilando. Por fim procurei afastar da mente aquele turbilhão de idéias.

Disse para mim: Ora, que insignificante é o homem perante as coisas que Deus criou: o Sol, Terra, Acart e tudo mais, enfim! O que adianta eu estar me torturando com meu destino, se existe grandes coisas e Deus as manobra como é seu desejo! Que dirá de mim? Se ele quisesse, poderia enviar-me ao sol, sem que nada me acontecesse. Assim como vim parar aqui, também poderei voltar da mesma maneira.

Um pouco mais animado com este pensamento de entregar tudo nas mãos de Deus, pois o que se passa com tudo e com todos é simplesmente sua infinita vontade, continuei a andar de um lado para outro já mais calmo.

A porta se abriu e sorridente entrou Acore acompanhado de seu filho.

Assim que me viu, notou que estava abatido, deu mais dois passos e veio até mim olhando-me bem nos olhos, com uma mão em meu ombro disse:

- Parece que não está se sentindo bem!

- Eu estava pensando, respondi cabisbaixo.

- Pensando em que? Disse sorrindo.

- Bem, em muitas coisas, em meu regresso a Terra, em minha família e tudo o mais.

Deu-me umas palmadinhas nas costas e disse:

- Não se preocupe que tudo se arranjará, talvez amanhã mesmo.

O menino já havia sentado, quando Acore convidou-me para sentar.

Já mais animado com a presença deles, sentei. Acore a seguir sentou-se também, ligando antes um aparelho que poderia chamar de televisor, por ser muito semelhante aos nossos televisores.

Perguntou-me:

- Toma bebida que contenha álcool?

Temendo, por não conhecer tal bebida, respondo:

- Muito pouco prefiro bebidas doces, sem álcool.

- Mas como se trata de uma bebida fabricada por mim, posso garantir que lhe agradará. Enquanto ele servia dois cálices, perguntava a mim mesmo

Mas será que é esta a sua profissão? Proprietário de uma fábrica de bebidas alcoólicas? Que mistério é esse de ter pedir licença ao Governo para folgar um dia? Também podia ser as duas coisas ao mesmo tempo: empregado do Governo e proprietário de fábrica.

Servindo o cálice, deu-me um dizendo:

- Experimente.

Eu provei. Era um pouco adocicado, muito saboroso, mas continha uma boa graduação alcoólica.

- É de sua fabricação?

- Sim, respondeu ele sorrindo satisfeito

- Quer dizer que o senhor é proprietário de uma fábrica de bebidas alcoólica?

Não. Não se trata disso. É que aqui em Acart já há muito que não se fornece bebida alcoólicas em lugares públicos pois é proibido. Mas é permitido fabricá-la e tomá-las em casa, nas horas de folga.

- De que são feitas estas bebidas?

- Geralmente de frutas.

- Por que é proibido vender bebidas de álcool em lugares públicos? Isto se refere aos bares também?

- Sim, em todos os lugares.

- E as fábricas vendem a quem então?

- Já disse que aqui não existem fábricas de bebidas alcoólicas.

- Por quê?

- Pelo seguinte motivo: Toda pessoa pode viver sem bebida de álcool, mas não pode viver sem comer. Por conseguinte, o Governo terminou com todas as fábricas de bebidas de álcool, instalando nelas fábricas de gêneros alimentícios ou qualquer outro artigo de utilidade do povo.

Noto que o Governo daqui se interessa muito pelos problemas do povo.

- Sim. Acontece que o Governo é o próprio povo, pois de tempo em tempo, é escolhido por este povo em eleições.

- Parece-me que o seu regime é parecido com as democracias da Terra. Você as conhece?

- Sim, conheço um pouco sobre elas. O nosso regime tem alguma semelhança com as democracias terrícolas.

O interessante que observava em mim, era que eu estava já há 22 horas sem dormir e cansado fisicamente e mentalmente – estando eu com Acore, ao reatarmos a conversa, cada vez mais eu tinha perguntas para fazer a ele. Por sorte na residência de Acore era bem mais quente do que na rua, por isso este problema não afetava mais.

Desta vez, perguntei

Em que ponto o seu regime daqui difere das nossas democracias? Poderia o senhor explicar-me?

Ele pegou o queixo com os dedos polegar e o indicador da mão direita, baixando os olhos para o assoalho, e depois de um momento de reflexão

Olhou-me firme e disse:

- Bem, poderia, melhor ... gostaria, mas!.

- Mas, o que? Perguntei.

É que eu não sei qual será a reação dos meus compatriotas, ao saberem que lhe pus a par de tantas coisas daqui, podendo com isto, complicar a sua volta à Terra

Como irão saber do que estamos falando, se estamos a sós, pois creio que o menino não nos entende e, além disso, não servir ou ser testemunha ou denunciante!

- Não, não é preciso nada disto, nem de testemunha ou de alguem que denuncie as nossas trocas de ideias, para o filho do sol e o conselho ficarem sabendo.

- Então eles são adivinhos?

- Em absoluto. É que amanhã quando eu lhe apresentar a eles, talvez me perguntem a respeito do que eu lhe expliquei e terei de contar. Porque nós, para salvar a própria vida, não mentimos, porque mentindo ao homem ofendemos ao Criador.

- Que importância tem se souber qualquer coisa daqui, a mais do que já sei e vi?

- Bem, isto é muito complicado. Por favor, para o seu proprio bem, não me peça mais nada sobre qualquer coisa ate amanhã, depois de lhe apresentar ao conselho e ao filho do sol, a não ser que o veja com seus proprios olhos. Acho que já me aprofundei demais em certos terrenos.

Acorc tinha razão ao me dizer isto, pois no dia seguinte, tive conhecimento de que, as opiniões divergiram a meu respeito entre os membros do conselho. Uns achavam que não havia perigo algum que um lavrador terríco a visse ou ouvisse qualquer coisa sobre os Acartianos ou Acart. Trariam me de volta sem deixarem comigo a menor prova de eu ter estado lá

Assim, ninguem me daria credito, ainda mais na Terra, onde só se prova qualquer coisa, com fotos, testemunhas oculares, onde a palavra individual por mais que expresse a verdade, não possui grande valor

Por outro lado, os demais encaravam o problema com mais serenidade, julgando talvez que eu fosse um cientista disfarçado de lavrador e na hipotese, nós terricolas soubessemos mais sobre eles, do que eles supunham

Tinham-me posto perto do aparelho com fim de descobrir algo. E agora que eu me encontrava em Acart, devido à imprudencia de um deles, com minha volta à Terra, poderia por abaixo um plano urdido há muito tempo com

relação à Terra.

- Garanto-lhe que não há mal algum em mostrar-me ou contar o que quer que seja daqui, pois a julgar pelo senhor, o povo daqui é muito pacífico e generoso. Também pela maneira que estou sendo tratado, nunca poderei esquecer e por mais que tivessem meios, não iria servir de instrumento para perturbar a sua paz. Creio também que os Acartianos assim pensam com relação aos terrícolas, pois se o contrário quisessem, com os meios de que dispõem já há muito o teriam feito.

- Não! Não seremos nós que iremos roubar a sua paz, mas ...

Ao pronunciar a última palavra, Acore levantou-se de repente, parecendo-me que tinha tomado um choque elétrico.

- Bem, está quase na hora da refeição, cortando a nossa conversa. - Creio que está com vontade de dormir, pois creio que na Terra não passa mais que 16 horas sem dormir.

- Sim. Só passo mais do que este tempo, em casos especiais. Normalmente, das 24 horas do dia, durmo 8 a 9 horas.

Olhando o relógio, falou.

- Falta um décimo (equivalente a 46 minutos na Terra) para completar 22 horas sem dormir.

- É que com tantas novidades e surpresas que tive hoje, nem me lembrei do sono, e quando for dormir, creio que irei fazê-lo por este tempo também.

Ele tirou um pouco o ar de preocupação e sorrindo disse. - É mesmo.

Nisso a esposa entrou na sala com seu inseparável sorriso amável no rosto e se dirigiu até a Acore, fazendo antes um carinho no filho.

O menino devia estar mais cansado do que eu, pois todo aquele tempo permaneceu sentado, a nos observar, sem dar uma palavra, pois não entendia o alemão.

Falaram pelo espaço de um minuto. Então ela se retirou sempre a sorrir. Eu permaneci sentado, sem entender nada do que falavam.

Acore serviu-me novamente bebida para, segundo ele, aguardarmos a refeição.

Não demorou muito, a esposa retornou com a refeição, depositando-a em uma mesa. Colocou depois, pratos e talheres. Notei então, que ela estava com um penteado diferente daquele quando a vi pela primeira vez. Seus cabelos que antes caíam sobre os ombros, agora tinham sido divididos em partes, transpassados como um começo de trança, os dois da esquerda vinham para a direita e os da direita para esquerda, com as pontas juntas sobre a testa, parecendo 4.

Enquanto tomávamos a bebida conversamos sobre uma ou outra coisa, mas nada digno de nota.

Aquela hora notei que a mesma sala que servia de sala de visitas era usada também para refeições, pois todos móveis eram embutidos nas paredes. Achei que devia haver falta de habitações.

A esposa de Acore terminou de pôr a mesa e, com um sinal acompanhado de um sorriso, convidou-nos para jantar. Digo jantar porque já era noite.

Dirigindo-nos para a mesa. Já ia me sentando, quando lembrei-me da prece que fazem antes das refeições.

Os 4 reunidos, de pé em torno da mesa, e es em silêncio fizeram as prece e eu dei graças a Deus por poder fazer mais aquela refeição.

Terminada a prece, sentamo-nos. Relancei os olhos para os pratos que já havia comido antes. Por sorte, estavam na mesa, com a vantagem de que, desta vez havia dois pratos de carne. Um era igual ao que já havia comido e outro, reconheci ser carne e peixe.

O interessante nesta refeição é que desde o momento em que me entendi com Acore, havia pedido explicações sobre tudo o que via e ouvia. Agora, de interrogador passei a interrogado.

Acore servindo de intérprete fez-me diversas perguntas formuladas por sua esposa, e até o menino arriscou alguns, apesar de haver permanecido mudo durante todo o tempo.

Tinha me servido de carne e daquele prato parecido com arroz e pão sendo este de massa escura, de gosto parecido com o nosso pão de centeio.

Voltei em seguida à carne, indicando o prato que me pareceu carne de peixe.

- É carne de peixe?

- Sim, respondeu ele. Aprecia?

- Sim dos da Terra aprecio muito, mas daqui ainda não sei. Acho que deve haver muita diferença dos nossos.

- Não! Em absoluto. São seres aquáticos que vivem na água como os de lá e como deve ter notado as águas são iguais.

- Sim, quanto à água propriamente dita não há diferenças, é líquida como a nossa, mas na Terra com um copo d'água eu sacio a sede, ao passo que aqui eu necessito de um litro.

Sim, no tocante à água é assim, mas este fenômeno não se observa com relação ao peixe que vive nela.

Alcançou-me o prato, dizendo: - Experimente.

Servi-me de dois pedaços, provei.. Era como ele dissera. Tinha o gosto igual aos dos nossos, com a diferença de serem macios como clara de ovos batidas.

Apesar de toda a comida de lá, parecia-me que eu não pesava nem 50 quilos.

A propósito, qual é o alimento básico na região em que vive na Terra?

Bem, o senhor deve saber em que a situação geográfica do Globo Terrestre fica o Brasil, país ao qual eu pertenço.

Sim, conheço quase todos os países e seus respectivos continentes pessoalmente ou por mapas

- Bem, eu pertenço ao sul do Brasil. Lá o clima é ameno, com estações quentes e frias, onde existem cereais sujeitos ao clima frio e outros ao clima quente. Os das estações frias são plantados na estação fria, mas dão o fruto nas estações quentes. Quanto a alimentação, não temos uma linha definida, porque nossa região é composta de imigrantes de vários pontos do Globo Terrestre. Uns possuem um sistema de alimentação, e há aqueles que têm outro sistema. O europeu, por exemplo, germânico, tende pelas guloseimas, enquanto o latino dá preferência à acidez. Há ainda os naturais do lugar, descendentes de índios da terra ou de português conquistadores, estes últimos europeus, mas já considerados natos, porque foram os iniciadores da nossa civilização a quatro séculos. Estes dois últimos dão preferência a carne e alimentos de alto teor nutritivo. Por isto lhe digo que não temos uma linha definida, pois até de uma vila a outra diferem os tipos de alimentação. Agora, segundo o que o senhor explicou-me sobre Acart, deduzi que a maioria dos cereais cultivados em minha zona não se adapta aqui em Acart.

- Por que não?

Por exemplo: o trigo é plantado no inverno, mas colhido no verão, se porventura estiver formando o grão, se fizer muito frio morre completamente. Temos outra infinidade de produtos cultivados no verão, mas que também podem sofrer grande prejuízo se fizer frio fora de época. Por outro lado, temos produtos que se produzem em zonas de eterno frio e outros em zonas tropicais, mas são de pequena monta. Conclui-se, portanto, que em minha zona não há nenhum produto agrícola que possa ser cultivado aqui, já que aqui não há época fixa para fazer frio ou calor.

Suspirando fundo, ele disse:

- Pode ser. E prosseguiu - Pelo conhecimento que tem, deve ser agricultor

- Não, eu apenas nasci na zona rural. Meus pais ainda são agricultores. Atualmente na Terra eu estou sem emprego, mas minha profissão é motorista. Estou aguardando vaga para trabalhar em uma comuna.

- É casado?

- Sim, e tenho dois filhos

- Então, virou-se para a esposa e trocaram umas palavras. Pela expressão do rosto dela, ele devia ter dado esta notícia. A seguir perguntou-me:

- Minha esposa pergunta o sexo de seus filhos

- Tenho um casal

- Que idade eles têm?

- A mais velha, uma menina tem pouco mais de dois anos e o outro, um menino, tem quase um ano de idade.

- Assim que eu respondia, ele traduzia para ela.

- Sua esposa sabia para onde tinha ido?

- Sabia sim, pois eu tinha ido visitar meus pais e ao mesmo tempo fazer umas cobranças. Quando voltava para casa, deu-se o acidente que me fez vir para cá. Se por acaso alguém comunicar a esposa que eu parti da casa de meus pais com destino de casa, vai haver a maior atrapalhada, pois tenho certeza que muitos me viram já perto de casa. Espero que ninguém dê a notícia e que minha esposa pense que ainda estou com meus pais, pois do contrário, Deus me livre do que pode acontecer. Pensarão que fui morto pela estrada. Nem quero pensar na desgraça.

Já tínhamos terminado a refeição, tendo eu comido bem pouco, por além de não ir muito com os alimentos, estava com pouco apetite, ainda mais com o assunto que falávamos.

Enquanto Acore explicava minha situação à esposa, eu baixei a cabeça. Tinha um nó na garganta, como se tivesse engolido um osso, e por mais que fizesse esforço para me controlar, não pude evitar uma lágrima que rolou pelo rosto.

- Minha esposa diz que sente muito não poder falar em alemão, para poder expressar seus sentimentos pelo que aconteceu e ainda está acontecendo com você.

Uma pergunta formulada pelo menino, por intermédio do pai, alegrou me um pouco o espírito perturbado.

- O senhor está gostando daqui?

- Bem, estou sendo tratado muito bem aqui, mas você é muito pequeno para compreender o que um pai sente tão longe da família, como eu me encontro.

- E se meu pai mandasse buscar sua família, o senhor não gostaria de morar aqui?

- Gostaria. Ainda mais se pudesse educar meus filhos junto com meninos como você. Mais isto nunca será possível.

Ele calou-se e continuou a me fitar com ar de tristeza.

A esposa de Acore serviu-nos ainda uma bebida e depois passou a tirar as coisas da mesa. Aquele ar sorridente que lhe era peculiar, tinha se transformado em preocupação ou compaixão, depois de eu ter contado parte de minha vida.

Notei também em Acore algo de estranho. Calculei que talvez ele tivesse se aprofundado demais em certos detalhes para comigo ou tinha alguma notícia má para mim. Este pensamento veio a ser plenamente confirmado no

outro dia.

Ao terminar minha resposta, não pude evitar um longo bocejo frente àquele homem que merecia o maior respeito de minha parte.

- Deve estar se entregando ao sono, disse Acorc.

- Sim, é verdade, mas ao mesmo tempo me lembro da noite de 23 horas que tenho pela frente para dormir, pois na Terra nem mesmo doente dormi tantas horas.

UMA CIDADE À NOITE

Olhando o relógio, ele disse:

- Bem, mas não terá que dormir tanto assim, pois já faz 3 décimos que escureceu, portanto só faltam 20 horas para o dia de amanhã e podemos levantar 3 décimos antes de raiar o dia. Assim serão somente 18 horas.

- É, mas mesmo assim, é o dobro do máximo na terra!

Levantou-se e bateu-me com a mão no ombro, dizendo: - Vai ver que nem notará com a canseira que tem.

- Tomara que assim seja! E continuei. Que horas costumam se recolher para dormir aqui em Acart?

- Depende. Se temos algum passeio à noite ou alguma visita, dormimos mais tarde, caso contrário, normalmente a 4 décimos da primeira hora da noite.

- O senhor me perdoe por estar novamente fazendo perguntas, mas quer dizer que falta um décimo para a hora normal de dormirem aqui?

- É mais ou menos. Agora, sobre coisas como as que estamos falando pode perguntar, porém outros assuntos existentes que eu gostaria, pelo menos até amanhã, que não me perguntasse, porque talvez não possa responder-lhe.

Eu já estava de pé à frente dele.

- Se quer encurtar um pouco a noite vamos à sacada que lhe mostrarei a cidade, mas se preferir dormir já, então lhe levarei ao quarto.

- Sim, podemos olhar um pouco mais essa sua bela cidade.

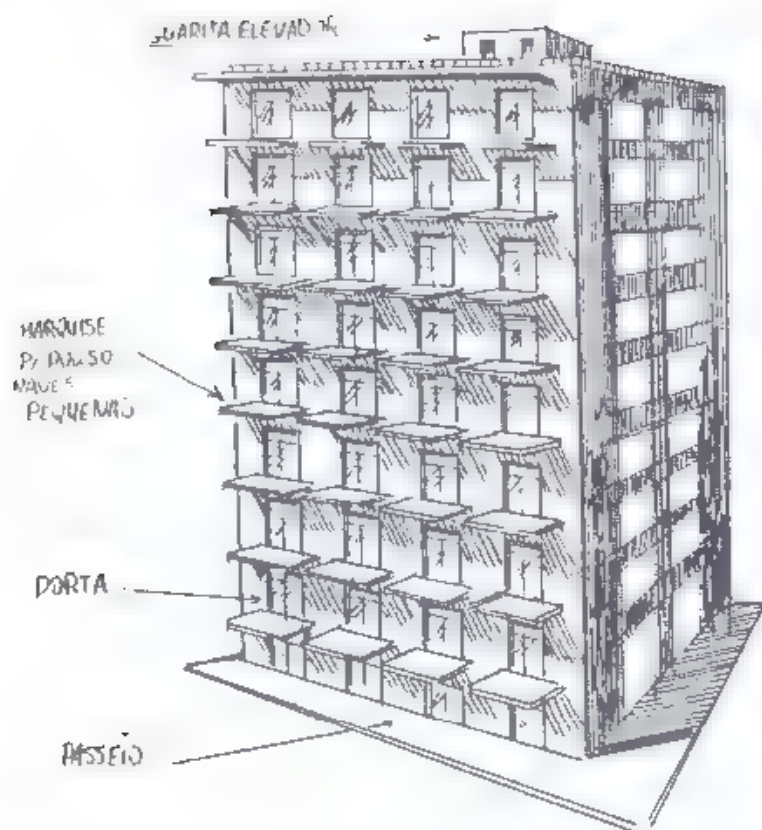
Então, ele deu-me um capote de tecido grosso.

- Vista-o.

- Mas para que, se eu não sinto mais frio!

Ele riu com prazer.

Bem, então não insisto, mas garanto-lhe que lá fora a esta hora é muito frio, mais do que aqui. É lógico que você não sinta frio aqui dentro, mas lá fora é outra coisa.

Vesti o capote, enquanto ele abria a porta que dava para o patamar ou marquise, em que nós havíamos deixado o aparelho (voador).

Uma vez fora da porta ele a fechou, certamente para não penetrar o vento na sala, onde ficará o menino a estudar uns hieróglifos (para mim) e a mãe a cuidar dos seus afazeres.

Acore dirigiu-se a uma coluna no canto da marquise. Eu pensei que ele fosse se apoiar nela, mas em vez disso ele apertou um botão ali existente. Surgia então uma espécie de cerca à nossa frente, para que pudéssemos nos apoiar. Pensei em colocar as mãos nela para me apoiar, a fim de ver melhor a cidade, mas não o fiz, porque o frio era muito intenso. Procurei resguardar as mãos e o rosto o mais possível.

Estes detalhes eu os narro, porque os anotei no dia seguinte. Pois ao sair e ao pôr os olhos na cidade, fiquei encantado, mudo e surdo, já que o espetáculo que via à minha frente era por demais maravilhoso e assustador ao mesmo tempo.

O que havia visto deixara-me muitas vezes de boca aberta, porém agora o que via batia todos os recordes.

A cidade que havia sobrevoado de dia, majestosa e linda, agora parecia toda em chamas, e o fogo que parecia estar consumindo-a era de diversas cores.

Com um grande esforço consegui recuperar a voz. Então, perguntei.

- Mas o que é isto? O que está acontecendo?

- Como o que? Respondeu ele.

- Com as casas, retruquei!

- Nada, disse ele sem me entender.

- Nada, mas este fogo nelas?

- Provem das paredes, ora!

- Sim, compreendo, mas não estão queimando?

- Não, não estão, são assim mesmo. É o mesmo resplendor que você viu de dia.

Bem aquilo é outra coisa. Uma casa recem pintada com os raios solares é obrigada a brilhar, mas agora não há sol!

Eu lhe garanto que não há nada de anormal. É o material com que são feitas, que emite este resplendor, que logicamente é diferente de dia e de noite.

- Que maravilha! É inacreditável!

Depois disso, ele falou mais alguma coisa que eu lhe respondi sim ou não, pois estava magnetizado com o que via.

Todas as casas, grandes ou pequenas, pareciam que eram feitas de ferro incandescente, pois brilhavam como uma lâmpada. Sua luz, porém, não resplandecia além de 2 ou 3 metros. Dentro deste espaço via-se tudo nitidamente.

As janelas, letreiros, tudo enfim com a luz refletia das paredes. Como as ruas eram estreitas, quase alcançavam de um lado a outro. Para compensar o escuro no meio das ruas, havia lâmpadas nos próprios prédios, mas podia-se distinguir nitidamente a claridade das paredes. A luz das lâmpadas era igual, ao passo que as das paredes variavam.

Eu estava tão encantado com o que via, que se não fosse Acorc pegar-me pelo braço e quase me arrastar para dentro, eu ficaria ali a contemplar aquela maravilha até o outro dia, sem me lembrar sequer do sono que antes me dominava.

Durante este tempo, creio que ele falara muita coisa comigo, pois após me ter explicado que não se tratava de um desastre e sim de simples paredes dos prédios, fiquei tão admirado que não ouvi mais nada, até que ele me levou para dentro.

Então dei conta do que havia cometido e pedi:

- O senhor me perdoe. O senhor compreende, eu nunca imaginei que pudesse haver coisas assim no mundo!

- Sim, sim, não se preocupe. Eu compreendo, além disso está muito fatigado. Agora vamos dormir.

- Sim senhor.

- Acompanha-me que lhe levarei ao quarto.

Despedi-me da senhora e do menino com um inclinar de cabeça e segui-o até a outra extremidade da sala. Ele tocou num botão e abriu-se uma porta que eu não havia notado, pois durante o tempo que permanecera na sala, sempre me parecera um ornamento de parede. Foi surpresa maior quando vi o

interior do mesmo. Não havia nada dentro dele e além disso, era muito estreito. Olhei o assoalho, era igual ao da sala. Pensei: Será que vai querer eu durma no assoalho numa noite tão comprida?! Não é possivel .

E não foi mesmo

Acore entrou e tocou um botao na parede, que fez deslizar mansamente uma cama ate o assoalho. Tocou um outro, deslizou um guarda-roupa e outro, uma pia com água corrente. A parte que eu vira na parede como um simples quadrado, era o fundo da pia.

- Aqui esta a cama. Se precisar de agua, ai tem, disse indicando a pia. Esta é a roupa de dormir e aqui e a luz. Mostrou-me um fio que descia pela parede semelhante aos nossos da Terra.

- Sim senhor, obrigado. Respondi.

- Se precisar de alguma coisa a noite, toque aqui (indicou-me um botão perto da porta) e bom repouso. Em seguida retirou-se

Fechei a porta. E com as mãos para tras fiquei encostado a porta passando um exame de tudo. Era pequeno o quarto, mas com todo o conforto para uma pessoa. Fui ate o guarda roupa, e ali estava minha roupa de terricola. Passei a mão na minha roupa e com os olhos fixos nela sentei na cama

Apoderou se de mim uma tristeza, uma saudade da Terra que quase chorei.

Teria sido muito melhor que a tivessem posto em outro lugar, para que eu não a encontrasse, ainda mais àquela hora.

Ha varias horas que eu nao via mais nada que se relacionasse com a terra, a não ser meu próprio corpo.

Se Acore soubesse o mal que me causou, ao por a minha roupa ali, com o bom coração que tinha, certamente não o teria feito

Agarrei minha roupa e apertei contra o peito, como se fosse tudo o que tinha de mais grato na Terra. Mae, pai, esposa, filhos, irmãos e tudo que estava ali refletido em minha roupa. Nao e possivel que (afundei o rosto nela) so eu e você, somos os desventurados de estar tao longe de onde nascemos

- Oh! Que tristeza! Balbuciei.

Creio que jamais alguem sentia amor por uma roupa, porém eu sentia. Confesso que ela era meu viver: amor, tristeza e saudades ao mesmo tempo. Se me entristeceu, também me deu ânimo tê-la em minhas mãos, pois viviamos juntos na Terra, viajamos para Acart e ali estavamos so nos dois, terricolas juntos. Ah! Que consolo! Tinha pelo menos uma coisa da Terra para tocar

Fiquei sentado na cama, com a roupa amassada entre as mãos e sobre os joelhos, com a cabeça baixa por longo tempo pensando em tudo

Terra, Acart, retorno para junto dos meus e nao sei mais o que. Acho, uma vez que nao fiquei louco naquela hora, nao ficaria mais

Por fim levantei me e delicadamente pus a roupa no guarda-roupa e o

fechei [illegible] sem antes contemplá-la por longo tempo. Porém, com um susto virei-me e fui até a cama e nela sentei. Novamente com a cabeça baixa entre as mãos desesperado como um prisioneiro condenado na primeira vez que entra na prisão, apesar da minha situação não ser muito diferente.

Quem poderia supor que fosse verdade o que Acote afirmava de me trazerem de volta à Terra, e que os Acartianos tivessem tamanha bondade para com um mísero terrícola como eu? De empreenderem uma viagem interplanetária de uns sessenta milhões de Km só para me levarem de volta à Terra. Tudo isto me vinha à mente naquela hora, com a solidão, o silêncio. Em Acart não havia bondes, trens ou automóveis, nada que fizesse barulho àquela hora da noite. O silêncio era comparável a uma cidade pronta para guerra. Eu sentia vontade até de me matar, pois a tensão dos nervos estava a tal ponto que eu tinha que fazer um esforço enorme para me controlar um pouco, para logo depois perder completamente o domínio sobre mim.

Passado algum tempo naquele estado, levantei, fui até a pia, lavei o rosto com água fria, molhei os braços e fiz esforço enorme para me controlar um pouco.

Sentei-me novamente na cama e comecei a trocar de roupa. Afinal tudo era verdade para mim, porém mais verdade era o sono que estava me aniquilando.

Feita a troca de roupa, pus-me a examinar de novo o calçado que trazia nos pés. Era bem esquisito. Quando o calcei não prestara muita atenção no seu feitio, mas agora, com o meu estado de tristeza, ao pegá-lo nas mãos, creio ter dado gargalhadas bem fortes. Nunca vira coisa semelhante. Passara todo o dia com eles nos pés, era tão macio que me dava impressão de não ter nada nos pés. Agora eu vi porque toda aquela maciez. Não sei se compreenderão minha descrição do calçado. Talvez se eu fizesse um molde ou explicasse pessoalmente.

Enfim, era mais ou menos assim. Na parte da frente, onde os nossos têm o bico fino, que quando novo aperta os dedos contra os outros, este era largo, com os lugares certos para cada dedo.

No comprimento pareceu-me que dois números de diferença não importava, porque na metade tinha molas dentro do solado. Este, nesta parte, era como um fole de gaita, com uma palmilha por dentro que não deixava a gente sentir nada, nem as molas e nem o fole.

O salto era de material parecido com couro e cedia a meu ver mais de um centímetro e meio, isto porque tinha umas molas em forma de "V" muito resistentes e fininhas por dentro. Este conjunto tornou o calçado uma maravilha para usar.

Após o exame coloquei-o no assoalho e deitei na cama. Nem bem tinha deitado, quando me vieram novamente aquele turbilhão de ideias, mas o sono

era tanto que sem notar, meus pensamentos viraram sonhos e finalmente dormi.

Era um sono tão profundo, que se me pegassem e me carregassem para outro lugar eu não acordaria

Não sei quanto tempo dormi, só sei que depois de muitas horas acordei, minha cabeça latejava como se eu tivesse tomado um pileque. Movi as pernas e os braços, sentindo-os todos doloridos, não por causa da cama, pois era bem confortável e sim devido ao dia anterior que passara. Olhei para a luz acesa, tinha passado a noite assim. Pensei, que barbaridade, quanta luz consumida por nada! É que eu estava tão fatigado, que quando meu corpo sentiu o contato da cama não vi mais nada. Talvez Acore não tenha notado que dormi com ela acesa.

Espreguicei-me na cama, procurando descobrir que horas seriam

Escutei para ouvir algum barulho, mas nada ouvi. Tudo era silêncio

Levantei-me, fiz um pouco de exercício e procurei uma janela. Não havia janela alguma. Calculei que fosse um quarto central, mas depois soube por Acore, que em sua maioria os prédios tinham repartições centrais, sem a luz do dia e com ar condicionado. O meu era assim

Fui até a pia, lavei-me com aquela água cristalina e leve, um bocado fria

Feito isto, fiquei pensando. Será que ponho a minha roupa ou a daqui?

Eu senti até dó da minha roupa, por ter que ficar ali sozinho com as deles.

Por fim resolvi vestir o mesmo vestuário que me haviam dado no dia anterior e fui me vestindo sem presa, já que agora tinha tempo para ver melhor seu feito e tecido. Segurei a camisa numa mão e disse: - Puxa! Com todos estes babados e franjas dá para segurar 25 nenéns babões nos braços, pois há lugar para todos babarem a vontade.

Enfim, aqui de certo é moda! E disse um provérbio. (terrícola) O que é moda não incomoda, e fui tratando de me vestir.

Arrumei bem a camisa e as calças, fechei mais ou menos um metro e meio de zíper que tinha por todos os lados. E estava pronto o marquês de atrapalhada. Quase ia me esquecendo do sapato, abaixei-me e peguei um pé, olhei o de novo e comecei a rir. Estava até confortável demais, mas por outro lado, parecia um sapato de palhaço com aquele bico largo. Peguei o outro e calcei-o. Pensei: e agora vou dormir de novo? Acore certamente ainda está dormindo.

Meditei um pouco, fui a porta e abri-a devagar. Senti uma súbita alegria quando constatei que já era dia, pois a sala estava apagada e vi pelas janelas da frente (só havia na frente) a luz do sol batendo nas paredes dos prédios fronteiros.

Contente por ter terminado aquela noite horrível para mim, [illegible] saí do quarto, fechei a porta, atravessei a sala e [illegible] até a porta que dava ao patamar onde na véspera tivera a impressão de ter visto a cidade em chamas. O tempo lá fora [illegible] estava a cidade linda e majestosa [illegible] me lembrei que na certa ainda deveria ser frio lá fora.

Retrocedi pela sala que se achava em silêncio. Não sabia onde se encontravam Acore e [illegible], pois na certa não estavam mais dormindo. Encontrei o sobretudo, vesti-o e fui até a porta. Fui, apoiei os cotovelos na cerca do patamar. Não sei por que Acore a deixara ali.

Assim meio inclinado, fiquei contemplando a cidade. Para o lado que eu olhasse tinha com que me satisfazer, um prédio era mais lindo do que o outro. O sol se encontrava bem baixo no horizonte, prometendo um dia lindo como o anterior, sem uma nuvem no céu. A luz do sol projetava-se contra as paredes e produzia um brilho multicolor.

Eu murmurava baixinho: Assim deve ser o céu. Não duvido que seja aqui mesmo o céu, e essa gente sejam os que morreram durante séculos na Terra e vieram ressuscitar aqui!

Já se notava movimento de veículos pelo ar e de gente pelas ruas.

Comecei a observá-los, parecia que ninguém tinha pressa. Também gente como esta, correr para quê? Tinham tudo o que se possa imaginar e precisar na vida.

Comparei-os a nós aqui na Terra. Nós sim, precisamos correr, mas não para amontoar riquezas, pregar falsidades, intrigas, desuniões, e sim correr unidos para desvendar estas belas e boas coisas que Deus nos deixou para nos servir delas. Quantas coisas belas e úteis que existem por este infinito afora que Deus criou para nós. Mas não pensem que Deus vá pegar um bando de loucos e avarentos pelas mãos e vá conduzi-los a estas coisas e dizer: aí está, veja. Não! Nunca foi, nem será assim, para isto ele dotou o homem de uma inteligência e é valendo-nos dela que podemos chegar a estas coisas que ainda pertencem somente a Ele.

Porém, para isto precisamos de compreensão mútua e paz. Porque sem estas não haverá progresso. Fomos criados por Deus, os animais e coisas, tudo enfim.

Eu estava ali me deleitando em contemplar a cidade e fazendo conjecturas, quando ouvi um leve barulho atrás de mim. Virei-me, era Acore.

O GOVERNO SE INFORMA E DECIDE

- Bom dia, disse ele.(respondi) Passou bem a noite?

Sim, dormi bastante, só que custei um bocado para conciliar o sono.

Por quê? Talvez a cama não estivesse boa (falou sorrindo)

Não, pelo contrário, é uma maravilha.

- Então o que houve? (bem que ele sabia o que estava havendo comigo).

Bem, o senhor se ponha em meu lugar. Se estivesse na Terra. Longe da Pátria, da família, do seu mundo enfim. Minha família talvez já esteja a par do meu desaparecimento e a minha procura, em vão.

- Sim, compreendo. Hoje e se Deus quiser resolveremos a sua situação e o mais breve possível o levaremos de volta a Terra.

Eu suspirei fundo, dizendo:

- Queira Deus!

Vamos entrar que está quase na hora da primeira refeição, porque depois eu e você iremos à (nome da casa do governo que eu não entendi

Mais tarde ele me explicou como se chamava o palacio onde se reunia o Filho do Sol com o conselho.

Entramos e nos sentamos, porque não estava pronta a refeição.

Perguntei:

- Que horas são?

Ele olhou o relógio e respondeu:

- Um décimo da primeira hora do dia.

Eu achava graça cada vez que ele me dizia as horas.

Também! Uma hora era quando aqui na Terra seriam 10 horas, uma e meia seriam meio-dia aqui, 3 horas seria escuro. Isto levando a altura do sol por base.

Neste instante, entrou na sala a esposa de Acore trazendo o que seria parte da refeição e a colocou sobre a mesa. Deu uns passos em nossa direção e sorridente como sempre, com um inclinar de cabeça cumprimentou-me. Eu lhe retribui da mesma maneira. Tanto ela como eu, sabiamos da inutilidade que teria qualquer adeus por palavras, pois o que ela falava eu não entendia e vice-versa. Eu via que ela movia os lábios como querendo falar comigo, como seu esposo fazia com tanta facilidade.

Ela aprontou a mesa e se retirou, vindo a seguir o menino, este me cumprimentou da mesma maneira. Por fim sentamos à mesa.

Doravante não mencionarei mais as preces, quando mencionar refeições. É mais fácil eles não comerem do que comer sem fazer a prece.

A refeição pouco diferia das outras. Havia só a mais, um chá escuro e o pão era adocicado, com o gosto um pouco melhor que das vezes anteriores. Feita a refeição, nos aprontamos para ir ter com o filho do sol. Neste aprontar, foi incluida a minha troca de roupa, tirando a de lá e vestindo a terricola.

Acore aconselhou-me que assim fizesse, para que não houvesse duvidas entre os membros do conselho e o filho do sol, sobre a minha pessoa. Ali estava eu, como realmente era, um simples operário.

Em parte ate gostei que me pedisse para trocar de roupa. Com a minha

roupa no corpo eu me sentia mais à vontade. Meu traje todo se constituía das seguintes peças: sapato preto, meias marrom, calças de brim (cortaza) azul, camisa de lã xadrez e casaco marrom (Renner) sem chapéu, pois não uso e nunca usei.

Tudo pronto, fomos até a marquise (patamar) onde se encontrava o aparelho (voador). Acore antes retirou a cerca com um aperto no botão, aproximou-se do aparelho e abriu as portas.

Indicando uma disse.

- Entre.

Assim que entrei, ele fechou a porta e fez a volta pela frente e entrou do outro lado. Após entrar, fechou a capota, mas somente a parte de vidro.

Fez os motores funcionarem e partimos em um instante. Já voávamos sobre a cidade.

É longe a sede do governo, ou não é para lá que estamos nos dirigindo?

- Sim, é justamente para lá que estamos indo. Em poucos instantes estaremos chegando.

- Quantos Km tem de distância?

- É perto. Tem 60 Km.

Não houve mais tempo de eu terminar a pergunta, pois ele já me chamava a atenção, mostrando um prédio grande e arredondado, dizendo - Veja, é ali. Nós voávamos em pouca velocidade.

Eu sempre achara que Acore morava no centro da cidade, mas estava redondamente enganado. De onde ele morava até ali, era uma cidade só, com ruas e casas muito parecidas, mas aonde chegáramos, era evidente ser o centro da cidade pelo grande número de edifícios ali existentes.

Acore fez um semicírculo e fomos pousar em cima do edifício que ele dissera ser a sede do Governo.

Desembarcamos do aparelho, no meio de dezenas de outras semelhantes. A parte de cima do edifício era plana, do tamanho de um campo de futebol. Aliás, quase todos os edifícios e prédios, além de terem as marquises na frente dos apartamentos, tinham também aquele plano no telhado, com a finalidade exclusiva de servirem de pouso para os aparelhos, pois havia tantos, como um exame de abelhas. Um pouco intrigado por não ver onde se podia descer, perguntei:

- Onde vamos descer?

-Por ali, Acompanha-me.

Mostrou-me uma espécie de guarita que me havia passado despercebida. Dirigimo-nos até ela.

Acore acionou um botão e levantou-se uma tampa de uns dois metros. Entrei seguido por ele. Então começamos a descer (era um elevador), fomos

parar na lateral de uma sala estreita e comprida, muito movimentada. Disse Acorc: - Vamos sentar-nos, até que chegue a hora de eu lhe apresentar ao filho do sol e conselho, reunidos.

Sentamos numas poltronas. Havia muitas na sala.

Em toda parte por onde andei, desde a minha chegada a Acart, quase não despertei a atenção de ninguem, mas ali nesta sala, fiquei abismado com a maneira que me olhavam. Alguns vinham ate nos e falavam com Acorc. Este, com ar de desaprovação, parecia me, mandava-os que se retirassem do redor de nos. Pela maneira de Acorc se dirigir a eles, vi ser ele muito respeitado.

- De quantos membros é composto o conselho de que o senhor fala?

- De muitos, são mais de quinhentos...

Que eu estava preocupado, era verdade, sem sombra de dúvidas. Mas Acorc, não sei por que, também estava.

Ele me respondia sempre que eu lhe dirigia a palavra, porém não estava muito propenso a falar. Desde que chegamos ali, ele preferira o silêncio. Permanecemos sentados por vários minutos, sob o olhar interrogador dos que ali se encontravam e passavam.

De repente chegou até nos um senhor jovem, vindo de uma porta na nossa frente. Acorc virou-se para mim em seguida, dizendo: - Podemos entrar, acompanhe-me.

Segui ao lado dele. Entramos na mesma porta de onde saira o rapaz. Ao passar por ela e que eu vi porque o prédio era redondo. Penetramos numa repartição muito grande, num salão. Era redondo em 3 lados e o outro lado tinha a parede reta. A parte redonda estava cheia de cadeiras, cada uma como um bureau na frente. Estavam colocadas em círculos, de acordo com as 3 paredes. As fileiras, uma atrás da outra em forma de degraus, até as últimas de trás ficarem a dois metros acima das primeiras filas. Estas eram em número superior a 500. Na parte reta, fronteira aos círculos, havia uma mesa retangular. Com uns 6 metros de comprimento contendo 9 ou 10 cadeiras de espaldar alto. E tanto de um lado como de outro havia duas fileiras curtas de cadeiras, no mesmo nivel da primeira fila circular e meio metro abaixo da mesa retangular.

O rapaz conduziu-nos até as duas fileiras curtas de cadeiras do lado esquerdo da mesa grande e sentamos. Ficando à nossa esquerda as fileiras circulares.

Os conselheiros começaram a entrar e iam sentando a nossa esquerda. Não demorou muito, estavam quase todas as cadeiras tomadas.

- Esta reunião foi convocada somente para julgar meu caso?

- Sim, em parte.

- Por que em parte?

- Porque o conselho reune-se todos os dias úteis, porem hoje, o primeiro assunto a ser apreciado é o referente a você.

Cheio de medo, perguntei:

- O que querem de mim?

- Bem, querem fazer-lhe umas perguntas.

- Umas perguntas? Penso que conforme as minhas respostas me reterão aqui pra sempre?

- Não creio que isto lhe suceda, porque os que optam pela inconveniência do seu regresso são poucos.

- Então há alguns que pensam desta forma, meu Deus?

- Sim, por isto é bom que lhes responda às perguntas, porque assim se convencerão de que não há perigo algum em sua volta à Terra.

Eu estava cheio de receio, pálido e pensando: todos estes grandes senhores, para eles tanto faz reter-me aqui ou mandar-me de volta à Terra. Mas e se decidirem pela primeira hipótese? Estou perdido! Resta a esperança de todos serem de bom coração, como Acorc.

De repente, abriu-se uma porta à nossa direita e entrou um cortejo de nove pessoas. Todos se levantaram, inclusive eu. Seguiram até à mesa grande e sentaram nas cadeiras (de espaldar alto). O quinto homem do cortejo, julguei (e acertadamente) ser o Filho do Sol.

Uma vez sentados, o do centro fez um sinal com a mão e todos sentaram.

Eu estourando de curiosidade, perguntei:

- Aquele senhor do centro é o Filho do Sol?

- Sim, é, respondeu ele.

- Seu tipo é de homem de bom coração. Pelo que aparenta, não é destes que se valem da posição que ocupam para oprimir os outros.

- Justamente. E digo mais: aqui somos todos ou procuramos ser compreensivos para com tudo e com todos, e ele foi escolhido por milhões por ser um dos mais compreensivos e se ocupa a posição que ocupa é para fazer justiça com a própria lei que o elevou a este cargo.

- O senhor não sabe se ele é a favor ou contra o meu regresso à Terra?

- Digo-lhe que se dependesse dele, você já estaria de volta a seu lar.

Com esta resposta, eu perdi um pouco aquele estado de desânimo que me acompanhava.

Nisto o Filho do Sol levantou-se e com voz macia dirigiu-se aos presentes, creio que para apresentar-se aos conselheiros para julgarem o meu caso. Eu não entendi nada do que ele falava, mas compreendi que era sobre mim, pois de vez em quando gesticulava para mim.

Travou-se então um debate entre eles, mas não um debate de gritaria, e sim de perguntas e respostas. Acorc permanecia em silêncio ao meu lado.

Não me atrevi perguntar a Acorc o que falavam. Passados uns 20 minutos, com um sinal do Filho do Sol, cessou o debate, para em seguida começar

outro, desta vez com a minha participação e de Acore.

Feito o silencio, o Filho do Sol dirigiu-se a Acore e este se levantou e de pe, escutou atento sem dizer uma palavra, durante varios minutos, respondendo somente sim ou nao, mas sem abrir a boca, somente com a cabeça. De repente, Acore virou-se para mim e ordenou que eu me levantasse.

Levantei-me. Então ele prosseguiu:

- Alguns membros do conselho e tambem o filho do Sol, querem fazer-lhe algumas perguntas.

Naquele momento, nem me passou pela mente que Acore ia servir de interprete entre mim e eles. Desnecessariamente, perguntei:

- Mas como responder-lhes, se não entendo nada do que falam?

Acore sorriu com um canto da boca e disse:

- Ora! Por meu intermédio, homem!

- Ah, e mesmo, nem me lembrei. - Bem, pode lhes comunicar que estou pronto a responder tudo o que estiver o meu alcance.

Acore falou-lhe o que havia dito, permanecendo de pé a meu lado. Levantou-se então, entre eles um corpanzil, com cara de quem morreu ha um ano e permaneceu dentro de uma geladeira ate aquele momento. So não fazia crer que era um morto andante por causa de um sorriso triunfador que tinha no rosto.

Com voz de trovão, perguntou: - Promete responder com a verdade tudo o que lhe for perguntado?

Acore traduziu a pergunta, a qual respondi dizendo: - Sim, dou minha palavra de honra.

- Qual é o seu grau de instrução?

Esta pergunta surpreendeu-me por completo, porque eu esperava que viesse outra, como: e casado, que idade tem etc., mas nao esta. Custei a responder. Acore ficou me olhando, a espera da responda, estregando as mãos uma na outra. Por fim respondi:

- Fui dois anos à escola quando pequeno, mas pouco aprendi. Sai da escola no mesmo livro que iniciara (1ª ano).

- Está certo de nunca ter frequentado uma escola de engenharia ou de astronomia?

- Estou, e lhe digo mais: nunca entrei em tais escolas e nem mesmo tive a honra de falar pessoalmente com um professor desta classe.

- Qual é a sua profissão na Terra?

- Se não faz diferença, este senhor (indiquei Acore) pode explicar-lhe, pois já lhe disse tudo detalhadamente.

Com a concordância deles, Acore fez um relato de tudo o que eu lhe havia contato, minha idade, nacionalidade, estado civil, profissao e todo o mais.

Parece-me que todos concordaram. Ate mesmo o Filho do Sol, que

permanecia calado, assentiu com a cabeça

Então o primeiro sentou e levantou-se um outro. Este era magro, de rosto fino e com cara de Taxaim (lobo), com voz fina e cadenciada perguntou: - O que o senhor fazia nas redondezas de nossa nave solar quando foi apanhado de surpresa por nossos guardas?

Eu contei porque e como andava por aqueles lados naquele dia, conforme já narrei.

- O que é que os terrícolas sabem a respeito de nossas naves solares?

- Aparentemente pouco ou quase nada.

- Por que aparente?

Expliquei: Digo aparente, porque minha condição de humilde operário me impede de estar mais em contato com os estudiosos do assunto ou com os cientistas, que podem talvez saber algo sobre suas naves. O que ouço falar de vez em quando é que foram vistos discos voadores (como são chamados na Terra). Por isto, eu digo que pouco ou nada sabem, nem de onde vem ou do que são feitos. Posso até garantir, que suas naves ainda pertencem ao mundo do mistério. Porém, eu que agora conheci uma de perto, acho que assentaria mais chamá-las de bandejas voadoras, porque se pareciam mais com bandejas.

- Todos riram da minha opinião.

Eu me alegrei e disse mentalmente: Está ficando boa a coisa.

Então, o 2º cedeu a palavra a um 3º. Este também com cara de morte. Eu admirava a cor da pele daquela gente. Tinham todas umas cores de quem veio de um sepulcro, de um branco pálido, tanto homens como mulheres.

O 3º personagem perguntou-me

O que fará o senhor quando regressar à Terra?

Contente com a palavra regressar, respondi:

- Bem, seguirei a minha vida normal

- Não, não é isto que quero saber. É se vai contar que esteve aqui e o que viu e tudo o mais?

- Bem, para ser franco, nem sei o que responder

- Por quê?

Porque só depois que eu estiver na Terra (se conduzirem-me a ela) é que vou pensar se é conveniente eu contar a alguém ou não. De um lado, há possibilidade de eu contar, porque nós terrícolas somos muito faladores.

- O que quer dizer com "falador"?

- É que não podemos ficar com um segredo por muito tempo sem falar. Por outro lado, se eu falar, estou sujeito a me expor ao ridículo, porque ninguém vai acreditar se eu contar semelhante coisa. Por isso, garanto que há possibilidade de eu falar, mas nenhum ou alguém vai acreditar no que eu contar sobre Acart, nem mesmo para minha família.

- Mas a palavra de um homem não tem valor na Terra?

- Bem, em certas circunstâncias tem, mas para provar um fato como este, só com provas materiais ou humanas e estas onde irei arrumá-las?

- Eu quisera ter certeza de que assim fosse!

- Eu tenho certeza de que é assim, e arrisquei uma pergunta, aliás, mal sucedida.

- Mas, se por ventura eu contar o que vi e ouvi aqui, e alguém acreditar que mal poderá advir disto?

- Bem, talvez possa....Limitou-se a responder.

Então, interveio novamente o cara de trovão, que me interrogara primeiro e disse:

- Desculpe, mas se exigimos a sua presença, foi para interrogá-lo e não para interrogar-nos.

Cheio de medo, respondi.

- Desculpe-me.

O Filho do Sol que permanecera calado durante todo o tempo em que me interrogavam, fez um sinal e tudo se acalmou. Sentaram os que estavam de pé, inclusive eu e Acore. E falou com voz calma aos presentes.

Como eu não entendia nada do que ele falava, perguntei a Acore.

- O que é está dizendo?

- Está propondo uma fórmula para o seu caso,

- Em que se baseia esta fórmula?

- No sentido de lhe fazer um exame completo antes de deixá-lo na Terra, porque assim não lhe deixarão prova alguma daqui, que demonstre ter estado mesmo aqui. Diz, ainda que crê firmemente em suas palavras, de que ninguém vai acreditar em você lá na Terra.

- E não crerão mesmo! Porque eles preferem caçar no escuro... .

- Que quer dizer com caçar no escuro?

-Sim, mesmo que eles achem fundamento na minha história, não vão ligar. Há gente lá, que já deu os primeiros passos aonde os senhores já chegaram há muitos anos. E cada qual luta para ser o primeiro a atingir um ponto qualquer fora do Globo Terrestre, não por haver necessidade de andarmos atrás de outros planetas para habilitar, porque temos espaço suficiente para duplicar-nos, sem preocupar-nos com a superpopulação. É por ambição, por honras e glórias que procuram.

Como o debate prosseguia sem nossa participação, continuei dizendo:

Talvez lhes aconteça como diz uma fábula que eu conheço. "Um caçador cismou que em determinado lugar deveria haver muita caça e como ninguém mais lhe dava vivas e elogios nas voltas de suas caçadas rotineiras, resolveu fazer uma caçada de grande monta, para que quando voltassem vitorioso, todos o aclamassem". Fez os preparativos e gastaram grande fortuna, esquecendo que com este enorme gasto poderia acarretar miséria, fome e morte aos

seus filhos e irmãos. Estes já grandemente prejudicados com as caçadas rotineiras. Julgando-se [illegible] em condições, tocou para a grande caçada. Ao dar os primeiros passos, encontrou um menino maltrapilho que, sabendo das intenções do caçador, chegou-se a ele dizendo:

- Senhor, não vá caçar agora, para aquelas bandas, porque eu de uma maneira mágica estive lá e só voltei por um milagre. A caça que o senhor pensa encontrar, já foi arrebatada por caçadores muito poderosos que lá existem. Se o senhor insiste em levar a cabo esta caçada, com os meios de transporte e armas que dispões atualmente, perecerá no caminho ou quando morrerá ao encontrar os caçadores que vos aniquilarão! Então o caçador disse:

- Menino atrevido! Porventura, queres dar lições de caça a um caçador como eu? Taxou-o ainda de bobo e louco e obcecado pelas glorias que teria ao regressar, continuou, deixando o menino ali a segui-lo com um olhar vago e triste. Quando tinha percorrido a decima parte da viagem, compreendeu que com os meios de transporte que dispunha, não era possivel prosseguir. Dispunha-se a remediar estes para retroceder ou prosseguir sua ambicionada viagem, quando foi atacado pelos outros caçadores que dispunham de melhores transportes, que o massacraram.

Acore, sorrindo entre dentes disse:

- És muito realista?

- Sim, eu prefiro a lógica, apesar dos meus irmãos da Terra, em sua maioria, serem um tanto aventureiros.

Então em tom de blague ele disse:

- Até parece que você não gosta deles?!

- Não, pelo contrário, gosto de todos os terríeolas, brancos, pretos e amarelos. O que eu detesto é a maneira de agir de muitos, por serem materialistas demais.

Acore, este excepcional homem, eu o admirava cada vez mais pela sua inteligência, pensando que ele escutava somente a mim, mas não ele escutava simultaneamente a mim e ao debate do conselho. Isto ficou comprovado para mim quando de repente Acore levantou-se, interpelado que foi pelo Filho do Sol, cortando nossa conversa.

Trocaram ideias durante uns dois minutos, depois Acore virou-se para mim fazendo sinal para eu levantar. Levantei e então ele me comunicou que a formação do [illegible] do Sol tinha sido parcialmente aceita, dependendo apenas de umas perguntas que ainda queriam me fazer.

Primeiramente foi o proprio Filho do Sol que perguntou:

- O que é que você já sabe e viu aqui em Acart?

Esta pergunta eu compreendi logo que fora feita apenas para testar minha lealdade, pois certamente Acore já tinha respondido para eles antes disto. Se eu caísse em contradição para ocultar algo que sabia de lá, então certa

mente não creriam sobre o que dissera da Terra. Refleti um pouco e respondi: O meu amigo Acore aqui pode responder por mim, pois o que vi, foi em sua presença e o que sei foi ele que me contou.

- Mas, se o considera amigo, não teme prejudicá-lo com esta declaração?

- Não, não temo, porque com a verdade não se prejudica ninguém.

Parece que todos gostaram desta minha resposta.

- Está bem, nós já sabíamos que era assim. E prosseguiu: Se por ventura nós precisamos de alguém na Terra, acha que podemos contar com a colaboração, principalmente com a sua?

- Eu lhes digo que se me reconduzirem à Terra, eu lhes serei eternamente grato e se apresentar ocasião, de uma maneira ou de outra eu puder prestar algum auxílio a um de vocês, eu o farei, até com o sacrifício da própria vida.

Creio que algum dia, possivelmente, será mesmo de grande valor para nós na terra, e se isto acontecer, prestará um grande serviço a nós e também a vocês mesmos, e aos que lhe são caros na Terra. Mas como poderei prestar auxílio a um povo tão poderoso, como os Acartianos?

- Comparando com o corpo, a menina dos olhos também é pequena, no entanto sem ela, não se pode ver nada.

- Isto é, respondi, sem entender bem o que ele queria dizer com isso.

Falou novamente com Acore. Então, este mandou que eu sentasse, sentando também. Daí seguiu-se um debate entre o Filho do Sol e os conselheiros. Debate este, como já disse, com calma, onde cada um expunha seu ponto de vista.

- O que é que ele está dizendo agora?

- Está pedindo a opinião do conselho.

Após se dirigir em palavras ao conselho, o Filho do Sol, cruzou os dedos das mãos sobre a mesa e ficou em silêncio. Seguiu-se um murmúrio entre quase todos os conselheiros, até que um se levantou, calando-se os demais. Dirigiu-se em palavras ao Filho do Sol.

Eu estourando de curiosidade, interroguei Acore:

- O que diz este?

Acore sorrindo para mim satisfeito, disse:

- O que ele está dizendo é uma boa notícia para você.

- O senhor não pode traduzir-me logo o que ele diz?

- Sim, respondeu, ele, com olhar fixo no que falava. Em nome do conselho, está dando plenos poderes ao Filho do Sol, para que ele resolva o seu caso, como melhor lhe parecer.

- O que será que ele fará comigo?

- Já lhe disse o que ele pensa a seu respeito

Terminada a explicação do conselho, o Filho do Sol tomou a palavra e disse: (Acore traduziu-me depois).

Já que de agora em diante minha resolução será a do conselho também por conseguinte, do povo de Acart, resolvo o seguinte: Como este ente terrícola não veio até nós por sua própria vontade e sim trazidos por um dos nossos, a bem dizer à força, e como o nosso espírito de bondade e também nosso alto senso religioso nos ordena não prejudicar a ninguém, não nos resta alternativa, senão a de levá-lo de volta a Terra.

Digo mais:

- Já que ele muito viu e ouviu sobre Acart, peço ao Senhor Acore que o induza a ficar conosco mais dois dias, isto é até o nosso dia de guarda. E que assim que findar este dia, partirá uma nave para levá-lo de volta a Terra. Mas se ele deseja partir imediatamente, que o levem. Se ele concordar em ficar até depois do dia guarda, ordeno ao senhor Acore a acompanhá-lo e mostrar tudo o que possuímos e até mesmo contar-lhe todo nosso plano com respeito a Terra. Assim ele compreenderá que o melhor é ter-nos como amigos.

- Eu notei mesmo que Acore ficara meio surpreso a certa altura da fala do Filho do Sol. Certamente, foi quando ele dissera isto.

Então Acore comunicou-me tudo, inclusive o pedido do Filho do Sol, fazendo empenho para que eu respondesse se queria partir logo ou se ficaria para depois do dia de guarda. Eu refleti ligeiramente. Bem, agora que eu tenho certeza que vão me levar de volta, não me importa ficar um dia ou dois mais.

Então respondi:

- Pode dizer que se é assim, eu ficarei até lá.

Acore dando demonstração de contentamento, a minha resposta

o se is mais

e ficaria para depois do dia de guarda. Eu refleti ligeiramente. Bem, agora que eu tenhtransmitiu ao Filho do Sol a minha resposta.

Após ouvir a resposta, ele ainda ordenou a Acore que me levasse a sua residência para fazer a próxima refeição. Dito isto, retirou-se, seguindo dos que com ele estavam à mesa. A seguir, os outros também se retiraram.

UM ALMOÇO COM O FILHO DO SOL

Então eu e Acore saímos e fomos até o corredor das poltronas e nos sentamos.

Acore me perguntou:

- Está contente?

- Se estou! Respondi.

Ele prosseguiu:

O Filho do Sol pediu-me para levá-lo à sua residência, a fim de fazer

a próxima refeição.

- O senhor diz que eu terei de fazer a refeição na mesma mesa do seu rei ou presidente? Quem sou eu para merecer tão grande honra!?

- Já lhe disse que aqui não teremos diferença de classe, somos todos iguais. Tanto faz você fazer uma refeição em minha casa como na do Filho do Sol, ou na de qualquer outro.

- Se é assim, então vocês se consideram todos como irmão?

É verdade que custamos a compreender isto, mas desde que chegamos a esta realidade, transformamos o nosso planeta, de um inferno de roubos, mentiras logros, especulações e vergonhas, em um paraíso de amor, fraternidade, compreensão e progresso.

- Ah! Se na terra tivesse uma compreensão assim! Mas que nada. Lá por enquanto impera aquilo que o senhor se referiu primeiro. E não sei até quanto! Talvez até se arrebentarem a todos e a tudo. Então, certamente será tarde para começar um império de belezas e de amor ao próximo, como é o caso aqui.

- Bem, vamos indo que está quase na hora da segunda refeição.

- Ir para onde? O Filho do Sol não mora aqui mesmo neste palácio?

- Não.

- Mas ele não tem um palácio?!

- Não. Porque haveria de ter um palácio com 80 ou 100 peças, quando lhe basta um apartamento com 8 ou 10 peças, para viver comodamente com sua esposa, dois filhos e dois serviçais.

- Eu não entendo como o gênero humano chegou a tal ponto de compreensão aqui!

- No que diz respeito ao Filho do Sol, é lógico, uma vez que todos têm os mesmo direitos e deveres, e escolhemos os que devem dirigir os nossos destinos. Estes, uma vez escolhidos, suas vontades são transformadas em leis e suas palavras são ordens, mas não é lícito, que se aproveitem do poder que o povo lhes pôs nas mãos, para benefício próprio, porque as leis são criadas para o bem comum. Se assim o fizerem, estarão desmentindo a confiança que o povo lhes votou. Na verdade, o Filho do Sol e o conselho têm o poder de mandar, desmandar e lhes são atribuídas todas as honras, respeitos, como escolhidos do povo que são. Mas, no que concerne à vida particular, têm os mesmos direitos que qualquer outro, tanto como alimentação ou habitação.

-É fantástico, exclamei!

Caminhamos até o fim do corredor, devagar, conversando.

Então ele entrou num elevador e mandou que eu entrasse também. Subimos até o 3º pavimento, saímos num corredor bem mais estreito do que o outro lá embaixo, seguimos até uma porta. Esta tinha um metalzinho pendurado no feitio de um pires. Acore pegou-o com dois dedos e levantou-o até ficar

no sentindo horizontal e dai largou-o de encontro à porta. Ouvi um tilintar lá dentro (é a uma campainha). Enquanto aguardávamos frente à porta, perguntei: - O que vamos fazer aqui?

Ele olhou-me surpreso, com a expressão de quem responde uma pergunta inútil e respondeu:

- Não se lembra mais porque o Filho do Sol nos convidou?

- Sim, mas é aqui que ele mora?

- Claro! Onde esperava que fosse seu apartamento, no terraço?

Eu ia responder qualquer coisa, mas não foi preciso porque finalmente a porta foi aberta e apareceram na soleira um moço aparentemente jovem, com um largo sorriso e voz macia. E disse:

- Entrem....

Não entendi suas palavras, mas pelos gestos entendi que foi isto que indicou-nos uma poltrona na qual sentamos. Em seguida falou com Acorc e se retirou.

- O que disse ele, perguntei?

- Disse que vai avisar o Filho do Sol que estamos aqui. Dizendo isto, Acorc se recostou na poltrona, parecia cansado.

Eu comecei a examinar a sala onde nos encontrávamos. A não ser o tamanho que era um pouco maior era quase uma cópia do apartamento de Acorc, móveis, paredes e tudo mais. Lembrei-me das ideias que eu fazia quando Acorc me falava do Filho do Sol. Eu antevia seu palacio com um belo jardim à frente, embelezado por chafarizes multicolores, portão alto com uma esfinge do Filho do Sol num dos pilares, guardas de uniformes brancos e mais um sem fim de criadagens. De repente, me vinha à mente que ele foi escolhido por milhões de Acartianos, então suspendia este e mentalmente fazia outro muito mais fantastico. Dali a pouco apurava ainda mais minha arquitetura imaginaria, e construía uma ainda maior, com paredes multicores, sem faltar aqueles riquefiques muito particulares nas edificações daqui da Terra. Ao redor se via dezenas de naves pousadas e outras tantas que chegavam e saiam. Na entrada do palácio uns guardas de honra.

Para chegar ao gabinete do Filho do Sol, tinha que se passar por um vasto salão, cheio de gente pedindo audiência aos milhares, sendo atendidos uns, inconformados outros, naquela balbúrdia infernal. Mas ao invés disso, para o cumulo das surpresas para mim, ali estava eu no palacio dele, palacio este, que não era nada mais nada menos que um modesto apartamento, com apenas dois criados e em absoluto silêncio a não ser que houvesse mais alguma salas para os fundos, mas pouco depois me certifiquei que estas não existiam.

Além do salão do conselho para receber alguem ou conceder audiência, era mesmo usada a sala onde nos encontrávamos. Aquela hora também me

dei conta porque eu estava chamando tanto a atenção de todos desta vez. Eu andava tão atrapalhado que não me apercebera que vestia a roupa terrícola desta vez. Esta nem tanto pelo feitio, mas pelo tipo do tecido, era completamente diferente dos tecidos de Acart. Comecei a olhar para o vestuário e para o de Acorc, era como o dia e a noite. Perto da dele, a minha tinha um aspecto de quem saiu na chuva e se molhou, ao passo que a dele era própria para uma reunião ou visita daquela. Eu até me sentia com vergonha. Se pelo mesmo tivesse um terno! Terno completo e uma gravata! Apesar de que não tinha encontrado ninguém de lá com uma. Acho que até desconhecem na, o que é uma pena, porque colarinhos pelas mangas e pelo corpo, havia para por várias dúzias de gravatas. Só no pescoço não havia nada, eram tronxas (como eu chamo as camisas sem colarinhos).

Quanto ao meu traje lá na Terra, me sentiria chateado até para entrar em um café, para tomar sorvete com ele. Mas aqui é diferente, é uma novidade. E consciente disso, que tanto eu como minha roupa éramos uma grande novidade, enfrentei a situação com mais otimismo. Transcorreram vários minutos sem que Acorc falasse comigo. Eu de minha parte, também não tinha nada a lhe perguntar no momento, pois estava absorto em meus pensamentos. Por fim, quando lhe ia perguntar alguma coisa, abriu-se a porta e retornou o rapaz trocando umas palavras com Acorc. Eu creio que para comunicar a chegada do Filho do Sol. Parou de um lado com as mãos para trás. Acorc levantou-se e ordenou que eu fizesse o mesmo. Pus-me de pé ao seu lado.

Entrou o Filho do sol, com passo lento, mas firme. Seu rosto era todo sorriso, esfregando as mãos uma na outra, veio até nós e pôs uma mão no ombro de Acorc e para mim, fez um gesto com a cabeça em cumprimento. Eu retribuí meio atrapalhado.

Sempre conversando com Acorc, sentaram numa poltrona a meu lado. Com um sinal de Acorc eu sentei também.

Durante vários minutos os dois conversaram. Calculei que ele estava pedindo dados sobre mim, porque gesticulava muito para meu lado. Muita coisa do que falava, eu já entendia só pelos gestos. Eu entendi perfeitamente quando ele falou com o rapaz e o mandou servir algo para tomarmos.

O rapaz saiu e retornou com três cálices em uma bandeja, servindo um ao Filho do Sol, outro para Acocr e por último a mim.

Fiquei meio indeciso, não sabia se pegava ou não, pois tinha receio que fosse algo muito forte. Interveio então Acorc dizendo, pode tomar que é o mesmo que tomamos em minha residência

Então peguei o cálice e tomei um golpe. Enquanto tomava, eu torcia para que não aparecesse mais ninguém da família, porque com ele, Acorc e o rapaz, eu até que me sentia bem à vontade, mas se viesse mais alguém, não sei. Nem bem havia pensando nisso, abria-se a porta e apareceu um homem com o

mesmo aspecto dos que se encontravam ali. Cumprimentou-nos e dirigiu-se ao Filho. Trocaram umas palavras e retirou-se pela mesma porta que viera. Então Acore falou-me:

- Agora vai conhecer a família do Filho do Sol.

- Sim senhor, respondi ziguezagueando. Cá comigo disse: Mais este espeto! Tomara que pelo menos os dois filhos sejam pequenos, só assim serão dois a menos a me formular perguntas. Nem havia terminado estes pensamentos, surgiram na porta a nossa frente uma mulher, um menino e uma mocinha. O Filho levantou-se, Acore e eu imitamos. Foi ao encontro dos três e falando e gesticulando, dirigiu o grupo ate nossa frente e a seguir, por intermedio de Acore fez as apresentações da esposa, do menino e por ultimo da mocinha, dizendo o nome de cada um. Eu acho que se tivesse apresentado com os nomes de teha, teha, tena, rock and rol ou saravá, eu tinha entendido o mesmo, pois Acore não me traduziu os nomes para o alemão

Dizendo a seguir.

- Acredito que sua vontade de saber ao certo se ia ser reconduzido a Terra era grande, mas não era muito maior que a curiosidade da minha família em conhecer um terrícola pessoalmente.

Em verdade estavam admirados mesmo, pois deixavam transparecer claramente a sua curiosidade. Olhava-me dos pés à cabeça, mesmo a senhora que parecia saber se controlar mais.

Eu nunca tinha visto e nem imaginado que pudesse haver seres humanos tão esquisitos como estes, principalmente os dois meninos.

Sentia ate um pouco de medo em confrontar meu olhar com os deles. Todos os que ate então tinham visto em Acart eram pálidos, mas os que eu via agora à minha frente eram uns defuntos perfeitos. Eu não queria encontrar nenhum deles dormindo.

Continuou ali durante varios minutos, o Filho do Sol a falar animado, creio que enaltecendo as qualidades de sua família para mim. Eu apenas respondia sim ou não, traduzido por Acore, mas sem entender nada. Eu parecia um autômato, pois estava hipnotizado pelo olhar daquelas criaturas. De repente, para alívio meu, elas se retiraram.

Nos sentamos de novo. Acore e o Filho do Sol ficaram falando entre eles. Como eu não entendia nada do que falavam, permaneci calado, absorto em meus pensamentos. Mentalmente, fiz um retrospecto rapido das 3 criaturas que acabavam de sair.

A mulher de estatura mais para alta, de corpo regular, mais para gorda. Não se via se tinha cintura fina, por causa do traje solto, de tecido grosso. A pele tanto das mãos como do rosto, de uma palidez mortal, de tão branca que parecia meio acinzentada. Seu rosto enfeitado por uma boca não muito grande, de lábios grossos, meio arrebitados, nariz fino e quase comprido demais

ra, seu rosto corado. Os olhos claros e grandes perscrutadores demonstravam examinar tudo, mas sem curiosidade, seu caráter era de autodomínio, parecendo não se assustar ou se admirar com algo. Seus cabelos eram claros, cor de palha, aliás, como os da maioria deles. O menino se fosse aqui, eu diria que tinha dez anos, com a mesma personalidade da mãe, parecido com ela em tudo, menos o nariz, que era mais curto e arredondado.

Agora a mocinha, esta sim, eu gostaria que meus olhos fossem máquinas fotográficas, para poder mostrar como ela realmente era. Completamente o inverso da mãe e do menino, apresentava uns 16 a 17 anos, magra, alta, de corpo liso como uma tábua, sem nenhuma curva. Notava-se apenas uma leve saliência onde deveriam ser os bustos. Seu pescoço era fino e comprido, em harmonia com o corpo, seu rosto era o pior de tudo, assustava mesmo, com um queixo pontudo, boca rasgada e sempre meio aberta mostrando uns dentes compridos, o nariz estreito e longo se colocasse uma régua da ponta do queixo até a testa o nível seria o mesmo. Olhos grandes, mas ovais, tipo Cleópatra, em vez de serem em direção às orelhas, em direção à testa, seus cabelos compridos e soltos, pareciam palha de milho verde depois de seca, pois não tinha cor de nada, dando a impressão de serem evaporados e sem vida.

Vendo este conjunto completo à minha frente com um olhar interrogador, deste que pede explicações de tudo o que vê porque não entende nada e só admira sem compreender.

No meu tempo de criança, sempre ouvia contar histórias sobre belos e fortes mancebos que tudo faziam para conquistar a mão das filhas do rei, degladiavam-se em duelos arrojados, em aventuras, tudo para serem vistos com bons olhos pelo rei e suas filhas. Mas, com esta eu acredito, qualquer um destes conquistadores faria mais do que isto, mas para não ser obrigado a ter que aturar pelo resto da vida semelhante criatura a seu lado.

Fui interrompido por Acore que me traduziu uma pergunta do Filho do Sol. Certamente, notaram meu estado pensativo.

- Em que está pensando?

- Eu, bem... Estou pensando em muita coisa, respondi procurando melhor resposta, porque nunca poderia dizer o que estava pensando sobre a filha dele.

- Então, está mesmo resolvido a ficar até o nosso dia de guarda?

- Sim, estou, já que resolveram levar-me de volta, não me importa um ou dois dias a mais...

Ele sorriu satisfeito, dizendo a seguir:

- Será que você é capaz de escrever um relatório narrando detalhadamente sua viagem até aqui?

- Eu escrever um relatório?! (Fiquei assustado, pensando que ele duvidava da minha lealdade) Mas porque o senhor me pede isto? Porventura acha

que será capaz de despertar o que lhe prometi, ainda mais da maneira que estou sendo tratado aqui? Não espere isto de mim, o que eu no máximo poderei fazer é contar a meus parentes e a alguns amigos.

- Mas não é o que nós queremos, estou lhe pedindo que escreva.

Eu cada vez entendia menos. Ora, depois de me pedirem para falar o menos possível sobre o assunto, vem agora me pedir para fazer uma narrativa por escrito. Respondi:

- Mas não tenho competência para isto. Tenho muito pouco estudo, porém o que o senhor me aconselha fazer com a narrativa, caso eu a escreva?

- Procure divulgá-la em toda a Terra, se possível.

Com esta proposta, eu quase dei uma gargalhada, mas me contive e prossegui.

- Francamente, senhores, não estou entendendo. E se eu fizer o que o senhor me pede e os meus irmãos da Terra acreditarem, não porão por água abaixo os seus planos para com a Terra?

- Eles não vão acreditar no momento, pois você não tem provas, mas eles acreditarão em você daqui a uns 20 anos (terrícolas) ou talvez até em menos tempo, e é isto mesmo que nós queremos.

- Acho isto esquisito e também difícil, porque não dispomos de meios.

- Os meios lhe aparecerão, não se preocupe. Se puder fazer, faça que isto vai lhe beneficiar muito e também a nós e a uma parte dos terrícolas.

- Por que a mim e a uma parte somente?

- Bem, já que vai ficar mais dois dias aqui, hoje Acore pode lhe mostrar e contar tudo o que quiser ver e saber. Quanto à sua pergunta, Acore pode lhe explicar melhor, porque ele sabe tudo como eu mesmo e para ele lhe explicar fica mais fácil, porque podem falar diretamente.

Acore explicou-me que íamos agora para a refeição na outra sala.

Eu de início pensei que a sala em que nós nos encontrávamos era a mesma de refeições como na casa de Acore, mas não. Havia outra.

Passamos pela porta por onde se retirara a família dele e demos em uma sala um pouco menor, com móveis do mesmo estilo da outra sala, numa mesa retangular estava posta a comida para a refeição. Antes de sentarmo-nos, Acore falou com o Filho do Sol e dirigiu-se a um aparelho como que eu o tinha visto falar com sua esposa em seu apartamento. Fez a ligação, se fez ouvir aquele zumbido e apareceu sua esposa. Falaram com expressões alegres por uns instantes. Creio que ele comunicou-a que não iríamos para lá para a refeição.

A seguir, a convite do Filho do Sol, sua família, os dois rapazes, eu e Acore foram feitas as preces. Depois nos sentamos e eu fui ficando por último para me servir.

Prestei atenção, para ver se já havia desaparecido a curiosidade sobre mim. Ninguém me olhava, com exceção da mocinha, que parecia não estar

ainda satisfeita, pois me olhava com sobrolhos carregados e era tão insistente seu olhar, que havia momentos em que eu enfiava o talher debaixo do queixo. Com aquilo eu ficava mais encabulado do que ela. Se não fosse Acore dizer, "sirva-se", eu talvez ficasse até sem comer, com o olhar daquele monstrinho.

Então comecei a me servir das qualidades que eu já conhecia. Havia várias, quase todas iguais às que já haviam servido em outras mesas.

O interessante era que ninguém falava durante a refeição.

Eu tinha terminado de comer, assim como os demais, e tomava um copo de bebida adocicada quando a esposa do Filho do Sol, que também tinha servido a mesa, começou a retirar os pratos e talheres. Os dois rapazes levantaram-se, imitados a seguir pelo menino e com grande alívio meu, pela mocinha, mas isto não sem antes me envolver com um olhar perscrutador. Eu então me recostei na cadeira dando um enorme suspiro de alívio. Acho que até o Filho do Sol e Acore notaram isto, porque interromperam um diálogo animado (encetado após o almoço) e se entreolharam, para em seguida fitarem-se pensativos.

O Filho do Sol perguntou-me:

- Comeu bem?

- Sim senhor, respondi.

- Certamente não se adapta muito com o nosso sistema de alimentação!?

- Não! Até que aprecio muito certos pratos daqui. Além disto, eu não sou muito exigente a respeito de alimentação. Eu me adapto com facilidade a qualquer novo tipo de alimento.

Então ele cortou este assunto e se levantou, dizendo: - Bem, eu teria muito que lhe contar e lhe perguntar, mas como existe dificuldade entre nós para nos entendermos, e, além disto, meu tempo é pouco, pois tenho que comparecer ao conselho para resolver uns assuntos importantes, deixar tudo bem esclarecido ao senhor Acore para que lhe conte. Faça perguntas a ele, pois ele vai acompanhá-lo por todo o tempo em que permanecer aqui.

Então, fomos os três até a outra sala e nos despedimos.

Percorremos o corredor até o elevador e descemos no corredor maior, dali subimos até o terraço pelo outro elevador.

Uma vez lá em cima, pedi:

- Gostaria de olhar um pouco a cidade daqui!

- Sim, podemos, temos tempo para isto.

Acompanhado dele fizemos a volta em todo o terraço e enquanto isso pousou vários aparelhos, dentro dos quais vinham, suponho eu, os conselheiros que indiferentes a nós se dirigiam para o elevador.

Por mim eu ficaria o resto do dia ali, a contemplar a cidade, que de lá era uma maravilha. Acore mostrou-me vários edifícios e explicou o que funci-

onava neles.

O sol já bem alto batia nas paredes produzindo aquele brilho multicolor. Mas, o que é bem diferente de uma cidade de Acart de uma da Terra, é o barulho. Com todo aquele movimento, não se ouvia quase nada, não havia bondes, caminhões ou autos, somente aquele vai e vem das pequenas naves solares, que faziam apenas um pequeno zunido.

Perguntei:

- Aqui não existem veículos sobre rodas?

- Sim existem

- Mas como é que não vi nenhum? (vi mais tarde nas atividades agrícolas)

- Bem, para este tipo de locomoção há túneis, ou melhor dizendo, subterrâneos.

- Mas porque só trafegam em subterrâneos?

- Não vê a largura das ruas? Será que teria lugar para trafegar um ou mais?

- Sim, mas por que as fizeram tão estreitas?

- Devido à falta de espaço aqui, temos que aproveitar ao máximo cada palmo do solo.

- Mas são obrigados a se amontoarem aqui? Por que não alastram mais a cidade?

- Não me refiro que haja falta de espaço só nesta cidade, mas sim em todo o planeta.

- Mas este planeta é tão pequeno assim?

- Não, o que nós temos é superpopulação. Tempos em Acart, aproximadamente 20 bilhões de habitantes, ao passo que vocês na Terra, têm apenas 4 bilhões segundo nossos cálculos, numa área quase igual à nossa.

- Bem, agora vamos até minha residência e depois, além do que você já viu, vou lhe mostrar mais o que um povo se obriga a fazer devido à superpopulação.

Embarcamos no aparelho e voamos até sua residência. Ele procurou voar bem alto e meio inclinado, para que eu pudesse ver melhor a cidade. Eu me deliciei em contemplar aquela maravilha com 100 milhões de habitantes.

Quando pensei que nós nos encontrávamos a meio caminho, já começamos a descer e, num instante pousamos na marquise do apartamento dele.

Saímos do aparelho e entramos. Sua esposa veio ao nosso encontro, sorridente. O menino estava sentado com um livro no colo, quando nos viu levantou-se sorrindo e se agarrou no braço do pai. Acorc mandou que eu sentasse. Sentei. Seguido pela esposa e pelo menino, entrou por uma porta dizendo: - Já volto

Eu não sei explicar como me senti ao entrar esta vez no apartamento de

Acore, mas parecia que eu tinha chegando a minha própria casa. Lá na residência do Filho do Sol eu me sentia complexado, pois na Terra, a maior autoridade que eu cheguei a falar pessoalmente, foi um prefeito, e assim, ali na frente de um rei ou presidente de 20 bilhões de Acartianos, era lógico que me sentisse vexado, ainda mais com aquela miss Terúra a me olhar constantemente.

Assim que Acore se retirou com a esposa e o menino, eu me instalei comodamente em uma poltrona, passei a recapitular, mentalmente tudo o que tinha passado comigo até àquela hora do dia. Fiz um balanço e fiquei contente, pois tinha me sido grandemente favorável.

VISITA À LAVOURA

Acore retornou, falando alto com sua esposa, porém não em tom de briga. Por fim chegou até mim, dizendo:

- Acompanha-me, porque tem de trocar de roupa e depois vamos viajar por boa parte de Acart. E assim, quero lhe mostrar "as verdadeiras maravilhas" que temos aqui.

Eu o acompanharei até o quarto e ele me indicou os sapatos, as roupas e retirou-se.

Enquanto eu trocava de roupa, pensei nas suas palavras "verdadeiras maravilhas".

Mas será que há coisas mais maravilhosas do que as que eu já vi aqui? Não é possível, exclamei! Para ser maior, só se fossem coisas divinas, apesar de que eu não duvidava de mais nada, nem mesmo que eram governados diretamente por Deus!

Troquei de roupa, esta do mesmo feitio, só que o tecido era diferente da anterior. Abri a porta e saí. Acore me aguardava na sala junto com a esposa e o menino. Saí pisando macio com aquele sapato de molas.

- Está pronto? Perguntou ele.

- Sim senhor, respondi.

- Já avisei à minha esposa que só retornaremos um pouco antes da quinta refeição.

Ele pegou uma pasta batendo com uma mão no ombro da esposa e do menino. Saímos. A esposa e o menino assistiram a nossa partida sorridentes.

Após embarcarmos, Acore fez as manobras de sempre e partimos. Ao atingirmos uns 400 metros acima dos edifícios, seguiu linha reta rumo ao nascente, numa velocidade como nunca tínhamos viajado.

Eu quis olhar a cidade, mas qual nada, não pude ver. Voamos uns minutos, então ele diminuiu a velocidade e fazendo um semicírculo parou em pleno ar. Eu assustado perguntei:

- O que houve?

- Nada! É que quero lhe mostrar as nossas lavouras.

- Mas, não estamos em cima da cidade?

- Não! Já a deixamos muito para trás.

- Mas não é possível!

- É sim, repare.

Eu olhei para baixo, pelo vidro ou lá o que fosse, só sei que uma das capotas era transparente (conforme já expliquei antes). No princípio não entendi o que eu via.

- Mas o que é isto?

- São nossas lavouras.

- Parecem canais ou enormes escadarias?

- São os muros das curvas de nível, respondeu ele.

A seguir, baixou o aparelho ate a altura de uns 40 metros sobe a dita lavoura e depois seguiu em torno de um monte.

Foi aí que eu compreendi o que significava aquilo que pareceram canais ou escadarias.

- É uma coisa fabulosa, este seu sistema da lavoura. Devem ter custado séculos de trabalho?

- Não, há poucos anos que nos vimos obrigados a recorrer a este sistema.

- Por quê?

Bem, como já dissemos, nós há anos que estamos a braços com o problema da superpopulação, automaticamente com a falta de espaços para todos viverem, então tivemos que abandonar o sistema de plantar em terrenos dobrados porque produzia muito pouco, devido à erosão, e, para o melhor aproveitamento dos terrenos, recorremos a esta técnica. Veja estas montanhas! Mostrou-me uma ao longe a nossa frente. Não lhe parecem daqui, umas escadarias?

- Sim, é mesmo.

- Bem, são todas assim.

Daí mostrou-me mais de perto.

- O que tem plantado nestas lavouras?

- Atualmente, nada. O produto foi colhido há pouco. Agora estão preparando o terreno para o novo plantio

- Como é o produto que foi colhido e que vai ser novamente plantado?

- É uma raiz semelhante à batata que plantam lá na Terra.

Mas como é que o senhor conhece este produto de lá?

Sorrindo, ele respondeu:

- Nós conhecemos quase todos os cereais de lá.

E prosseguiu:

- Quer descer para ver mais de perto estas lavouras?

- Sim, vamos.

Ele mexeu numa das alavancas, descemos reto para baixo. Deu-me um frio na barriga, pois pensei que íamos bater com toda a força no solo.

Em vez disto, pousamos serenamente. Desligou o aparelho e descemos. Pisei o solo e fiquei abismado com a maciez dele. Fui até a beira inferior do plano que circundava a montanha. Nós nos encontramos sobre o meio desta. Então reparei bem como era, e disse:

- É fantástico!

Para dar uma ideia, vou contar, ou melhor, explicar mais ou menos.

As várzeas eram todas bem no nível. Onde começava uma elevação era feito um maralhão, a altura deste variava com o declínio do terreno, assim um após outro, até o cume da elevação ou monte. A distância entre um e outro também variava de 20 a 100 metros, às vezes mais.

Da parte de cima do primeiro maralhão, ao pé do segundo, era bem no nível, seguindo a curva em torno da montanha e assim formando uma escada com degraus de 20 a 100 metros de largura.

Via-se uma outra moradia. O que me chamou a atenção nestas e que eram lindas como as das cidades, porém quase toda com praticamente três paredes. Uma era sempre contra as rochas. Pensei: Que gente!

Procuram sempre os piores lugares para edificar. Mas logo em seguida, me veio à mente porque assim procediam pelo que Acore já me havia explicado. Assim mesmo perguntei:

- Porque escolhem os lugares rochosos em vez das planícies, para edificar?

- Bem, há tempos não era assim, mas a falta de terrenos para o cultivo de cereais obrigou-nos a arrancar as casas dos terrenos férteis e construí-las nos lugares dobrados e rochosos.

- Há quantos anos começaram a pôr em prática este sistema?

- Em algum continente Acartiano, o mais populoso, já faz um século (Acart) mais ou menos, viram-se obrigados a recorrer a este sistema. E assim que foram ficando apertados, os outros foram fazendo o mesmo.

- Como são divididos os continentes aqui?

- Com esta minha pergunta Acore sorriu como faria um pai quando um filhinho curioso pergunta: pai, porque o galo canta e não fala?

- Ora, por mares!

- Mas aqui também há mares?

- Lógico, e amanhã irá conhecer um.

- Como é que não se vê ninguém trabalhando em toda esta extensão que se vê daqui?

- Como vê, já estão prontas estas lavouras, aguardando somente o plantio. Mas se quer ver, vamos mais à frente, que há centenas de homens e máqui-

nas trabalhando.

Então, fomos à frente, uns 20 km. Era como ele dissera. Lá estavam centenas de homens, com dezenas de máquinas a preparar o solo.

Acore fez pousar o aparelho perto de uma casa encravada numa montanha. Desembarcamos e ele foi até onde nos aguardava um homem. Acore apresentou um papel e falaram um pouco. O homem balançava a cabeça alegre e eu calculei que Acore estava lhe pedindo licença para mostrar-me as lavouras.

Venha, disse Acore, fazendo sinal. Eu o segui, ao passar pelo homem, pensei que ele me ia deter, de tanto que me olhava. Na certa, Acore lhe tinha contado quem eu era. Saímos os dois, seguindo uma daquelas curvas que circundavam um morro. Após termos percorrido uns 500 metros, paramos. Na primeira e na segunda curva abaixo de nós estavam trabalhando os que mencionaram.

Ao ver bem de perto as máquinas, quase caí de costas.. Porque era incrível a semelhança destas máquinas com os tratores daqui da Terra, só que não roncavam, faziam apenas um leve zumido como de um motor elétrico e, os arados, que rasgavam o solo, ao invés de seguirem atrás, vinham de um lado, engatados em um objeto em forma de hélice, as rodas eu vi perfeitamente serem de ferro com grampos. Para dar uma idéia mais exata, eu teria que desenhar uma, mas acontece que eu de desenhos não entendo nada.

- Com que são movidas estas máquinas e por que não roncam?

- Não roncam, porque são movidas a energia solar, a mesma que movimenta as naves em que você já viajou.

Como quero ser breve em minha narrativa, não vou me alongar em pormenores, do que falamos ali com Acore e do que pensei a respeito do aproveitamento da energia solar por nós Terrícolas, depois de olhar por longo tempo a super-técnica daquele povo super-inteligente.

Acore falou.

- Bem, vamos porque temos que percorrer 2 mil km, até onde pretendo fazer a próxima refeição.

Eu olhei para ele espantado e pensei: será que este homem é louco ou o que será! Para falar em 2 mil Km, em pouco mais de uma hora, nesta bolinha de aço!

- Mas com que iremos?

- Com o que viemos até aqui, ora!

Eu ainda meio duvidando, perguntei.

- Mas quantas horas faltam para a terceira refeição?

- Um décimo e meio (sessenta e nove minutos)

- Não é possível, respondi!

- Já verá se é possível ou não

Voltamos até a casa, lá estava o homem ainda me olhando admirado.

Acore se despediu e embarcamos. Subimos reto até certa altura e seguimos à frente, mais ou menos no mesmo rumo de antes. Percorridos uns 20 km, ele parou em pleno ar e já que nós estávamos cobertos apenas pela capota transparente, eu podia ver tudo embaixo e foi assim, que algo que me deixou perplexo, tanto que pensei que havia terminado o meu pesadelo e que estava de volta à Terra. Ele me mostrou um rebanho (que me pareceu de gado) pastando tranquilamente numa das tais lavouras.

- É um rebanho de gado? Perguntei.

- Bem, pode ser chamado assim, porque é muito parecido com estes da Terra, porém um pouco diferente como verá.

Ele baixou a nave até uns 10 metros acima deles e eu pensei que eles iam sair correndo com a nossa aproximação, mas não, continuaram pastando tranquilamente. Daí pude ver bem como eram semelhantes aos nossos bois, porém, não tinham chifres e tinham uma lã de mais de meio metro de comprimento, o tamanho deles era o dobro do maior boi conhecido por mim até aqui. Após observá-los por uns instantes, partimos dali.

Então perguntei:

- Com que finalidades criam estes animais?

- Com diversas. Por exemplo: Sua carne é muito deliciosa e além disto, a lã possui muitas utilidades, dela se faz grande parte dos tecidos que usamos aqui e também o revestimento interno dos apartamentos.

- As fêmeas também produzem leite como as vacas da Terra?

- Sim, produzem, mas não pode ser aproveitado como alimento.

- Criam em grande escala estes animais?

- Sim, porém estes que vimos e outros que existem por aqui por perto são trazidos para cá, somente depois de grandes para engorda.

- E onde são criados?

- Nas zonas mais frias, onde existe uma relva em muita abundância,muito apreciada por eles e depois como já disse, transportamo-los para cá e são nestas lavouras, após as colheitas dos cereais até a época de ser novamente estas preparadas para o plantio, sendo então mortos.

Finda esta conversa, Acore baixou a outra capota e ficamos com a visão somente para frente. Eu me inclinei um pouco para o lado dele, para ver se podia olhar melhor um mostrador quadrado de vidro à sua frente. Era dividido em Três partes, um mostrava o que havia atrás, outros dois à esquerda e à direita. Olhei para ele sorrindo e disse:

- Agora compreendo porque o senhor não colide quando faz manobras em lugares apertados.

- É sim, aqui se vê para todos os lados. Me mostrou um outro que me havia passado despercebido, apertou um botão nele: este é para se ver o que

ha embaixo, quando se quer descer.

Não se via nada aquela hora, devido a velocidade, que era muito alta mesmo. Enquanto nós conversávamos, pouco notei, mas ao olhar para fora me senti mal subitamente, creio que devido à alta velocidade. Pareceu-me que entrava vento por algum lugar, pois senti minha barriga ser empurrada para as costas, comecei a respirar rápido. Então ele vendo meu estado, perguntou

- Está se sentindo mal?

Aquela altura eu já tinha perdido a voz, apenas fiz que sim com a cabeça, mas nem era preciso dizer, porque meu aspecto dizia tudo. Ao contrário de mim ele parecia estar caminhando a passos em terreno firme.

Então ele reduziu a velocidade e disse:

- Parece que nunca viajou de avião na Terra?

Eu respondi ofegante:

- Não só não viajei, como foram poucos os que vi de perto. Lembrei-me da nave que havia me transportado da Terra a Acart, que segundo ele fazia até 500 km por segundo. Como não morri então?

- Quantos km faz este aparelho por hora?

- Faz até 10 mil km por hora.

- Só? Mas então como não passei mal na nave que me transportou da Terra até aqui, que segundo o senhor, faz muitas e muitas vezes mais do que isto?

- Bem, isto é diferente. Nesta temos que romper a resistência da atmosfera e ao mesmo tempo alimentar nossos pulmões com este mesmo ar, ao passo que, naquela não há este problema, primeiro por ser muito maior e segundo, porque no espaço não encontra resistência alguma e, quanto ao ar (oxigênio), ela produz. Aliás, reproduz o suficiente para a tripulação, independente do exterior. Agora aqui dentro, ela também reduz em muito a sua velocidade e assim, não se sente o impacto com a atmosfera, ao passo que nesta, para quem não está acostumado, sente-se mal.

A CIDADE SERRANA

Eu já estava bem melhor, controlava o fôlego com a maior facilidade. Acho que ele reduziu a velocidade em 50%, pois notava melhor os montes se aproximarem e passarem e, antes eu nem distinguia se eram montes ou vales. De repente, começou a aparecer uma infinidade de montanhas. (Eu não conheço as cordilheiras dos Andes no Chile, a não ser por ilustração, mas para dar uma idéia melhor, vou dizer que eram bem parecidas). Ao nos aproximarmos mais delas fiquei todo atrapalhado, pois agora, em vez de montanhas, era uma belíssima cidade.

- Mas como!? É uma cidade aqui?

- Claro, é o maior centro industrial de Acart.

Quando começamos a sobrevoar a cidade, pude ver bem que na realidade era toda construída sobre uma região montanhosa.

- Porque foram escolher uma região destas para fazer uma cidade? Perguntei.

- Bem, um dos motivos, você já pode imaginar.

- Sim, mais ou menos.

- Como vê, aqui é totalmente impossível se fazer uma lavoura, porém possível construir uma cidade, como bem pode ver.

- Sim tem razão.

- O outro motivo é que aqui existem as maiores minas de [illegible] sol de fabricas de naves solares, motores e armas.

- Quer dizer que aqui foi construída aquela nave que me trouxe Terra?

- Não posso garantir que foi, porque temos várias em toda Acart.

- Seria fácil mostrar-me uma mais de perto?

- Sim, pois foi com este fim que viemos até aqui. Mas [illegible] vamos descer para fazer a refeição.

- O senhor conhece bem esta cidade?

- Acho que sim, disse ele sorrindo.

Ele começou a voar em redor, parecendo-me que procurava um hotel conhecido por ele. Enquanto demos voltas sobre a cidade, pude ver bem aquele milagre de um lugar superpopuloso. Uma cidade, que quando se voava sobre o seu centro, se perdia de vista o seu fim e era feita totalmente em cima de rochedos e montes. Havia montes como o Pão de Açucar no Rio, que olhando de certa distância, mais parecia um predio só em vez disso, havia vários prédios encravados nele, em toda sua altura, desde o pé até o cume. Pensei coisas assim, só é concebível entre um povo como este que não tem coração para fazer uma guerra, para exterminar a metade de seus irmãos, e assim passam a viver mais folgado, como certos "lunaticos" daqui da Terra pensam fazer.

Eles respeitam integralmente o 5° mandamento da Lei de Deus, não matarás para beneficiar-se com a morte de outro. Toda criatura a que Deus der vida, também dá espaço e meios para viver, basta procurar.

Após ter dado várias voltas sobre a cidade, Acorc parou o aparelho em pleno ar e daí começou a descer, devagar, indo pousar em cima de um predio grande, na encosta de um monte, onde havia várias outras naves pousadas. Descemos da nave e por um elevador, descemos até o andar terreo, (Na descida anotei mentalmente, havia 15 andares).

O elevador parou num corredor curto e estreito, passamos por ele e chegamos num vasto salão, que vi logo tratar-se de um hotel, pelas mesas com

(Anti Gravitacional)

talheres arrumados. Havia um número de pessoas ali, umas trabalhando e outras certamente esperando a refeição sentada.

Várias delas vieram ao nosso encontro, ou melhor, de Acore, que certamente era conhecido delas. Todas o cumprimentaram com alegria, porém ninguém me cumprimentou. Acore falava com eles e, como eu não entendia nada do que diziam, limitava-me a olhar seus gestos. De repente, Acore virou-se para meu lado e fez um sinal, talvez para dizer-lhes quem eu era, então, todos se viraram para mim com cara de espanto e, um deles destacou-se do grupo, veio até mim cumprimentar-me. Eu já me aprontava para dar-lhe a mão quando em tempo, lembrei-me do sistema deles. Ele veio até a mim e pôs uma mão em meu ombro, eu inclinei-me para frente em retribuição. Em seguida, virou-se para o grupo que palestrava com Acore e continuou aquela conversa por uns instantes. Por fim começaram a se dispensar, indo cada um para o seu lado.

Então, a convite de Acore, eu me sentei seguido por Ele, em uma mesa. Aquele que me havia cumprimentado, nos acompanhou até lá e pela maneira deste, julguei ser ele o dono do hotel.

Acore tirou da pasta um papel e apresentou-o a ele. Eu dei uma olhada no papel. Era o mesmo que ele havia apresentado ao homem da lavoura.

Após ter lido, o outro o entregou de volta. Acore cobrou o papel e o pôs na pasta novamente, o homem retirou-se, ficando eu e ele sentados à mesa ante o olhar curioso de todos que se encontraram no salão.

Ele disse:

- Deve estar com fome?

- Eu!? Já nem sei mais quanto é hora de comer, pois ando tão atrapalhado, que estou até perdido no tempo.

Rindo e balançando os ombros largos:

- Pois esta é a terceira refeição é justamente como se fosse meio dia lá na Terra.

- Sim, isto o senhor me explicou ontem. Mas não me entra na cabeça fazer tantas refeições durante o dia, parece até uma brincadeira.

- Não há dúvidas que lhe parece estranho, pois o mesmo acontece conosco quando vamos à Terra.

Nisto chegou a refeição. Eu que esperava que Acore fosse fazer a prece de sempre, fiquei esperando por ele, mas como ele começou logo a servir-se, perguntei:

- Por que ninguém, nem o senhor, faz prece?

- É feita somente nos lares.

- Mas por quê?

- Ora, já imaginou fazer prece ao criador num barulho destes. Aqui cada um faz intimamente, porque em conjunto é impossível.

- Bem, isto é verdade. Depois disto não falamos mais até terminar a

refeição. Terminada esta, ele disse: - Bem, vamos porque ainda há muito que viajar hoje.

- Mas não vamos voltar daqui?

- Não, eu saí hoje para lhe mostrar o mais possível do que temos em Acart, porem se prefere não ver mais nada ou esteja entediado, podemos voltar que eu comunicarei ao Filho do Sol a sua resolução.

- Haverá algum mal, se eu não quiser ver mais nada e nem ouvir?

- Bem, isto não posso lhe responder. Por que não ficaria de bom grado para conhecer algo mais sobre Acart?

- Mas eu não disse que não quero ver mais nada, apenas pensei que íamos voltar daqui.

- Está bem, então vamos, acho que o entendi mal.

- Exatamente, respondi.

Saímos pelo mesmo caminho que viéramos até a nave no terraço; embarcamos nesta e num instante estavamos a uns 40 ou 50 km longe dali, mas ainda dentro da cidade. Eu me admirava que ainda aqui a cidade fosse do mesmo tipo, sempre sobre rochas e montes. De repente, ele mostrou-me uma elevação e disse:

- É pra lá que vamos.

A FÁBRICA DE AÇO SOLAR

Subimos um pouco, depois fomos retos até o lugar indicado por ele. Quando subíamos, eu tive uma grande surpresa com o que vi. Perguntei:

- O que é isto? (olhando para ele e para frente) Um campo de pouso?

- Não, é uma fábrica, das que lhe mencionei.

- Fábrica! Mas de baixo daquele plano?

- Não se vê que é a parte de cima da referida fábrica?

- Mas toda esta extensão cobre uma só fábrica!?

- É sim. Neste momento ele fez uma curva sobre um lado da dita fábrica. Daí pude ver como era, igual ao que ele dissera. Que tinha [illegible]0 km de comprimento por meio km de largura. A parte de cima, onde deveria ser o telhado, era uma chapa só, bem lisa como um campo de avaliação.

Eu pensei o seguinte, e cheguei a rir alto sozinho, fazendo Acorc notar e me perguntar de que ria. Respondi:

- De nada. E continuei com ar de riso. Se no Brasil fosse fazer uma chapa destas, acho que precisaria do orçamento de 2 anos inteiros de toda a Nação.

Pousamos na tal chapa (terraço). Ali havia milhares de naves iguais àquelas que viajavamos, pousadas de uma ponta a outra. Além das que já estavam [illegible] começavam a chegar mais e quase nenhuma levantava.

Então respondi:

- Como é que só chegam e não sai quase nenhuma?

- É que está quase na hora de começar o trabalho.

- Mas quem são estes que chegam nestas naves? Operarios?

- Sim A não ser alguns que moram muito perto todos vêm com estas naves

- Quer dizer que todos os que trabalham aqui são ricos, pois uma nave destas deve custar muito caro!?

- Não. Não custa. E mais, aqui basta ser um cidadão Acartiano e trabalhador que tem direito a uma.

- Não compreendo!

- Mas vai compreender, antes de voltar à Terra

- Vamos, disse-me sem me dar mais explicações. Eu o segui como sempre, fomos até uma guarita de elevador e descemos até o piso térreo, que, aliás, era de um piso só aquele colosso Não é preciso dizer que eu me admirei, quando descemos do elevador, pois lá até um talher era para mim uma novidade. A 1º surpresa que tive, foi quando esperava ver milhares de colunas por dentro, para sustentar aquela mensa chapa, com todas aquelas naves pousadas em cima, mas não vi nenhuma Tive vontade de sair correndo para fora. Não era possível, que com todo aquele peso não viesse abaixo tudo aquilo.

Como já disse tinha uns 10 km de comprimento por 500 m. de largura por 30 de altura Por isso, me surpreendeu, quando vi que tinha somente 3 fileiras de colunas, duas laterais e uma no meio, e assim mesmo bem distanciadas uma da outra.

Nós entramos numa extremidade Pelo aspecto, era ali que ficavam os escritórios, uns 30 metros à esquerda do elevador Para se chegar a pé a outra extremidade do edifício, à direita, tinha-se, acho eu, caminhar bem depressa para alcançá-la dentro de hora e meia.

Enquanto eu fazia estas observações, automaticamente acompanhei Acore ate uma porta que se encontrava aberta A propósito, ali onde entramos a nossa esquerda, havia várias repartições, ao passo que para a direita não se via nenhuma até onde alcançavam as vistas.

Acore entrou (eu o segui) e aproximou-se de um troço parecido com um balcão onde várias pessoas estavam ocupadas em revirar maços de papéis. Com a nossa chegada apresentou-se um senhor gordo, com cara de chefe e Acore lhe apresentou o mesmo papel que anteriormente havia nos apresentado outros lugares. O homem depois de ler o papel, entregou-o de volta sorridente. Então conversamos alegres por uns instantes. De repente, o gordo olhou para mim com cara de assustado e me examinou dos pés à cabeça Depois continuou a falar com Acore Naquele instante, com certeza, Acore dissera quem eu era Então o gordo nos alcançou um papel de mais ou menos um palmo e por fim Acore disse para mim:

- Venha. E saímos dali

O gordo ficou falando com os outros. Estes pararam de trabalhar por uns instantes e nos seguiram com os sobrolhos carregados até a porta. Fomos até perto do elevador e então Acorc parou e me deu um daqueles papeis e disse:

- Pregue-o no peito.

- Pregar no peito para que?

- Este papel é uma licença para percorrer toda a fabrica. Sem ele, cada passo que daríamos teria que estar dando explicações a um e a outro.

- Ah! É para isso? Disse eu.

Preguei o no peito como ele. Eu com aqui o parecia um ford de bigode emplacado. Olhei para ver se conseguia ler o que estava escrito, mas não entendi uma vírgula, daquele amontoado de minhocas secas.

O que me foi dado presenciar nestas duas horas e meia (Terra) que se seguiram, foi o tempo que durou a nossa caminhada pela fábrica. Para poder dar a entender por menores, porque com exatidão tudo que vi nesta fabrica, so se eu fosse engenheiro, cientista, desenhista ou outra coisa. Por isto não vou me deter em dar pormenores, porque com a instrução que tenho me é inteiramente impossivel. Farei, apenas, um relato superficial do que vi. Digo mais, se eu quisesse fazer um relato por memorização, das duas horas e meia que estive dentro desta fábrica, precisaria escrever um livro com pelo menos 500 páginas e com 150 ilustrações.

Uma vez emplacados, começamos a andar. Os primeiros 200 metros que percorremos pareciam um depósito de aço e ferro e folhas e em barras, dali em diante, já começamos a encontrar maquinas de todos os tipos a trabalhar

- O que estão fabricando estas máquinas?

- Aqui é a seção de fabricação de aparelhos domésticos em geral, ou seja, fogões elétricos, televisores e muitas outras coisas mais

Na medida em que íamos a frente, eu notava que as maquinas eram bem diferentes.

Percorridos uns mil e duzentos metros de comprimento, era tudo um depósito do que as máquinas produziam. O que podia ser empilhado era empilhado até o teto e o resto se encontrava espalhado por aquele vasto salão para os retoques finais. As maquinas trabalhavam todas harmonicamente, as primeiras, beneficiavam o material bruto, passando para a seguinte e assim por diante. Quando as últimas largaram, estavam prontos para serem usados. Saíam milhares por hora.

Cruzamos aquela parte de objetos prontos e demos com maquinarias trabalhando de novo.

- E aqui, o que é fabricado? Perguntei.

Esta é a seção de eletricidade. Tudo o que se relaciona com eletricida-

de, é feito aqui, ou seja: motores, lâmpadas, armas, etc.

Eu olhe para ele incrédulo. Por fim pensei: de certo, está brincando. Ora, armas elétricas.

- Mas o senhor disse que tudo o que é feito aqui é elétrico, como se explica a fabricação de armas então?

Eu esperava que me respondesse retificando o seu erro, mas quem estava enganado era eu.

- É porque tem de ser fabricadas justamente no setor de eletricidade, pois as armas para qualquer fim em uso aqui, são todas elétricas.

- Mas, qual é a função da eletricidade numa arma? Perguntei intrigado.

- Já verá, respondeu ele.

E continuamos a percorrer a fábrica. As máquinas desta seção me pareceram menores do que as seções anteriores, mas em número equivaliam. Outra coisa que me intriga, era ver toda aquela maquinaria trabalhando, dando mostras de serem elétricas, mas não se via nem um fio que pudesse fazer a ligação entre uma a outra. Por fim, achei que os fios vinham por baixo do solo e convicto disto, nem pedi explicações a ele.

Atravessamos o espaço das máquinas e demos com um depósito, tipo do anterior. No que tange a motores, Acorc tinha toda razão, pois à nossa frente eu via milhares deles, numa extensão que abrangia toda a largura da fábrica, por quase um km de comprimento. Encontrava-se literalmente cheia de motores de toda espécie. Havia somente uns corredores vazios, formados entre as pilhas de motores confeccionados.

O tamanho dos motores variava desde o tamanho de uma lanterna até o de um gerador de duas toneladas.

Acorc conduziu-me até uma prateleira de 3 degraus, de uns 200 metros de comprimento, completamente tomada de objetos que pareciam furadeiras manuais, pois tinham lugar bem certo para segurar com a mão.

Na extremidade em que chegamos eram pequenos, mas à medida que íamos para frente, encontrávamos cada vez maiores e os últimos no fim da prateleira, eram do tamanho de um motor de um cavalo.

- Veja, disse ele, pegando um do tamanho de uma lanterna de dois elementos.

- Que motorzinho é este? Perguntei.

Ele sorriu, sacudindo a cabeça, certamente dizendo consigo mesmo: pobre gente da Terra, como estão atrasadas ainda!

- É uma arma para defesa pessoal.

Eu não sabia o que responder, pois não via lugar nenhum que indicasse o lugar das balas. Por fim meio atrapalhado, perguntei:

- Onde colocar as balas e por onde saem?

Ele sorrindo, respondeu: - A era das balas para nós já há muito que

passou.

- Mas então?

Ele me cortou a frase no meio, e olhando em redor como a procura de algo, deu com o papel que trazia no peito, e pedindo licença, arrancou um pedaço do canto do papel e jogou a uns 3 metros a nossa frente, apontando aquilo, saiu um raio de luz forte, como a projetada pela solda elétrica. Eu que esperava ouvir uma detonação e o consequente ricochetear da bala no piso, mas só vi aquele raio silencioso de luz. Pensei, ué que gauchada foi essa? Mas quando olhei para o pedaço de papel, quase caí de costas. O que era antes o papel restava apenas um resquício de cinza e uma leve fumacinha se elevando a meio metro no espaço.

- Mas foi a luz que saiu daí de dentro que queimou o papel?

- Claro, não está vendo?

- Que coisa fabulosa! Como funciona isto? Com pilhas?

- Não com energia solar, este (indicou o que ele tinha na mão, produz raios de ate 200 volts, não chega a carbonizar um corpo humano, mas pode matar instantaneamente.

Eu olhei então para os que havia na prateleira (estes bem maiores).

- Estes tem mais força?

- Sim, muito mais.

Repôs aquele onde estava antes e fomos à frente. Ele ia me mostrando e, ao mesmo tempo, dizia a potência de cada um. Os últimos eram bem grandes, porém o manejo deles era igual.

- Estes para que servem?

- Sao colocados nas naves solares, e mesmo aqui, em determinados pontos, uma nave como aquela em que você veio para ca, é equipada com 8 ou 10 cada uma.

- Qual é a potência de um destes?

- E grande. Com um destes se pode derreter um edifício, na distância de 2 até 3 km.

- Que horror!

- E pode ser, mas assim mesmo deixa muito a desejar para as bombas atômicas que os Terricolas estão fabricando em tão grande escala, que até parece brinquedo de criança.

- Pelo jeito, esta arma não é muito eficaz em caso de ataque de um inimigo, pois parece-me que só da para contra atacar quando o inimigo está muito próximo?

- Mas, para isto temos outra arma mais eficaz, que também não é conhecida pelos Terrícolas, suponho eu.

- Que arma é esta?

- É o neutralizador.

- Sim, mas qual é o efeito desta arma?

- Pode-se neutralizar os raios solares até uma distância de 5.000 km e tudo o que se encontrar dentro do campo abrangido por um neutralizador, ficará sem vida e desgovernado, se atingir pessoas dentro deste campo, morrerão asfixiadas e em poucos segundos.

- Quer dizer que se alcançar uma nave solar dentro duma extensão neutralizadora, seus tripulantes morreriam, porem não seria destruída a nave?

- Mas a nave se perderá da mesma maneira, pois uma vez desgovernada ela se precipitaria pelo infinito numa velocidade fora do comum e se desintegraria ao atingir as barreiras de qualquer planeta

- Como uma arma destas se poderia vencer uma guerra em poucos minutos sem destruir uma casa sequer?

- É sim, respondeu ele suspirando fundo.

- Estes neutralizadores são fabricados aqui mesmo?

- Não. Temos somente uma fabrica destes neutralizadores, mas não é aqui Talvez lhe leve até lá para que possa conhece-la.

- Eu gostaria mesmo de conhecer mais esta maravilha dos Acartianos

Ele sorriu

- Bem vamos à frente porque ainda ha muito para você ver Aquela altura calculei que já nos encontravamos no meio da fabrica, mas Acore me disse que não, quando lhe perguntei.

Na parte em que entráramos agora, pelo que se via, era uma fundição, porque havia moldes espalhados por toda a parte. Pude ver mais que nesta seção eram feitos os esqueletos das naves pequenas, porque os motores vinham da outra seção Esta seção, entre a fundição, as maquinas e a parte onde depositavam as naves, abrangia uma área de 500 a 2 mil metros Ali não me era difícil (ainda mais com algumas explicações de Acore) compreender em que peça trabalhava uma e outra maquina, porque ja conhecia bastante sobre as pequenas naves solares. Era uma coisa verdadeiramente fantastica, observar como era bem controlado tudo ali, pois entrava o material bruto numa ponta, era fundido e passava adiante, ate sair a nave pronta na outra ponta

Apos olhar ali e Acore me dar explicações de tudo, passamos adiante. Aí sim, eu vi verdadeiros milagres de um povo adiantado em ciência e técnica

COMO SE CONSTRÓI UM DISCO VOADOR!

Logo que entramos neste setor, Acore conduziu-me ate umas coisas que me pareceram piscinas, sem agua, eram redondas do tipo de um prato, com saliência sobre o meio, no fundo, com uns 30 a 35 metros de diâmetro

- Mas o que é isto? Perguntei admirado.

- São moldes das partes superiores das naves solares espaciais

- E esta, que tem ai em cima? Era bem do tipo da que estava presa no

piso.

- Esta é a tampa do molde, veja estes furos que há nestas de cima, por eles é que é introduzido o aço derret do nos moldes.

Passamos adiante, havia outra, mas quase do mesmo tipo das outras, so que o fundo era como uma copa de chapéu. Vi tambem muitos outros tipos de moldes, mas nem quero falar neles, porque, como ja disse, precisaria de todo este relatório para explicar.

Logo que entramos no setor das máquinas, tornos, plainas, prenças, ect , onde eram trabalhadas as peças depois de fundidas, é que vi bem o que saia daquelas piscinas Uma chapa saída de lá, girava num torno (forçosamente assim deve ser chamado), onde deveria ser o fundo do prato, havia uma abertura de mais ou menos dez metros. Um braço firme no centro, parecendo um guindaste, retocava, ou melhor, polia aquela chapa, pois saltavam fragmentos por onde passava aquilo Mais adiante, vi outras do mesmo tipo e algumas pouco diferentes, certamente eram as partes de baixo e as outras de cima. A seguir, varios homens com enormes maquinas, lidavam com aquelas chapas, já trabalhadas. Deviam pesar várias toneladas, pois tinham mais de um palmo de grossura por 30 m. de diâmetro Logo adiante havia outras já soldadas umas nas outras, ou lá como fosse, por aquela abertura, estavam introduzindo uma coisa parecida com um tanque, com 3 a 3 e 1 2 metros de altura por 10 m. de diâmetro Por fim chegamos ate onde havia varias, pelo visto ja prontas Acorc e eu entramos em uma, pelo que eu recordava, era bem igual a que me trouxera da terra Ele com calma de professor primario mostrou-me e explicou como tudo funcionava. Depois de pronta, era um bloco so, aquelas chapas com aquele tanque introduzido nelas. Numa parte sobre a metade da altura, onde fazia um degrau em redor da nave, havia 10 motores possantes solares, em cada lado, e, por dentro, havia uma infinidade de repartições e coisas.

Quando vi os motores com helices tipo turbina, perguntei :

- São estes motores que deslocam a nave?

- Sim, são, respondeu ele.

Eu, apesar de não entender muito de, ou melhor, quase nada da atmosfera, ionosfera ou estratosfera, tinha um leve conhecimento de que um avião a helice, fora da atmosfera não produz repuxo algum.

- Mas como, e no espaço também?

- Não, estes motores servem somente para se viajar dentro da atmosfera E quando se inicia uma viagem para outro planeta, da-se o impulso com estes para cruzar as barreiras de atração, uma vez que no espaço, estes motores perdem a utilidade

- Mas, nem funcionam?

- Sim, funcionam, mas não fazem força.

- Mas quando estes motores nao fazem mais força, como e que se loco-

move a nave daí em diante?

- Bem, no espaço as naves são movidas, ou melhor, atraídas pelas ondas magnéticas emitidas pelos próprios planetas e por nós.

Sobre este sistema de locomoção usado por eles no espaço eu teria uma infinidade de explicação a dar, mas é inteiramente impossível, não porque eu não tenha entendido suas explicações, e sim porque creio que até alguém daqui da terra, vier a ler este meu relato, talvez ainda esteja enterrado no mundo dos mistérios este tipo de locomoção usado no espaço.

Acorc mostrou-me e explicou como funcionava tudo aquilo. Quando nos saímos, ele me mostrou uma chapa quadrada na cúpula da nave, com um metro de comprimento por 80 de altura, parecida com uma torre.

- Veja lá, disse ele, embaixo daquela chapa há outra que com os olhos nús não se conseguem olhá-la.

- Por que não?

- Porque tem um brilho muito forte e este brilho cega uma pessoa instantaneamente.

- Qual a função daquela chapa, em baixo?

- Ela por si só não tem utilidade alguma, porem quando ligados os motores que há dentro da nave, estes produzem uma espécie de vibração e é esta vibração que produz as ondas magnéticas, iguais à emitida pelos planetas, consequentemente, o bloco menor é atraído pelo maior (no caso a nave pelo planeta).

- Mesmo tapada pela chapa de cima ela funcionaria?

- Não, aquela de cima é retirada, metade pra cada lado, como duas palmas de mão abertas, retirando uma para cada lado, a medida que retira a de cima a nave adquire mais velocidade, se for destapada toda, a velocidade será tanta que pode até desintegrar a nave.

- Por que a nave não pode ser movida por este sistema aqui dentro da atmosfera?

- Porque dentro da atmosfera os raios magnéticos têm direção única, isto é, em direção ao solo, portanto, se a nave estiver no solo, não se levanta e se estiver no ar, tomará o rumo do solo. Compreende agora porque uma nave necessita de um sistema aqui e outro fora?

- Sim, mais ou menos, respondi.

Dali até o fim da fábrica, era tudo cheio de naves, com tudo o que se relaciona com elas. Caminhamos em zigue-zague pelo meio delas. Eu não pude calcular quantas prontas havia, mas eram muitas.

Por fim perguntei:

- Estas naves são feitas somente para viagens interplanetárias?

- Algumas sim, são equipadas só para viagens interplanetárias, como aquela que lhe mostrei. Mas a maioria é feita para transportar de tudo, de um

lado pra outro aqui em Acart.

Finalmente, atingimos a outra extremidade daquele casarão. Saímos por uma porta que ficava sobre o meio (da ponta) da fábrica. Quando pisei fora, senti um alívio, pois cessara aquele plic-plac de aços sendo trabalhado nos meus ouvidos. O que não se ouvia quase nada, a bem dizer eram gritos ou gente conversando, apesar de haver milhares de homens e algumas mulheres trabalhando, reinava completo silêncio.

De onde nos encontrávamos, se podia ver bem uma grande parte da cidade, pois a fábrica ficava situada numa cordilheira. Calmamente observei atento aquela maravilha sobre rochas. Enquanto caminhávamos numa calçada que circulava a fabrica, em direção oposta ao lado em que entraramos, fiz uma pergunta que há horas estava atravessada na minha garganta. Por todos os lados em que andara vi coisas movidas à eletricidade, mas, no entanto não havia visto nem uma rede. Eu supunha que fossem subterrâneas. Para tirar esta dúvida, perguntei

- De onde vem a eletricidade que move estas máquinas e a luz das lâmpadas, se não vi nenhuma rede ou usina?

Ele sorriu e disse:

- Não temos nenhuma usina em Acart.

- Mas como?! De onde vem então toda esta energia que consomem?

- De lá – e foi apontando o sol.

- Sim, mas não são só as naves que funcionam com a energia solar?

- Aqui, há muitos anos que descobrimos os meios de aproveitar a energia solar, desde então, deixamos de lado as outras forças. Aqui, tudo o que você vê, motores, naves, lâmpadas, etc, cada coisa tem seu proprio gerador de força elétrica.

- Mas esta força, eletricidade solar, existe somente aqui em Acart ou em outros planetas também?

- Existe em todo o sistema solar. Estes motores que aqui temos, funcionam em qualquer planeta solar, com a diferença apenas, de que nos planetas mais próximos do sol têm mais força e nos mais distantes, têm menos força.

Nisto chegamos ao outro lado da fábrica e embarcamos em um trenzinho aereo, que corria no costado da parede e fomos até o meio da fábrica, ali descendo

Acorc falou:

- Agora vou mostrar-lhe mais uma coisa que se pode fazer com a energia solar. Veja! Eu olhei para onde ele indicou e vi uma pequena extensão de um penhasco sem construção. Era uma mina ou um túnel que estavam escavando ali, pois de dentro saía um trenzinho puxado diversos vagonetes. O que me deixou perplexo, foi que ele vinha subindo em direção a fabrica e o desnível do terreno, acho que tinha mais de 30%.

- Mas ele vai subir até aqui?

- Sim, vai.

- Mas não é possível!

- É possível sim, venha, vou lhe mostra de perto.

Fomos para perto dos trilhos e daí pude compreender porque ele podia subir aquela rampa, pois tinha engrenagens nos trilhos e nas rodas. O motor que puxava tudo aquilo era do tamanho de dois tonéis de gasolina emendados, trazia uma carga que eu calculei em 50 toneladas.

- Este é movido a energia solar, também?

- Claro que é. Aqui como já disse tudo é movida a energia solar.

- Para que essas pedras que aí vão?

- É minério para ser fundido.

- Minério de que? Ferro ou aço?

- Aço solar.

- Porque o chamam de aço solar?

- Porque é só este tipo de aço que se podem fazer os motores solares

- O senhor não sabe se na Terra também há este aço?

- Pelas pesquisas que temos feito, parece que há.

Voltamos dali e entramos novamente na fábrica. Fomos ver como era fundido aquele minério. Eu não pude ver como era fundido, porque não era possível aproximar-se muito, mas Acorc explicou-me qual o processo usado para derreter tal minério.

Havia uns tubos de 3 metros de grossura por 10 de comprimento. Ali dentro punham o minério bruto e depois por intermédio de círculos elétrico de milhares de volts, era derretido e depois despejado nos moldes.

Eu já não me admirava de mais nada. Isto é que nem choro quando se chora demais e não sai mais lágrimas. Ia a reboque por aonde Acorc ia, mas já me sentia enfastiado de ver tanta novidade (certamente meu cérebro não estava preparado para receber tanta coisa nova em tão poucas horas, eu via coisas que me deviam deixar pasmado, porém isto não acontecia mais). E assim fizemos mais umas voltas lá por dentro. Quando me dei conta, já nos encontrávamos no elevador, antes de subir para onde se encontrava nossa nave. Tiramos os papéis do peito.

Quando descemos do elevador, eu sentei dentro da nave e dei um longo suspiro, pois estava cansado e com sono.

- Para onde vamos agora? Perguntei.

Ele olhou o relógio e disse:

- Faltam um décimo para a próxima refeição. Prefere ir já para onde vamos fazer a refeição ou quer que mostre mais alguma coisa?

- O senhor é que resolve. Respondi.

Mas a vontade que eu tinha era de dar gritos e dizer: Não quero ver

mais nada! Estou morto de sono, cansado! Vamos embora! Chega!

Não podia fazer isso de maneira alguma, pois Acore parece que tinha prazer e orgulho de mostrar-me e explicar tudo.

DEFESA LIGADA A UM OBSERVATÓRIO ASTRÔNOMICO

Por fim, ele decidiu e pegamos o rumo dos arrabaldes da cidade montanha. Em pouco tempo deixamo-la para trás. De repente, vi a nossa frente uma coisa parecida com uma chaminé de fábrica.

- O que é aquilo? Perguntei meio contrariado.

- Bem, como lhe direi? Conhece algum telescópio na Terra?

- Sim, conheço por fotografia.

- Pois este é um e lá é que vamos.

Quando chegamos perto, vi que aquilo estava localizado num monte, mas dos mais altos que eu já tinha visto por lá. Ao chegar perto, nós voávamos bem alto e assim mesmo ele teve que dar uma guinada para cima, a fim de poder pousar.

Já pousados, vi que aquilo era tipo funil virado para cima. Tinha mais de 200 metros de altura e a boca era tão grande que quase daria para fazer um campo de futebol. Desembarcamos da nave; Acore se dirigiu a uns homens que se encontravam ali e apresentou o papel que sempre mostrava nos outros lugares. Eles sorriam alegres para Acore e conversaram um pouco. De repente, mudaram de fisionomia e me olharam meio assustados, mas eu já estava acostumado com a cara de espanto que nem liguei. Comecei a examinar o que havia ali.

Além daquela meia dúzia de homens encapotados (pois era muito frio ali), certamente guardas, pensei, havia uma casa chata de 10 por 20 metros e aquele funil enorme e mais dois canudos, um de cada lado do funil, estes de 80 cm. de grossura por 10 a 12 metros de comprimento. Julguei serem guardas, pois não era possível alguém morar em uma altitude destas. Eu tinha razão em assim pensar, pois Acore me explicou depois.

Pelo que pude observar a seguir, tanto o funil como os canudos eram movimentados por uns enormes guindastes como espias grossas.

Acore terminou de falar com um deles e virou-se para mim dizendo:

- Gostaria de ver a terra?

- Claro que sim, mas como?

- Acompanhe-me.

Entramos na casa e ele indicou-me uma cadeira dizendo:

- Sente-se.

Sentei. Em seguida ele foi até onde estava o pé daquele funil e come-

çou a olhar numas lentes. Aquela torre enorme começou a se inclinar até ficar mais ou menos a 25% de desnível. Quem manobrava aquilo eram os homens de fora. De repente, Acorc fez um sinal com a mão e eles pararam. Então ele me chamou, perguntando:

- Conhece bem num mapa o continente onde mora na Terra?

- Sim, mais ou menos. O senhor se refere à América do sul?

- Sim, isto mesmo.

- Por quê?

- Olhe aqui (indicou-me um troço que dava bem nas duas vistas) e me diga que continente é este e em que planeta?

Eu me coloquei e olhei. Quase larguei um grito.

- Não é possível?! A Terra, a América do Sul.

Eu via nitidamente os mares e o continente sul e parte do centro americano. Eu olhei por vários minutos, pasmo. Parei de olhar para perguntar:

- Como é tão claro e visível ali sobre a America e o resto do globo é escuro?

Ele deu uma gargalhada que me desconsertou um pouco e respondeu:

- Como é que quer? Que seja tudo claro? Não sabe que quando em uma parte é dia na outra é noite?

- Sim, sei, mas eu pensei que daqui não se notasse esta diferença.

- Como não, é justamente daqui que se nota esta diferença!

Então, olhei de novo e prestei atenção a este fato. Olhei somente para o continente Sul Americano, pois me parecia que eu tinha que enxergar até as cidades. Mas, isto não era possível. O que eu podia diferençar nitidamente um dos outros, eram os mares dos continentes, até com certa clareza.

(Deixo para mais adiante, transmitir para o papel como eu vi a terra de lá e também de mais perto, com mais detalhes).

Reparei bem e então pude ver com mais calma a atenção a parte clara. Alem do continente mencionado, pude ver mais uma nesga de outro, mas não sabia de qual, pois de geografia entendo pouco. Quando parei de olhar, ele perguntou:

- Então, gostou?

Meio triste, respondi:

- Sim, mas gostaria mais de estar olhando lá de perto, do que desta distância.

- Sim, acredito, respondeu ele sorrindo. Quer ver o seu satélite?

- Satelite? Que satélite? A lua?

- Sim, a lua.

- Mas dá para vê-la daqui também?

- Logico! Até se tivessemos mais tempo, eu iria lhe mostrar mais algum planeta.

Enquanto ele punha aquela torre em direção da lua, eu pensei: Chega de ver planetas como este de Acart, estou satisfeito. Agora, a lua, vá lá, porque tenho certeza de que fica mais perto da Terra do que daqui, apesar do provérbio que diz: "Quem gosta de casa não olha para a lua".

Ele disse:

- Pode vir que esta à vista.

Eu mais depressa me coloquei no seu lugar. A surpresa que tivera ao ver a terra, agora era diferente. Não se via quase nada e tive que apurar bem a vista para poder notar uma bola escura, com uma lista de claridade, como ela é aqui, isto é, olhando daqui a 3 a 4 dias antes da lua nova. O que me assustou um pouco foi que na parte clara elevava-se uma espécie de vapor ou fumaça.

- Mas o que é aquilo que se desprende dela? Veja.

Eu saí e ele olhou e sorriu, dizendo:

- Não é nada, ela faz assim quando está mais próxima do sol.

- E quando é que ela está mais próxima do sol?

- Como direi, bem quando vocês a chamam de lua nova lá na Terra.

Então, eu olhei de novo e meio intrigado perguntei.

- Mas ela não está na lua nova agora, pois vê-se bastante dela ainda!

- Sim, bem....

Ele pôs a palma da mão na testa e pensou um pouco e disse:

- Está na nova justamente hoje na Terra....

- Mas como? E aquela parte clara que se vê?

- Isto é porque daqui nós a vemos num sentido um pouco contrário do que dela se vê da terra. Digo-lhe mais, se fossemos denominá-la pela claridade que se vê nela, daqui nunca teríamos lua cheia.

Eu pensei: Esta gente parece que sabe mais a respeito da terra do que nós mesmos. Para tirar as dúvidas, perguntei.

- Que dia e hora são agora na Terra?

Ele riu de novo e com razão, pois minha pergunta tinha sido muito mal feita.

- Em que ponto?

Eu daí dei conta de erro e respondi:

- Na minha pátria é claro! De onde eu saí para cá.

- Ah! Bem. Ele pensou um pouco e disse:

- É dia 18 de maio e 3 horas da tarde mais ou menos.

- Que coisa! Sabem tudo mesmo! Murmurei baixinho.

A propósito de horas, temos que ir, porque está quase na hora de fazer a próxima refeição.

Quando preparávamos para sair, notei que ainda tinha aqueles dois canos que ele não havia explicado para que eram.

- E estes ali, para que são?

- Exatamente, ia me esquecendo de lhe explicar. Nós temos em Acart vários observadores (telescópios) destes montados.

- Para que fim?

- Como o fim de repelir algum eventua. ataque.

- Mas de que? Dos Terrícolas?

- Não, de momento não os tememos, mas existem outros planetas com seres e a ciência é avançada como a nossa.

- Sim, é. E por isto entre a distância de 1.500 km de um outro, temos espalhados em toda Acart estes observadores e junto com cada um deles, dois neutralizadores destes.

- São estes os neutralizadores de que o senhor me falou?

- Sim, são, como dizia, estamos continuamente observando o espaço se, por ventura, aproximar se alguem que seja suspeito colocamos os neutralizadores e ação em todo planeta Acart.

- Mas, não morrerão os Acartianos se neutralizaram o oxigênio do ar?

- Não, porque (conforme já lhe expliquei) eles só neutralizam na direção que forem apontados e nós não vamos aponta-los em direção ao solo e sim para o espaço.

- Sim, compreendo mais ou menos.

Então despedimos-nos dos guardas e partimos. Fomos direto ao local em que fizemos a refeição anterior. Na nossa chegada, ele apresentou aquele papel novamente. Eu já estava estourando de vontade de perguntar por que ele sempre apresentava aquele papel, porém me sentia tão embaralhado e cansado, que preferi não perguntar. Sabia que viria uma série de explicações e eu não estava mais para isto.

Fizemos a refeição em silêncio, ele sendo uma pessoa muito inteligente, notou meu estado de esgotamento e, creio por isto não puxava conversa.

Eu como sempre, comi pouco, só mesmo para não morrer de fome, pois só duas ou três qualidades de comida eu podia comer.

Feita a refeição partimos. Eu perguntei:

- Para onde vamos?

Torcendo para que ele dissesse que íamos para sua residência, pois só assim eu poderia dormir, caso não aparecesse mais alguma novidade. Quando eu pensava naquela noite comprida, mentalmente dizia - Esta eu hei de devora-la de ponta a ponta.

- Vamos voltar para Tarnuc.

- Onde fica isto? Perguntei bocejado.

- Não se lembra mais de onde partimos esta manhã?

- Sim, mas então é assim que se chama aquela cidade onde o senhor mora?

- É sim.

- Eu não sabia, pois o senhor sempre dizia: minha cidade natal ou a capital, que eu me lembre, o senhor nunca a chamou por este nome.

- Eu acho mesmo, concordou ele.

OS RIOS E A PISCICULTURA

Quando viajávamos uns 15 minutos, vi um rio, bem no rumo em que nós viajávamos. Eu não podia compreender como aquele rio estreitava e alargava de distância em distância, pois eu via bem ser o mesmo. Então perguntei.

- Como é que este rio, ora é estreito ora é largo?

Ele reduziu a velocidade e também diminuiu altura, dizendo

- São represas, onde termina uma começa a outra.

- Mas para que tantas represas? Decerto para irrigações, já que as rias aqui não há, conforme o senhor disse.

- Em parte sim, são para irrigações, mas a finalidade delas é quase que exclusivamente para a criação de peixes. E digo mais: a não ser os que oferecem perigo de inundações, todos os rios de Acart são assim como este.

- Mas, de quem são estas represas? Do Governo ou de firmas particulares?

- São do Governo e do povo ao mesmo tempo.

- Por que é tão incentivada a criação de peixes aqui?

- Pelo motivo de ser mais de 10 % de nossa alimentação de carne de peixe.

- É tão apreciada assim a carne de peixe aqui?

- Sim, e, além disso, é um alimento quase gratuito, (Eu pensei, gratuito? Como toda fortuna gasta em represas?) porque tem a vantagem de ser produzido quase totalmente em terrenos ocupados pela natureza, onde não podemos cultivar outras coisas.

OUTRA NOITE, OUTRA MADRUGADA

Eu estava tão exausto, que apesar daquele assunto ser interessante, procurei terminar nosso diálogo, porque preferia descansar àquela hora. Recostei-me no assento e num instante adormeci. Ele compreendendo minha situação, procurou não me acordar também. Acordei quando a nave já tinha pousado em frente ao seu apartamento. Ele tocou-me no ombro despertando-me. Apesar de eu ter quase só variado, durante aqueles instantes do sono, senti-me mais aliviado.

Antes de entrar olhei o sol; este ia quase entrando. Assim que entramos, só esperei que ele me mandasse sentar. Ele falou com a esposa e o menino que nos aguardavam e eles entraram para os fundos. Fiquei ali sozinho. Pensei: Graças a Deus, daqui a instantes poderei dormir.

Dali a instantes, ele voltou. Eu pedi.

- Se não faz diferença, eu gostaria de ir dormir.

- Mas espere, vamos fazer a refeição primeiro.

- Obrigado, eu não tenho apetite.

- Então, espere que vou lhe dar algo para tomar antes de ir dormir

- Este algo, eu descobri mais tarde, era o que me vinha sustentando desde que lá cheguei.

Acore trouxe-me um copo com um líquido escuro que tomei sem procurar saber, se era ruim de gosto. Ele acompanhou-me ate o quarto e me desejou bom repouso e retirou-se.

Arrumei-me e num instante sem poder pensar em nada, e adormeci.

Acordei, não sei que horas da noite com muita sede, tomei água e me deitei novamente. Dormi mais não sei quanto tempo. Quando acordei de novo, senti-me meio dolorido, calculei já deve estar próximo o dia. Levantei, preparei-me e fui saindo devagar do quarto Olhei pela janela da frente, vi que ainda era escuro. Pensei um pouco e achei que voltar para a cama não tinha graça, pois não tinha mais sono. Não voltei para o quarto; vesti o capote de mangas e saí para a marquise (terraço) Apesar do capote, ainda sentia bastante frio. Fiquei ali até o sol largar os primeiros raios sobre o horizonte Não creio que haja coisa mais bela feita pelas mãos do homem do que aquela cidade num amanhecer. Eu pensei Se esta gente me deixasse levar uma fotografia desta cidade colorida, só com ela eu evitaria uma guerra atômica na terra

- Plantado ali como estava, nem notei Acore que se aproximou atrás de mim dizendo.

- Bom dia. Eu retribuí a saudação. Ele continuou:

- Parece que dormiu bem.

- Sim, dormi toda a noite.

- Não achou-a muito comprida?

- Sim, mas e que meu cansaço era tambem muito grande.

- Faz tempo que levantou?

- Bem, levantei quando ainda era escuro e vim para cá olhar a cidade.

- Entao faz mais ou menos 2 décimos que está aqui? (uma hora e meia).

- Pode ser, respondi Eu nem vi passar as horas, tão absorto que estava com a cidade.

RECREIO MARÍTIMO

- Está disposto a viajar um pouco hoje?

Começou a bater forte o coração. Será que resolveram me levar de

volta para a terra hoje? Então perguntei:

- Para onde?

- Até uma cidade recreio, na costa do mar.

Esta resposta foi um balde de agua fria em meu contentamento

- Sim senhor, respondi cabisbaixo.

- Já que o Filho do Sol me encarregou de lhe acompanhar, tanto faz ficar aqui em minha residência ou em outro lugar

- Mas que cidade e esta? E porque chamam de cidade recreio?

- Bem, vamos lá e verá. É um lugar para descansar. Passaremos o dia lá, enquanto isso tenho muito que lhe explicar e podemos trocar idéias sobre Acart e a Terra.

- Está bem, eu disse.

Entramos e fizemos a primeira refeição Daí, Acorc pegou uma mala de tamanho médio e se despediu da família e partimos.

Seguimos o rumo do nascente Pelo caminho passamos por cima de varias cidades. Cada cidade que sobrevoávamos, eu pensava: e aqui. Porem, como não via mar, logo via que me enganara. De repente Acorc disse. Veja!

Olhei para frente, o mar apareceu longe ainda Ao chegarmos mais perto vi uma linda cidade que costeava a praia a nossa frente Ao nos aproximarmos mais um pouco, perguntei:

- Que muro e aquele que acompanha o mar além das da cidade?

- Mas não é muro, respondeu ele sorrindo Não vê que e um prédio?

- Prédio!?

Dai olhei bem e vi que era mesmo. Àquela altura já sobrevoávamos a cidade e cruzamos por cima do dito prédio. Passamos uma baía e fomos pousar em cima do mesmo.

Não era muito largo, tinha no máximo 100 metros de largura, com 5 e 6 pavimentos de ponta a ponta. Agora o comprimento sim, eu calculei que tinha mais de 20 km; não era reto e seguia as curvas das praias, deixando um espaço de 500metros entre ele e o mar. A cidade ficava para outro lado. Era estreita e com a maioria das casas pequenas (é bom que frise que quando falo casa pequena, não significa seja de um só pavimento ou de 10 por metros, são pequenas, em relação aquele monstro de 20 km)

Era mais uma cidade perto de um prédio do que um prédio dentro de uma cidade.

Onde pousamos havia além da nossa nave várias outras mais, e de instantes a instantes, chegavam mais A não ser uma ou outra que descia na cidade, vinham todas pousar no terraço do predio monstro Por cima dele se podia andar de uma porta a outra, até de automovel, pois era uma chapa so

Ele pegou a mala e disse:

- E muito cedo ainda, vamos caminhar um pouco aqui por cima, para

ver a cidade e as praias. Íamos olhando a cidade de um lado e vendo as praias do outro.

Apesar de cedo e da altura, não era frio ali em cima. Soprava uma brisa bem agradável. Foi o lugar mais quente que eu encontrei em Acar.

A passos lentos andamos uns 2 km, quando defrontamos uma guarita. Ele disse: Vamos descer aqui. Eu olhei para trás e perguntei:

- Mas como é que o senhor vai encontrar a nave na volta, no meio de tantas?

- Ah! É fácil. Está vendo estes quadrados aí? Sim (indicou-me no piso), estes são do tamanho exato de uma nave e são todos numerados.

- Ah é assim? Mas, assim mesmo, não há perigo de alguém roubar?

- Em absoluto, aqui ninguém precisar roubar para ter um.

- Quer dizer que os que vêm aqui são todos ricos?

- Não, nada disso, referi-me a toda Acart. Nossas leis daqui são diferentes da Terra. Depois lhe explicarei melhor.

Convicto com as explicações dele, entrei no elevador (este descia por fora do prédio) e descemos. Ao atingirmos o solo, desembarcarmos e entramos em uma repartição que julguei ser um escritório. Acorc puxou do papel e entregou a um homem que leu e o devolveu sorridente. Em seguida pegou dois cartões pequenos e deu-os a Acorc. Falaram mais um pouco e o homem ficou repentinamente sisudo e me olhou retendo o fôlego. Virou-se de novo para Acorc e trocaram mais umas palavras, então saímos e o homem ficou nos acompanhando até a porta com o olhar.

Atravessamos um bar (refeitório) com umas 1.000 mesas e saímos no outro lado. Seguimos uma calçada rente ao prédio e caminhamos uns 100 metros. Terminado aquele refeitório, havia um outro que se via à frente e um corredor, havia quartos, banheiros ou mictórios, (não pude ver direito) etc. Ao entrar ali, Acorc, abriu uma porta e então vi do que se tratava, eram apenas quartos para se tocar de roupa. Cada quarto servia para umas 100 pessoas, pois em redor das paredes havia lugar para cada um guardar sua roupa. Em cada quarto havia um tipo de mictório.

Acorc pôs a mala em um lugar daqueles, mas antes, porém, tirou de dentro, algo parecido com uma garrafa e saímos. Ao sair no corredor, vi duas mulheres saindo de um quarto no outro lado do corredor. Compreendi então, que aquele lado pertencia às mulheres. Assim que alcançamos a calçada de novo, ele deu-me um daqueles cartões e disse:

- Guarde-o. Eu não quis pedir mais explicações sobre o mesmo, porque mais ou menos já sabia para que servia.

Lado a lado com ele, caminhamos uns 800 metros, sempre costeando o prédio. Durante o percurso fui observando tudo. A uns 10 metros de distância do prédio, no lado do mar, havia duas fileiras de árvores, bem encorpadas,

plantadas na distancia de 10 metros mais ou menos, uma da outra. Isto de uma ponta a outra do predio. Debaixo e entre as arvores, era cheio de bancos de toda especie. Hav a uns troços tipo balanços pendurados nas arvores e em armações proprias. Além das árvores, era so areia ate a agua do mar. Era um verdadeiro paraíso aquele lugar.

No tocante ao predio, o primeiro piso era constituido somente de bares, refeitórios e quartos para trocar de roupas. Os restantes andares eram só de quartos, dormitórios, pelo que eu pude deduzir.

Entramos em um daqueles bares e sentamos. Acore pediu qualquer coisa a um rapaz que atendia ali. Este foi ate um balcão que ia de uma parede a outra do prédio e voltou com dois copos (com água a meu ver) nas mãos e os depositou em cima de mesa, retirando-se em seguida. Acore abriu a garrafa ou lá o que fosse e pôs um pouco em cada copo do conteudo da garrafa. Alcançou-me um deles. O que é isto? Perguntei.

-É água, com não sei o que, (porque não me lembro o nome que ele deu). É preparado por minha esposa em casa. Tomei. Era até bem bom, meio doce. Tomamos mais dois copos e saímos.

Dali, demos umas voltas ate chegar a hora da segunda refeição. Entramos, não sei se no mesmo bar refeitório, pois eram todos iguais para mim e juntamente com uma grande multidão fizemos à refeição.

O PLANETA SEM DINHEIRO

Após, saimos e fomos ate as árvores e nos sentamos comodamente em umas bancas parecidas com cadeiras de balanço. Pus as mãos debaixo da cabeça e, assim permaneci por uns minutos. Mas naquela calma comecei a refletir e me veio à mente uma infinidade de coisas que eu ainda não tinha explicações satisfatórias. Bruscamente, levantei o corpo e fiquei sentado, resolvido a pedir que Acore me explicasse estas coisas que eu não estava entendendo.

Uma delas era que, desde que me encontrava em Acart, ainda não tinha visto ninguém puxar dinheiro para pagar o que quer que fosse. Tínhamos feito a refeição com quase mil pessoas e ninguem havia paga nada.

Com relação a nos, eu ainda tinha uma leve explicação, pois tínhamos aquele papel que talvez fosse uma requisição do governo, mas... e o resto?

Para sair desta dúvida, perguntei:

- Qual é o tipo de dinheiro existente aqui?

Ele levantou-se e sentou na mesma posição que eu, bem à minha frente e disse.

- Dinheiro? Não há dinheiro aqui em Acart.

Eu quase caí de costas, com banca e tudo.

- Mas como?! E como compram as coisas e pagam os empregados?

Ele deu um suspiro e respondeu:

- Bem, isto é um assunto muito comprido, mas vou tentar explicar-lhe. Acart (se não me engano já lhe falei) era toda dividida em países e cada um tinha seu tipo de Governo e moeda. Porém, quando começou a se sentir o problema da superpopulação, os mais abastados começaram a negociar com cada palmo de nosso solo e assim que os que tinham dinheiro possuíam e adquiriram espaço de sobra para viver, ao passo que os menos favorecidos pela sorte eram banidos para a rua. Surgiram várias guerras, roubos e especulações e tudo o mais. Por quê? Sempre por causa do maldito dinheiro.

Todo o planeta era um inferno, para uns poucos sobrava e outros em maior número morriam de fome, miséria e doenças.

Então quando parecia tudo perdido, eis que surge o maior sábio de todos os tempos em Acart. E o que fez ele? Descobriu o meio de aproveitar a energia solar. E o que teve a ver com a situação do dinheiro? Muita coisa. Uma vez descoberta, ele e mais dois outros de seus seguidores, inventaram as armas que possuímos atualmente.

- Ele era rico ou pobre?

- Muito rico, mas empregou toda a sua fortuna em pesquisas que resultaram em benefício de todos.

- De que maneira?

Da seguinte maneira. Quando ele conseguiu inventar o neutralizador, não revelou a ninguém o seu invento, mas deu provas cabais do que era capaz de fazer com tal arma. Ameaçou a todos os países, para que se não encontrassem um denominador comum para suas divergências, ele usaria aquela arma. E apresentou um plano global, para a salvação do planeta. Então todos ou quase todos lhe obedeceram. Seu 1° passo foi abolir todas as fronteiras, fazendo de toda Acart um só país. O 2° foi nivelar todos os cidadãos com direitos e obrigações iguais. Para conseguir isto, teve que terminar com o dinheiro e, com isto automaticamente terminou com a ganância, especulações, roubos, logros e outros coisas mais, provenientes do dinheiro.

- Então ele foi uma espécie de ditador?

- Não, ele não era diretamente o Governo, mas apenas dava as ideias e outros as punham em prática.

- Com certeza ele contou com o apoio de algum país forte?

- Não, é que como já disse 90% da população de Acart, vivia oprimida e na miséria e assim compreenderam suas ideias e o apoiaram, os restaurantes 10% nada puderam fazer, por fim, aderiram também. E como o povo o ajudou a implantar este regime, o próprio povo teve o direito de escolher seus governantes. Fizeram proposta para ser ele o escolhido, porém ele não aceitou, mas indicou um filho seu. Este foi chamado de o homem sol graças às suas descobertas, seu filho foi chamado de o Filho do Sol. Daí a tradição de se chamar

nossos presidentes de Filho do Sol.

- Ah! É por isso?

- É sim.

- Eu pensei que fosse um nome sagrado.

- Não, não é como vê.

- De quanto em quanto tempo é escolhido o governo de Acart?

- Em cada 3 anos (Acart).

- Mas como podem se ajeitar sem dinheiro para comprar ou vender as coisas? Como é que fazem?

- Aqui, ninguém precisa comprar ou vender nada, basta trabalhar (se for apto) que tem tudo o que precisa e deseja menos imoralidades. Aqui constitui crime alguém se desviar do trabalho. Nós chegamos à conclusão de que o dinheiro é obra do espírito mau. Sem ele muitos males são evitados.

- São obrigados a trabalhar até depois de velhos?

- Não, a gente trabalha tantas horas por dia e de noite e nas horas de folga, pode ir onde quiser, comer ou beber por dia em qualquer lugar publico, sem extravagâncias. E em cada ano há um período de folga, então se pode viajar por toda Acart e ver o que quiser, viajar pelo meio que preferir. Para isto basta um comprovante que é fornecido pelo Governo. E tem mais: o que uns cidadãos têm todos têm, porque aqui tudo o que é produzido obedece a um plano global: as casas, naves, vestuários, alimentação, ect.

- E até que idade tem que se trabalhar?

- É o seguinte: até 11 anos (Acart) tem que estudar, dali em diante vai trabalhar na profissão que foi aprovado nos colegios; trabalha até 36 anos (Acart) e depois aposenta. Então, pode para o resto de vida, pode viajar para onde quiser, morar em um lugar fixo ou viver de hotel em hotel como melhor lhe aprouver. Terá toda a assistência e atenção que merece para o resto da vida.

- Esta lei é também para as mulheres?

- Bem, as mulheres tambem estudam até 11 anos, depois que se casam, cuidam do lar; caso contrário, são obrigadas a trabalhar segundo sua profissão.

UMA CONVERSA MUITO SÉRIA

Ficamos todo aquele resto do dia falando sobre estes assuntos e outros tambem, só sendo interrompido para fazer as refeições e numa hora que Acore foi banhar-se no mar. Eu não vou narrar tudo o que nós falamos, porque seria preciso um livro só para contar o que ele me explicou aquele dia. Ele me pôs a par de muita coisa como sejam: as obrigações individuais, justiça, a maneira como são escolhidos conselhos e o governo. A certa altura quando eu gabava o regime e a maneira deles viverem, ele suspirou fundo e disse:

- É, mas nós temos um problema muito grande e cada dia que passa, se agrava mais.

- Qual é e e?

- É o problema da superpopulação, que se não for resolvido logo, talvez tenhamos que tomar medidas drásticas de toda ordem, que nosso alto senso religioso não nos permite.

- Não há nenhuma solução em vista para o problema?

- Remotamente temos.

- Qual é a solução?

- Transportar parte de nossa gente para outro planeta menos populoso

Com intuito de salvaguardar o nosso planeta eu lhe propus o seguinte

- O que o senhor me diz da lua? Há cientistas da Terra que quase afirmam ser ela desabilitada

- Que é desabitada, nós sabemos perfeitamente, mas acontece que um satélite da Terra que não tem vida própria e, além disto, muda de temperatura cada 14 dias (Terra), de bem quente passa para bem frio.

- Então qual é o planeta que os senhores têm em mira?

Ele fez uma cara azeda e retorceu os lábios e por fim disse

- Eu me desgosto ter lhe contar, mas como Filho do Sol me pediu para fazê-lo, tenho que fazê-lo.

Antes de ele continuar, eu louco de medo que ele dissesse que sim, perguntei:

- Por acaso os Acartianos estão planejando invadir a Terra?

- Não é este termo exato, mas é realmente na Terra que esperamos resolver este nosso problema

Passou um frio pelo corpo e eu fiquei momentaneamente mudo.

Pensei Se esta gente quiser mesmo, com as armas e os meios de locomoção que dispõem, podem nos reduzir a nada em poucas horas.

- Mas o que pretendem fazer realmente dos Terrícolas e da Terra então? Perguntei gaguejando.

-Em primeiro lugar digo-lhe que não vamos fazer-lhes mal algum, todo o mal que acontecer a vocês será feito pelas suas próprias mãos.

- De que maneira?

- Aqui é que está a parte mais cruciante do problema que tenho que lhe contar, respondeu ele demonstrando certa tristeza.

Depois me fez a seguinte narrativa com pequenas interrupções

- Conforme já lhe contei, nós há vários anos que conseguimos chegar à Terra; desde então, estamos explorando tudo o que há por lá, cidades, desertos, florestas, mares, zonas rurais, etc Sabemos que lá ainda existe muito espaço vazio, tanto que já tínhamos feito um plano de invadir a Terra pela força, porém compreendemos que isto provocaria uma matança que seria inútil, e assim nosso senso religioso e nosso alto espírito humano não nos permitiu fazer tal coisa Mas, aconteceu que durante nossas pesquisas na Terra descobrimos uma

coisa que nos vai beneficiar muito no futuro.

- O que é?

Nós estamos a par de tudo o que se passa na Terra, você pode confiar no que estou lhe dizendo. Sabemos quais os países que são amigos entre si, descobrimos a tempo que os Terrícolas estão aperfeiçoando uma arma que há tempos aqui em Acart, quase nos destruímos, mutuamente. Por sorte compreendemos a tempo agora, o que ontem representava um perigo, hoje nos serve na agricultura e em muitas outras coisas.

O senhor se refere à energia nuclear e as bombas atômicas? Mas em que sentido vai beneficiar a vocês as bombas que os Terrícolas possuem e estão fabricando? Senão a energia em si?

- Não ignora que a Terra existem duas ou mais facções que se combatem e todas possuem bombas atômicas, com alto poder destrutivo, e continuam a fabricá-las cada vez em maior escala. Se em vez de usarem a energia nuclear para fins destrutivos a usassem para fins construtivos nossas esperanças seriam nulas.

- Que esperança?

- As de habitar a Terra.

- Quer dizer que pretende mesmo invadir a Terra?

- Sim, mas como já disse não é este o termo. Vou lhe explicar de que maneira.

- Você ja deve ter compreendido que é eminente uma guerra atômica na Terra, e até se nos quiséssemos abreviá-la, poderíamos, pois era só interceptar um avião ou navio de qualquer facção, que uma julgaria que era a outra. Mas nós não iremos intervir de maneira nenhuma, porque chegamos a conclusão que eles não suportarão por muito tempo a curiosidade de ver o estrago que fazem aqueles brinquedos, e quando isto acontecer, nem eles mesmo escaparão da devassa, porque com poucas bombas daquelas

contaminarão todo o Globo Terrestre. Isto acontecido podemos nos apoderar tranquilamente de todo o Globo terrestre, porque os poucos que restarem não nos farão resistência, ate pelo contrário, nos agradecerão.

- Mas de que lhes adianta um Globo Terrestre contaminado pela poeira radioativa e destruído?

- Quanto à continuação para nos não constitui problema.

- Por que não?

- Porque nos aqui temos um aparelho que neutraliza os efeitos maléficos da poeira radioativa, transformando-a ainda em fertilizantes para o solo e os seres

- Se acontecer mesmo esta guerra, quanto tempo vai esperar para entrar em ação?

- Em seguida entraremos em ação, assim que termine a guerra, porque

se custarmos a agir, a vegetação morrerá toda nas zonas mais conflagradas.

- E se houver um vencedor que não haja sofrido estrago nem humano ou material?

- Não haverá vencedor em uma guerra destas, eles se atacarão mutuamente, temos certeza disso, porque nós conhecemos todos os segredos dos Terrícolas, ao passo que eles nada praticamente sabem sobre nós.

- Mas se eu contar que estive aqui e o que ouvi e vi em Acart?

- Não adianta, eu lhe dou toda a razão em dizer que ninguém vai querer crer em você.

- Que interesse repentino foi aquele que despertou no Filho do Sol e no Conselho, quando de um momento para outro, depois de acharem perigoso meu retorno à Terra, pedirem para fazer um relato por escrito de tudo o que vi, ouvi e senti e procurar divulgá-lo? Talvez tenha sido para testar minha lealdade?

- Digo-lhe que não foi por isto, temos interesse em grande parte dos Terrícolas ficarem sabendo de uma possível narrativa sua a este respeito, e como é de se esperar, ninguém vai acreditar de momento.

- Por que de momento?

- Porque somente vão acreditar quando alguns destes fatos se confirmarem.

- Em que virá isto lhes beneficiar e quando?

- Quando sair a guerra e nós aportarmos lá. Os poucos que sobreviverem, por seu intermédio estarão sabendo dos nossos sistemas de governo, nossa maneira de agir e de ser, e assim não nos farão resistência, que, aliás, seria inútil tentar.

Larguei uma pergunta um tanto picante:

- Quer dizer que vão chegar como donos da casa e não como forasteiros, não é assim?

- Pois já lhe disse que nós não vamos fazer-lhes mal algum. Agora, uma vez feito o mal pelas suas próprias mãos, nada mais lógico do que nos beneficiar com ele. Nós, Acartianos, por força das circunstâncias aprendemos a ser realistas. Esta questão é comparável com uma fábula que meu pai sempre contava, quando eu era menino, que é o seguinte. Um senhor que tinha inúmeras gaiolas achou por bem colocar pássaros em quase todas elas. Havia duas, penduradas bem próximas uma da outra.

Nestas duas gaiolas os pássaros foram se multiplicando, uma chegou ao ponto de quase não haver mais um lugar para nenhum, mas viviam bem conformados e se contentando cada um com lugar para sentar.

Pensavam: Assim, todo aquele que o senhor deixar nascer, também lha dá os meios para viver. Ao contrário da primeira, na segunda, havia bastante espaço, porém começaram a brigar, cada um queria o lugar melhor, os mais

ortes viviam comodamente e os fracos iam se acomodando nos cantos e se conformando com as migalhas. Não parou aí a incompreensão e a ganância dos fortes, cada um queria ser o melhor e mandar. Por fim, se atiraram a uma luta feroz que se destruíram mutuamente e com eles perecendo também muitos dos fracos, que nada tinham que ver com aquilo. O senhor vendo isto, deu asas para os da outra gaiola para assim que pudessem mudar metade para aquela. Estes foram para lá e reconstruíram os ninhos quebrados, recuperaram alguns dos que haviam escapados com vida, e assim puderam viver tranqüilos por muitos anos, sem se preocupar com o problema do espaço, tanto em uma gaiola como na outra.

- Compreendo a moral, infelizmente para nós Terrícolas, talvez isto venha mesmo a acontecer. É meio parecido com a Terra e Acart, respondi cabisbaixo.

Após uns minutos de silêncio entre nós, eu perguntei. O senhor não acha que erraram em me mostrar e explicar tudo a respeito de seus meios de locomoção e armas? Pois uma vez de volta a Terra, se me desse na telha de tentar fazê- os da maneira que o senhor me explicou tudo, eu achando um governo que me desse os meios necessários, tenho a impressão de que eu chegaria à conclusão.

Ele engoliu em seco e custou a responder, por fim, entre repreensivo e assustado disse:

- Bem, em primeiro lugar, creio que não pensa em fazer isto. Em segundo, é que os Terrícolas de momento não dispõem de material para este fim. Mas, por favor, não me fale em semelhantes coisas mais, porque se alguém daqui desconfiar que possa fazer isto, talvez tenha que viver aqui em Acart o restante de seus dias de vida. Digo alguém, porque eu não o julgo capaz nem de uma coisa nem de outra.

Só então que vi onde tinha me metido com minhas suposições tolas e respondi:

- Mas não é que eu me julgue capaz disso, é apenas uma suposição.

- Isto eu acredito, mas não vai querer fazer tais suposições perante o Filho do Sol e o Conselho.

Dizendo isto, calou-se, ficando com os dedos das mãos cruzados, pensativo. Eu ia lhe fazer mais uma pergunta, mas antes de sair dos lábios a retive e então fiz a mim mesmo, isto quase desnecessariamente. Que mal haveria se os Terrícolas chegassem a possuir desintegradores, neutralizadores, naves solares, enfim, tudo o que eles possuem? A resposta é lógica.

Os Terrícolas buliçosos como são, se chegasse a ter este poder, não iriam esperar uma possível catástrofe dos Acartianos para se apoderarem do planeta, iriam isto sim, sem perda de tempo, ao ataque, e então o problema da super-população seria resolvido com os Acartianos mesmo e não com os

Terrícolas.

O sol já estava bem baixo, como se fosse 5h aqui na Terra em mês de maio. O frio se fazia sentir cada vez mais. Então Acore rompeu a barreira do silêncio que já perdurava há vários minutos entre nós, dizendo:

- Vamos nos recolher, enquanto aguardamos a quinta refeição, podemos tomar algo.

- Sim, senhor.

Saímos dali e nos dirigimos a um dos refeitórios do hotel de 20km. Aliás, primeiro fomos para o local onde havíamos deixado nossas coisas, lá chegando, pegamos nossos pertences e fomos nos sentar numa das centenas de mesas que havia no bar refeitório. Acore fez um sinal para um rapaz e este assentiu com a cabeça, e dali uns instantes veio até nossa mesa trazendo dois copos médios servidos. Enquanto bebíamos, perguntei:

- Passaremos a noite aqui?

- Não, voltaremos para Tarnuc após a refeição.

Eu ainda sentido por ter proferido aquela frase tola, comecei a pensar nas horas que ainda faltavam para eu voltar à Terra, pois por qualquer coisa mais que eu tolamente dissesse, seriam bem capaz de me reter o resto da vida aí. Então resolvi sondar Acore, para ver das possibilidades de abreviar meu retorno à Terra.

- A que horas partiremos amanhã?

- Ao anoitecer, conforme o combinado.

- Será que o Filho do Sol não concordaria se o senhor em meu nome pedisse para partir antes?

- É bem possível, respondeu ele suspirando,

- Não é fácil falar com ele ainda hoje?

- Sim é, posso transmitir seu pedido se quiser!

- Sim, quero. Pareceu-me que ele se alegrou com a minha ideia, não sei se por andar farto de minha companhia ou por temer que eu falasse mais alguma coisa comprometedora, que ele por dever de consciência teria que me denunciar.

UMA JUSTIÇA DIFERENTE

Já tínhamos tomado a bebida e aguardávamos a refeição, quando me chamou a atenção o aspecto de um homem, que se encontrava no lado de fora frente a porta. Principalmente seu traje, pois por toda a parte eu não vira uma pessoa mal vestida. Este, além de mal vestido, ainda demonstrava um rosto sofredor. Seu traje consistia de um tipo macacão, meio sujo e desbotado, sem cobertura na cabeça e com um calçado velho nos pés. Quando ele viu que eu o fitava ele me falou, porém não entendi nada, mas pelos seus gestos percebi que pedia o que comer

Encarei Acorc e pergunte:

- Como é que o senhor me disse que aqui não há pobres, nem ricos, que são todos iguais?

- Sim, assim é.

- E este aí, o que é então?

- Este aí é o seguinte: vê o que ele tem no pescoço?

- O quê? Aquela corrente com medalha? Sim, o que significa aquilo? É algum religioso?

- Não, pelo contrário, é um criminoso.

- Um criminoso?

- Exatamente.

- Mas qual foi o crime que ele cometeu?

- Não sei, não o conheço.

- Então como o senhor pode dizer que é um criminoso?

- Bem, vou lhe explicar. Aqui em Acart não existem prisões (continuei a ouvi-lo meio confuso). A pessoa que cometer um crime é julgada de acordo com a culpa, recebe o castigo que é, desde a transferência do trabalho leve para o pesado, até a pena de morte. O crime deste deve ter sido de grau médio para grande, mas não tão grande que merecesse a pena máxima, por isso o condenaram a não sei quanto tempo com a pena de exclusão da sociedade.

- Que pena vem a ser esta?

- É obrigado a trabalhar sem ter o direito de cidadão Acartiano, não pode entrar em nenhum estabelecimento público para adquirir o que quer que seja.

- Mas como é que vão saber em toda parte que ele é um condenado?

- Muito simples, quando é condenado, lhe põem no pescoço aquela corrente com a medalha, que ele só pode tirar quando tiver cumprido a pena, e além disso tem que andar sempre com aquele traje que o identifica.

- E se ele for pra outro lugar? Outra cidade?

- Não pode ir, porque lhe é vedada a entrada em qualquer veículo e se for a pé também não adianta, porque as leis são iguais em toda a parte.

- Como é que ele arranja o que comer?

- Se for casado, a esposa, ou os filhos, ou ainda os parentes adquirem. Veja.

Olhei para o lado onde ele estava, um dos serventes levou-lhe um prato servido e ele sentou-se no meio fio da calçada e comeu de boca cheia.

- Assim como lhe dão o que comer lá fora, não daria no mesmo se ele comesse aqui dentro?

- Não, não dá. Já imaginou você comendo lá fora por não ser digno de entrar no estabelecimento?

- Sim, é uma humilhação.

- Então não acha melhor castigá-lo assim em vez de encerrá-lo em u prisão enquanto outros trabalham para ele comer?

- É verdade, mas creio que lá na Terra não daria certo uma lei assim porque há imensos rincões que nem as atuais leis de lá podem ser impostas devido à falta de meios de locomoções ou de estradas. Assim, um indivíduo com uma pena destas, uma vez num lugar destes, não sente nem a centésima parte do castigo que sente aqui.

- Sim, isto é verdade, que agora não pode ser imposta uma lei como essa na Terra, mas com o tempo quando por ventura a Terra for totalmente habitada como aqui em Acart, então será mais aceitável, talvez. (Obs.: Nós continuamos discorrendo sobre esse assunto por vários minutos ainda, mas como minha intenção é de não me entreter e dar explicações sobre leis ou justiça, deixo de relatar o que falamos a seguir sobre este assunto.)

Foi servida a refeição; Acore se serviu com certa abundância de todos os pratos que nos foram oferecidos. Eu, como sempre, limitei-me aos pratos que já conhecia que me era possível comer. Digo possível, porque havia várias qualidades que eu não me atrevi a servir em público, porque tinha quase certeza de não poder ingeri-los. A oportunidade de prová-los sozinho tive somente uma vez e, então, nem sabia onde me encontrava e não levei em consideração esse particular.

Após a refeição, fomos até onde havíamos deixado nossos pertences. Ali Acore tirou de dentro de uma mala um capote e me deu. A propósito, quero dizer que chegou na hora mesmo, pois apesar do traje Acartiano que eu vestia ser todo de tecido grosso, eu quase batia queixo de frio.

Enquanto nos arrumávamos para sair, eu mentalmente me preparava para caminhar um longo trecho até onde se encontrava a nossa nave, a não ser que Acore tivesse mandado alguém trazê-la para mais perto.

Quando demos os primeiros passos, eu fiquei meio desconcertado, pois me aprontava para subir no elevador, quando, ao invés disso, começamos a descer uma escada.

UM TREM DE RODAS

Pelo visto se dirigia para um túnel, já que nos encontrávamos no andar térreo.

Eu parei e perguntei:

- Para onde vamos?

- Para onde se encontra a nave.

- Mas ela não está lá em cima e aqui nós estamos descendo em vez de subir?

Ele sorriu e me bateu com a mão esquerda nas costas dizendo:

- Não se preocupe que eu conheço o caminho.

Sem saber o que dizer, acompanhei-o.

Descemos uns 10 degraus, ali a escada dobrava para a esquerda. Com mais 5 ou 6 degraus, comecei a ouvir vozes de muita gente. Quando chegamos ao piso, ele olhou para mim sorrindo significativamente. Eu sorri também e disse:

- Agora eu concordo porque aqui é mais fácil e mais rápido para se chegar até onde se encontra a nave.

O que eu via em minha frente, era uma das muitas coisas que um povo inteligente consegue fazer para aproveitar o espaço, quando este é pouco. Jamais eu poderia supor que ali debaixo daquele edifício houvesse vários trenzinhos correndo de uma ponta a outra, repletos de passageiros (aliás, o 1º veículos de rodas que eu vi em Acart cheio de passageiros). Fomos até uma plataforma por onde passavam os ditos trens. Quando ali chegamos Acorc baixou uma alavanquinha das muitas que vinham penduradas. O trem parou, abrindo uma porta ao mesmo tempo. Ele me fez um sinal para subir, ao fechar a porta o trem se pôs em movimento mais ou menos a 30km/h.

Quero esclarecer que era um trem, sim, mas em vários aspectos diferentes dos daqui da Terra. Corria sobre trilhos, suas rodas eu não pude ver que tamanho era. Não era dividido em vagões compridos, cada assento cabiam duas pessoas, parecendo um vagão. Como é lógico, para andar num subterrâneo era descoberto. O motor em vez de ser em uma das pontas, era no meio dos vagões. Quase não fazia ruído.

Quando se pôs em movimento, eu olhei para frente e para tras e como não visse ninguém dirigindo-o, perguntei:

- Quem é que dirige isto?

Acorc respondeu:

- Nós, isto é, cada um que embarca .

- Mas como?

- É tudo automático, como vê, cada plataforma destas (tais plataformas se encontravam de 100 em 100 metros uma da outra, sendo as mesmas de uns 20m de comprimento por 4 ou 5 de largura) tem uma alavanca como aquela (mostrou-me uma alavanca perto de uma coluna na plataforma), o passageiro sobe na plataforma e, quando ele vê aproximar o assento onde quer embarcar, ele aperta um botão em uma coluna e em seguida avança uma alavanca para frente, que vai tocar na porta do veículo desejado. Este pára então, abrindo-se a porta. Quando a porta se fecha de novo, a ligação se faz novamente, pondo-se em movimento o veículo.

- Mas o senhor não usou a alavanca da coluna?

- Não, não usei

- Mas então?

É que nós, homens, abaixamos diretamente com a mão sem usar a da

coluna, somente as mulheres e crianças usam o sistema completo, porque se não se espera com o braço firme, leva-se uma pancada e não desliga o motor.

- Agora compreendo. Até onde vão esses trens?

- Estes fazem somente o trajeto de uma ponta à outra do edifício (falávamos neste, porque havia 4 linhas que corriam paralelas, duas de cada lado, com uma carreira de plataforma sobre o meio, que servia duas linhas e, uma de cada lado do edifício que servia as outras duas). Agora, como já lhe falei, temos em nossas cidades muitos que fazem um percurso de até 500Km e que andam em grande velocidade.

- Todos os subterrâneos são como estes?

- Sim, quase todos.

- Por que é que estes não desenvolvem mais velocidade?

- Por que aqui, como sabe, é um lugar de descanso, portanto não há motivos para correrias.

- Isto é mesmo. O senhor pode explicar como é que eles fazem a volta no fim da linha? Ou eles retornam pelas outras?

- Cada um destes 4 trafega numa linha, ao chegar no fim da linha eles tocam em uma chave que os faz trabalhar em sentido contrário.

- Mas é o motor que trabalha para os dois lados?

- Não, inverte as engrenagens.

- São movidos pela energia solar também?

- Sim, são.

- Se não houver um passageiro em cima eles andam o mesmo?

- Sim, andam como expliquei; quando ele chega ao fim da linha, retorna automaticamente tanto de um lado como do outro.

- É uma maravilha! Respondi, suspirando. Além de não consumir combustível algum, ainda anda sem condutor!

Eu estava tão entretido, que, se fosse por mim, iríamos até o fim da linha.

Apesar de que, nem que eu quisesse não adivinhava onde tínhamos que parar para chegar até nossa nave.

Com Acorc não acontecia o mesmo. Ao chegarmos numa plataforma, ele abaixou a alavanquinha da porta e o trem parou e descemos. Dali, subimos por uma escada idêntica à que tínhamos descido antes e demos no andar térreo. Ao chegar ali, eu pensei que tínhamos voltado ao lugar de partida, mas como eu sabia que Acorc sabia o que estava fazendo, eu segui seus passos sem perguntar nada.

Entramos num elevador e subimos até a guarita em cima do prédio. Quando saímos senti o vento frio no rosto e nos olhos. Olhei em redor, havia centenas de naves. Pensei: Quero ver como ele vai achar a nossa!

Seguimos uns 12 a 15 metros com ele sempre atento a uns riscos

(para mim), mas que certamente para ele eram números ou letras bem legíveis os quais nos íamos pisando em cima. Finalmente, aproximamo-nos de uma que ele abriu e embarcamos.

ABREVIANDO MEU REGRESSO

Acorc fez as manobras de sempre e, em poucos minutos, já estava longe para trás o edifício de 20 km.

- Para onde vamos? Perguntei.

- Para Tarnuc, respondeu ele.

- Sim, mas eu me refiro se vamos direto para sua residência ou se vamos... interrompi a frase, mas ele, adivinhando o que eu queria dizer, respondeu:

- Bem, se está mesmo com vontade de abreviar o seu regresso à Terra, podemos ir direto à residência do Filho do Sol e ver o que se pode resolver.

- O senhor acha que ele concordará em nos deixar partir antes do dia de amanhã?

- O pedido feito por você, creio que concordará.

- Então não seria bom que fôssemos direto para a residência, porque se ele concordar, terão tempo de preparar tudo para a partida, pois certamente estão preparados para partir amanhã à noite.

- Sim, acho mesmo.

Já que ele havia baixado duas capotas, eu procurei terminar depressa nosso assunto para poder olhar para fora, a fim de observar as cidades que íamos sobrevoando. Não vou tentar descrever o que é olhar uma cidade de Acart numa noite escura (aliás como são todas) voando por cima a 2 ou 4 mil metros de altura. É inteiramente impossível para mim. O que posso dizer é que me fez lembrar do tempo em que eu era menino e meus pais foram morar num sertão, que de planícies não tinha nada e lá estavam novos moradores todos os dias e, consequentemente, tinham que fazer novas derrubadas de matas e ali, em agosto ou setembro, nos dias de sol queimavam alqueires e mais alqueires. Como morávamos em um lugar bem alto, eu nas noites bem escuras, ficava horas a contemplar aquele colorido vermelho das labaredas que consumiam os restos das madeiras mais secas cá e lá. Eu não gostava de ver o fogo consumir as madeiras, pois sempre amei a natureza, doía-me ver aquelas belas árvores antes com encopadas, virarem cinza. Era um prazer que dava aos olhos aquele tremular de labaredas dentro da noite escura.

As cidades de Acart vão muito além disto, porque aquele tremular é completamente colorido, e não são as luzes que dão aquele esplendor, mas sim as próprias paredes.

Eu ia tão entretido com aquela beleza que nem notei que já voávamos por cima de Tarnuc, embora naquele ponto de Acart, as cidades sejam

quase emendadas umas às outras.

Dirigimo-nos direto (vamos dizer) ao palácio do governo (que como já disse de palácio não tinha nada, pois era um prédio igual aos outros, no qual o Filho do Sol ocupava um apartamento).

Quando atingimos o cimo do prédio era como se fosse 7 1/2 aqui na Terra. Acore pousou mansamente a nave e desembarcamos seguindo, em seguida, para o apartamento do Filho do Sol, pelo mesmo caminho que havíamos seguido anteriormente. Isto eu pude comprovar porque não me passaram despercebidos certos detalhes do caminho que percorremos nesta e na outra vez.

Ao chegar à porta Acore fez soar uma campainha. Fomos atendidos pelo mesmo que nos havia atendido na outra vez. Acore falou com ele um pouco (sem que eu entendesse nada) e então este se inclinou respeitosamente e retirou-se, deixando a porta aberta. Passados uns dois minutos, voltou todo sorridente e com um gesto convidou-nos para entrar. Entramos e ele nos indicou uma poltrona onde sentamos. Trocaram mais umas palavras e o rapaz dirigiu-se a uma repartição contínua.

Eu não estava bem certo se o Filho do Sol estava em casa ou não, mas já que ele nos havia convidado para entrar e sentar, era de supor que estivesse e estava para chegar a qualquer momento. Por via das dúvidas, perguntei:

- O Filho do Sol está?

- Sim, está, terminando a refeição.

- Ele vai nos atender?

- Claro que vai! E junto com a resposta lançou-me um olhar significativo, como quem diz. Por que não haveria de nos atender?

Nem bem Acore tinha terminado a frase, apareceu o Filho do Sol (pelo jeito se desmanchando em desculpas pela pequena demora) sorridente, cumprimentou Acore à maneira deles e para mim fez um gesto de cabeça, o qual eu igualmente retribuí. Dali, sentamos os três na poltrona onde eu e Acore estávamos sentados antes, eles conversavam em tom alegre e informal por uns minutos, de repente, me fitaram e Acore traduziu-me a seguinte pergunta do Filho do Sol:

- Quer mesmo que abreviemos o seu regresso à Terra?

- Se for possível eu gostaria, respondi.

- Certamente está farto de nós e de nosso sistema?

- Em absoluto. Ficaria o resto de minha vida aqui, pois admiro muito o que aqui há, mas eu tenho família e só em me lembrar dela, me tira todo o prazer de contemplar todas as coisas boas e belas que há aqui em Acart. Digo mais. Nunca na Terra fui tão bem tratado como estou sendo aqui, pois pertenço à legião dos eternos esquecidos

- O que vem a ser a legião dos esquecidos?

- É que sou pobre, e lá na Terra, só o rico é lembrado.

Assim que Acorc traduziu minha resposta, ele sorriu satisfeito e cruzando os dedos das mãos bateu 3 a 4 vezes com a parte grossa da palma da mão uma na outra e respondeu. - Será feita a sua vontade podendo partir amanhã antes do dia surgir em Tarnuc. Para nós é também melhor que partam antes, pois cada instante que passa a viagem se torna mais longa - Sim senhor, respondi, e fiquei pensando:

- Que negócio é este da viagem ficar mais longa?

Acostumado com minhas viagens de ônibus ou a pé, nem atirei naquele momento que os planetas se movem com velocidades diferentes no espaço Por fim, intimamente, resolvi pedir a Acorc uma explicação em momento mais oportuno.

Enquanto eu quebrava a cabeça com um problema considerado simples para mim, àquela altura Acorc e o Filho do Sol conversavam entre si.

Em dado momento, o Filho do Sol pegou um papel e rabiscou qualquer coisa nele e chamou o rapaz e lhe entregou. Este se retirou pela porta da outra sala com um pouco de pressa.

Então o Filho o Sol me disse:

- Está tudo combinado, acabo de mandar uma carta a Com para fazer os preparativos para partirem antes de terminar a noite. Farão a viagem na mesma nave que o trouxe.

Depois de Acorc me haver traduzido estas palavras, o Filho do Sol falou novamente dizendo. Conforme havíamos combinado antes, ficaria até o fim de nosso dia de guarda e assim poderia conhecer mais coisas a nosso respeito, porém, como combinamos antecipar o seu regresso, faço-lhe um convite, que espero ser aceito, apesar de compreender que está muito cansado depois de um dia tão longo como, aliás, são os nosso, em compensação terá um longa noite para descansar.

Quando Acorc me traduziu, eu sorri, sem saber se deveria sorri ou chorar. Pensei: Qualquer que seja este convite. terei que aceitar, pois coisa má não pode ser, porque de uma gente como os Acartianos eu nao podia esperar algo de mau e, convicto nisto respondi:

- Seja lá o que for, aceito, mesmo antes de o senhor dizer para que fim.

Ele riu satisfeito e disse:

- Esta bem, vou me aprontar. O senhor Acorc lhe explicará para que e; em seguida saiu.

Surandi/RS - 1 Residência do autor 2-Prefeitura Municipal

UM CAMPO DE ESPORTE

Sem perda de tempo eu abordei Acore e perguntei

- Para que o convite?

Acore gozando com a minha curiosidade, disse:

- Não se preocupe, que o Filho do Sol não vai convida-lo para se atirar em um precipício.

- Sim, mas para que é afinal?

- É que nas noites antes do dia guarda, estudantes de nossos colégios oferecem desafios em diversas modalidades ao Filho do Sol.

- Desafios com armas?

- Não em esportes. Creio que ainda não lhe mostrei nenhum daqui, mas temos diversos.

- Não, não mostrou, gostaria muito de ver.

- Pois, dentro de instantes, vai ter a oportunidade de ver.

- Que tipo de esporte vão apresentar e onde?

- Dentro de pouco saberá ambas as coisas.

Nisto entrou o Filho do Sol todo encapotado e começou a falar com Acore Quase no mesmo instante, pela porta da frente entrou o rapaz trazendo um enve ope na mão e entregou para o Filho do Sol, este o abriu e tirou de dentro um papel branco, aparentemente sem nada escrito e o agitou no ar e á medida que ia agitando foram. aparecendo letras (deles).

Quando parou, o que era um papel branco agora tinha em um lado uma mensagem, que ele leu em voz baixa, quando terminou, olhou para Acore e disse:

- Está tudo em ordem, poderão partir na hora combinada

Quando Acorc me disse isso eu quis fazer uma pergunta, mas não pude porque minha voz morreu na garganta e quando a recuperei, nós já havíamos nos separado do Filho do Sol, seguimos pelo corredor em direção ao elevador e, então, em vez disto eu perguntei:

- Para onde vamos?

- Para a praça de esportes.

- Mas, e o Filho do Sol não vai conosco?

- Não, vai com a família dele, na sua nave.

Dali até quando nos encontrávamos sobre a cidade, eu tinha uma porção de perguntas a fazer, mas com tantas ratas que eu já havia cometido, resolvi me acalmar mais, para poder entender melhor.

Assim que eu ia abrir a boca para pedir uma explicação sobre aquele papel mágico (para mim), Acorc falou:

- É ali que vamos.

- Naquele prédio? (indiquei um que abrangia mais ou menos 2 quadras com 10 andares).

- Sim, naquele.

Quando nos aproximamos, eu pensei que fosse pousar em cima, mas isto não aconteceu Acorc fez as manobras e fomos pousar numa marquise em um lado do prédio Assim que desembarcamos, eu perguntei:

- E o Filho do Sol vem aqui também? (pois notei que na marquise onde pousáramos havia lugar para mais duas ou três naves daquelas).

- Vem sim Esta entrada vai dar nas cadeiras reservadas para ele e os seus convidados.

Cheio de receio que o Filho do Sol tivesse convidado altas personalidades e, além disto, daquele monstrinho que era sua filha, sugeri a Acorc:

- Não será melhor sentarmos em outro lugar em vez de junto com o Filho do Sol?

- Por quê?

- Porque talvez ele tenha convidado alguma alta personalidade e eu sendo quem sou, acho que não fica bem sentar-me junto com eles

- Nem pense numa coisa destas! Seria uma grande ofensa para o Filho do Sol, pois já lhe disse que aqui não temos grandes nem pequenas personalidades e, lhe digo mais que qualquer Acartiano se sentiria orgulhoso em sentar perto de você e é justamente o que o Filho do Sol sente. Você é o primeiro ser humano que atinge o nosso planeta em tais circunstâncias, porque se tivesse chegado em outra circunstância talvez não tivesse gozado as regalias de que tem desfrutado.

- Peço desculpas se com isto ofendi ao senhor ou ao Filho do Sol, mas o senhor deve compreender que uma pessoa da minha posição na Terra, é por-

tadora de complexo de inferioridade, e, não é de um momento para o outro que se pode livrar dele. Para perdê-lo é preciso um período de adaptação em outro ambiente.

- Bem, se é por isso nem pense mais, pode fazer de conta que está em sua casa. Sorrindo, pôs uma mão nas costas e me conduziu por uma porta que seguia um curto corredor. Ao transpor este, demos com a falada praça de esportes dentro de um prédio, eu a julgava do tamanho de uma quadra de esporte de basquete. Ao invés disto, ali estava uma majestosas praça so a parte reservada á prática do esporte media mais ou menos 80 por 100 m. (o que se podia chamar de gramado, pois por incrível que pareça continha uma relva parecida com grama) circundada por arquibancadas até certa altura e acima destas havia uma espécie de galerias, nas quais nos encontravamos.

Não posso dar uma idéia exata para quantas pessoas havia acomodações, pois nunca me foi dado ver um numero tao grande de pessoas reunidas aqui na Terra em uma praça de esportes e nem mesmo em publico. Eu estava tão absorto em contemplar aquela maravilha, que quando dei conta de mim, já estava sentado ao lado de Acorc numa poltrona, que faria inveja a um rei daqui. Aliás, constatei a seguir que tanto nas galerias(onde nos encontrávamos) como nas arquibancadas, as cadeiras ofereciam a mesma comodidade.

Foi Acorc que primeiro falou dizendo:

- O que acha?

- É magnífico! E sem dizer mais nada fiquei admirando e contemplando o movimento de pessoas que afluíam por todos os lados. Observei tambem que onde nos encontrávamos havia mais 8 cadeiras vagas, então me lembrei do Filho do Sol e perguntei:

- O Filho do Sol vem logo?

- Vem sim, a qualquer momento estará aqui.

Comecei a observar o gramado e me vieram a mente duas coisas que me intrigavam: aquela grama ou relva e o esporte que iriam praticar ali primeiro. Futebol como o nosso não podia ser, pois nem goleiro e nem demarcação de campo eu não via. E como se explica aquela grama ali dentro de uma casa? Para tirar as dúvidas perguntei:

- Que esporte é praticado aqui?

- Dentro em pouco tempo saberá, respondeu ele.

Ja que ele nao me deu resposta da primeira, voltei à carga com a segunda.

- Que espécie de grama é esta que dá dentro de casa, pelo jeito aqui dentro não entra sol, a não ser que não precise de sol!?

- Bem, precisar de sol ela precisa e apanha todos os dias que se queria. Agora, isto que vê aí não é nem grama, e nem relva.

- O que é então?

- É uma grama artificial

- Artificial!?

- Sim, não é plantada, é posta ali no solo e pode até ser retirada com facilidade se quiser.

- Parece-me impossível uma coisa destas! Mas o sol por onde penetra?

- Veja este telhado, ali é móvel (quando assim se deseja), a não ser quando chove ele é retirado.

Eu fiquei intrigado quando ele disse que era móvel. Verifiquei bem, não tinha uma coluna que o sustentasse no meio, havia somente nas partes laterais, o espaço livre era de mais ou menos 120 por 130 metros. Fiquei pensando de que maneira poderia ser móvel aquele telhado enorme, que cobria todo o estádio. Para tirar as dúvidas, perguntei:

- Mas como é que fazem para tirar e recolocar de novo este telhado? Pelo visto deve pesar muito.

Ele sorriu e disse:

- Para você pode parecer difícil, mas é muito simples. Em primeiro lugar este telhado é bem leve e não pesado como parece e é simples de ser retirado pelo seguinte: Veja que ele é um pouco mais alto no meio e é sustentado por estes arcos que vão de um lado ao outro, tanto em um sentido como no outro.

- Sim, eu não tinha notado isto.

- Pois bem, ele é retirado em quatro partes, há uns cabos que correm por estes arcos que daqui não se vê, estes são ligados a 4 motores solares, um em cada lado do prédio e estes por sua vez, cada um puxa uma parte do telhado que é empilhado aqui sobre nós e, nos outros 3 lados acontece o mesmo e o recolocamos quando for preciso.

- E é demorada esta operação?

- Não, num instante se retira e se recoloca, ele é feito como uma folha de papel dobrada, tipo fole, que estando dobrada ocupa o mínimo de espaço e abrindo-a cobre uma extensão igual ao seu tamanho.

- Sim, agora compreendo.

Nisto, com o estádio (vou assim dizer) lotado, soou um gongo ou lá sei eu o que, que retiniu em todos os lados. Todos se levantaram e ficaram de pé, inclusive Acore, imitado por mim. Entrou o Filho do Sol com sua família e dos seus empregados (vamos dizer) e mais dois senhores. Um destes últimos reconheci em seguida ser o tal Tuee, que conheci em Con (outra cidade). Todo aquele povo que ali se encontrava não batia palmas, nem tampouco davam vivas ou fazia qualquer outro rumor. Ficou de pé em completo silêncio, até que os recém-chegados se sentaram, só então todos se sentaram também.

Acore cumprimentou os que ainda não havia cumprimentado, travando um animado diálogo com eles. A mim somente Tuee veio cumprimentar e

perguntar por intermedio de Acore como eu passava. Respondi que ia bem.

Havia ali, como já disse, dez cadeiras, seis em 1º plano nas quais estavam sentados eu, Acore, o Filho do Sol e a esposa, Tuee e o outro. Os meninos e o moço ficaram nas cadeiras em segundo plano, atrás de nós. Eu estava sentado bem na ponta, a seguir Acore, o Filho do Sol, a esposa e outros dois.

Sentia-me feliz porque o monstrinho havia sentado atrás de nós, só assim não precisava estar enfrentando constantemente aquele seu olhar curioso.

Após terem conversado longamente entre eles, Acore traduziu-me uma pergunta do Filho do Sol.

- Certamente gosta de esporte, pois é de nosso conhecimento que na Terra praticam vários tipos?

- Sim, sou grande admirador de várias modalidades que são praticadas na Terra.

- Espero que aprecie os nossos, pois temos alguns muito parecidos aos seus.

- Sim, senhor, terei prazer.

Nisto entraram dois indivíduos no gramado (se é que assim pode ser chamado), cada um com uma vasilha na mão semelhante a um balde, vi que todos prestavam atenção a eles. Pensei: Que esporte será que vão apresentar estes dois? Por sorte não perguntei a Acore, pois em seguida vi que vieram para demarcar o gramado. Fizeram um risco com tinta clara, de uns 25 metros sobre o meio do gramado, a seguir fizeram outro igual, paralelo a este, uns 10 metros retirado, depois fizeram mais uns 20 em sentido contrário ligando os dois primeiros uns aos outros e se retiraram, deixando o gramado como uma zebra. Assim que se retiraram, entraram duas fileiras de jovens moços, deram uma volta Olímpica e foram postar-se frente a frente sobre o meio do quadro que fora pintado, eram 20 ao todo. Uns trajavam calções escuros até o joelho e os outros claros, com um calçado parecido com chuteiras, pois vi bem que tinha uma espécie de agarradeiras, camisa, não usavam gorro, tinham apenas um tipo de travesseiro em cada ombro, sustentado por uma tira correndo ao meio das omoplatas. Eu até ri intimamente, em pensar que os jogos iriam apresentar ali aqueles 20 jovens. Futebol como o nosso não podia ser, nem parecido, pela demarcação do gramado e pelos seus trajes.

Já me sentia até com vergonha de pedir tantas explicações a Acore, por isto resolvi esperar para ver se eu mesmo podia entender o que iam apresentar. Mas, assim nao aconteceu, porque Acore virando-se para mim começou a me explicar aquele jogo de empurra (foi assim que eu o batizei a seguir, por não achar um nome mais adequado).

Aqueles 20 jovens, como já disse, pararam 10 de cada lado, vieram dois senhores e lhes deram umas ordens (segundo me pareceu), ou melhor,

umas instruções. Daí se aproximaram de 2 em 2 sobre o meio de cada dois riscos daqueles. Ficando os dois riscos maiores em sentido contrário na retaguarda de cada grupo. Daí todos se encostaram ombro a ombro e começou o que eles chamam de esporte. Consistia este em empurrarem-se uns aos outros, até transpor a linha traseira, assim que um conseguia fazer o seu competidor transpor a linha traseira, para este par estava finda a luta e não podia ir a socorro a outro que estivesse mal. Por fim a equipe que fizesse transpor mais adversários era a vencedora.

Havia uma série de regulamentos que Acore não explicou e eu não pude entender por mim mesmo.

O que eu entendi sem explicações, foi que a equipe de traje claro venceu, porque conseguiu empurrar 6 para fora, enquanto os escuros só conseguiram 4.

Finda a refrega, os brancos vencedores se postaram num meio círculo, no meio da praça de esportes, ficando logo atrás os vencidos. A assistência aplaudia com entusiasmo aos vencedores. Estes estavam sorridentes, enquanto os derrotados pareciam uma equipe de futebol aqui da Terra, quando perdem uma Copa do Mundo.

Eu refleti sobre o porquê de tantos aplausos, sobre a importância que podia ter uma disputa destas para merecer tantas ovações, quando o Filho do Sol se levantou, e como num passe de mágica todos calaram. Ele por uma escada rolante logo a nossa frente (que me havia passado despercebida) desceu para o gramado e, ao pisar neste, recebeu uma ovação tão estrondosa, que até eu, sem saber ao certo porque, também aplaudi.

Com gestos elegantes ele agradeceu a todos, então cessou a ovação. Encaminhou-se até os atletas vencedores e junto com ele chegou outro senhor que vinha da outra extremidade. Este com uma caixinha nas mãos que abriu na frente do Filho e, em seguida, tirou de dentro um objeto que eu vi tratar-se de uma medalha, então, destacou-se do grupo um atleta que sob uma estrondosa salva de palmas, recebeu a medalha. Em seguida, foi tirando medalhas menores e as foi entregando a cada membro da equipe vencedora. Feito isto, retirou-se sob forte aclamação, sendo imitado a seguir pela equipe vencedora e pela derrotada.

O Filho do Sol veio até sua cadeira e começou a dialogar com Acore.

Eu não entendia nada do que diziam, fiquei pensando sobre o esporte que acabava de assistir e disse para os meus botões. Ora, fazer tanta cerimônia em torno de um jogo de empurrar destes! Será que não sabem esporte melhor que este? Na Terra semelhante a isto, só conheço briga de touros.

Outra coisa que intrigava, era aquele atleta que recebeu a primeira medalha, pois na outra remessa recebeu também. Por que só ele recebera duas? Talvez fosse o comandante da equipe. Para tirar as dúvidas (já que Acore puxa-

ra conversa comigo) perguntei:

- Aquele atleta que recebeu primeiro uma medalha, por que recebeu outra depois? E o comandante da equipe?

- Não, aquele foi o campeão individual, por isso recebeu duas, uma por ter sido campeão individual e outra por equipe.

- Como campeão individual?

- O primeiro a conseguir fazer seu adversário transpor a faixa branca

- Compreendo. E, se caso o 1° a fazer o adversario transpor a linha tivesse sido um dos perdedores, como ficaria então?

- Ficariam os pretos com o campeão individual e os claros por equipe.

- E no caso de vencer cinco de cada lado?

- Neste caso fica campeã a equipe que tiver o campeão individual

- Mas, se por acaso um brutamontes topar com um bem pequeno, o brutamontes terá 99% de probabilidade de ser campeão?

- Não, isto não acontece, porque as equipes são combinadas, tem que haver igualdade de peso e altura em cada par, com diferenças mínimas

- Bem, então é diferente do que eu pensava...

Como eu não via ninguém se retirar, perguntei: - Vai haver novas competições?

- Sim, mas bem diferentes do que já foi apresentado e semelhante ao seu futebol na Terra.

- Quer dizer aqui conhecem e praticam o futebol como o nosso da Terra?

- Não, nós Acartianos não praticamos este esporte, porém muitos de nós assistimos partidas do mesmo disputadas nas praças de esporte da Terra

- O senhor diz que cidadãos Acartianos já estiveram assistindo partidas de futebol em nossos estádios?

- Não quero dizer que assistimos de dentro dos estadios e sim, pela televisão e por intermedio de outros aparelhos de que dispomos.

- É inacreditável tudo isso!

Nisto entraram no estádio vários homens trazendo uns objetos em forma de "L", que vi logo tratar-se de goleiras, porém o que me deixou encabulado foi que em vez de somente duas trouxeram 5, duas de tamanho como as nossas e as outras três menores entre aquelas.

O que eu vi a seguir e quase impossivel descrever, mas vou fazer o possível para dar a entender com o auxílio de Acore

As colunas não tinham uma base em baixo, por isto fiquei intrigado com o fato das goleiras ficaram tão firmes em pé Outra coisa menos intrigante para mim, era que aqueles homens se retiraram, deixando o gramado todo demarcado e as 5 goleiras de pe. Como eu não os vi usarem vasilhas com tinta como da outra vez, perguntei a Acore:

-Como é que estas goleiras (já que ele conhecia nosso futebol, forçosamente sabia o que eram goleiras) ficam tão firmes sem escoras? O senhor poderia me explicar?

Quanto às goleiras elas têm uns parafusos no centro da parte de baixo, uma chave que é introduzida por uma abertura nas colunas que não se vê daqui. E quanto à demarcação, conforme já lhe disse isto não é grama natural e sim artificial, eles retiram uma listra e a viram e como no outro lado é de cor diferente, fica como vê demarcado.

- Mas e esta parte que é virada, não fica frouxa?

- Não, não fica porque é bem encaixada, creio que se você fosse lá nem apalpando com as mãos acharia as emendas.

- E por que não foi usado o mesmo processo de demarcação para o jogo anterior, em vez de tinta?

- Bem, é que há muitas modalidades de esportes, por isto se torna impossível usar estes sistemas para todos.

- Quer dizer que este que vão apresentar agora, é um dos esportes favoritos daqui?

- Sim, é um dos favoritos.

- Quantas pessoas jogam neste esporte?

Nesta vez 26, 13 de cada lado. Agora virou-se para o Filho do Sol e somente falou comigo depois que terminou a disputa que a seguir se iniciou (Duração de uma hora Terra).

Enquanto eles dialogavam, eu fiquei observando o tal esporte. Depois das explicações de Acore e com o que vi, vou dar uma idéia de como é praticado o tal esporte.

Conforme já disse, havia 5 goleiras, sendo que as duas maiores eram do tamanho de uma goleira normal daqui da Terra e as outras 3 com uns 4 metros de comprimento e altura das outras duas. A distância entre elas era de 30 metros de uma grande até a primeira pequena e de 20 metros entre as pequenas.

Assim que entraram os 26 atletas (13 com trajes escuros e 13 de claros) se espalharam pelo meio daquelas 5 goleiras.

Onde nos encontrávamos, podíamos ver bem a disposição dos 26 atletas, pois as duas goleiras grandes ficavam uma à nossa esquerda e a outra à direita. Ficavam assim divididos: 5 claros e 4 escuros entre a goleira grande à nossa esquerda e a primeira pequena, e entre esta pequena e a outra, 2 claros e dois escuros, idem entre as outras duas pequenas e entre a última pequena a contar da nossa esquerda e a grande da direita 4 claros e 5 escuros. (Eu digo escuros e claros, porém não eram pretos e brancos, se os denomino assim é só para diferenciá-los, pois não distingo bem as cores).

Além dos 26 atletas, havia mais 4 senhores (uma espécie de árbitros),

não havia mais ninguem no gramado Dos 4, dois se postaram numa lateral e os outros dois na outra.

Então um dos que estava na lateral a nossa frente, como num passe de mágica, para mim apareceu com uma bola nas mãos bola esta nada diferindo das nossas.

O gramado era demarcando conforme desenho na **página das reproduções**.

Agora o que eu pude entender do que vi.

Um deles se dirigiu para a goleira pequena do centro e largou a bola em algo parecido com um rato, bem sobre o meio da barra superior da goleira referida Depois retirou- se para lateral indo reunir- se ao seu companheiro. Por seu lado, os dois da outra lateral, pararam um de cada lado na linha lateral que corria paralela à goleira de centro. Quanto aos atletas, além dos dois que guarneciam as duas goleiras grandes, vi que nenhum dos outros tomaram posição idêntica nas goleiras pequenas ficando (pareceu – me) uns marcando os outros Então um dos árbitros levantou uma mão e quando a baixou a bola que estava em cima da barra, saltou para cima uns 3 metros e não se por acaso, ou porque era para acontecer assim, picou na volta bem certa na barra que estava em cima da barra e saltou para a direita, assim que tocou no solo, travou se uma renhida disputa pela posse desta entre os atletas, indo culminar com a bola transpondo a goleira pequena e a seguir também a grande, impulsionada pelos pés dos claros sem que (pareceu – me) um dos escuros tocasse nela

O goleiro (digo assim porque eram somente os dois que guarneciam as duas grandes que permaneceram lá durante a disputa, enquanto nas pequenas, hora era um, hora era outro) foi buscar a bola e colocou-a num retângulo (pe quena área) em frente a sua goleira e deu um passe para um dos seus companheiros

Surpreendi-me com isto, pois esperava que a bola fosse colocada para nova saida, no local antes descrito por mim. Deduzi que talvez o ponto não tinha validado por algum motivo ou outro. Aquele que recebeu o passe, deu um drible num adversário e passe pra cá e passe pra la num instante tinham feito a bola varar as 3 goleiras pequenas, chegando até a frente a goleira grande dos claros, porém nao conseguiram fazer a bola transpô-la neste primeiro ataque.

E desse jeito um pouco frente á goleira dos claros e uma outra na frente dos escuros, as vezes passando por elas, sem que eu entendesse, patinava daquela barbaridade de gols, até quando um dos árbitros deu por findada a disputa com um aceno de mão.

(A propósito dos 4 árbitros, dois sempre corriam, um de cada lado sempre acompanhando as jogadas enquanto outros dois permaneciam sentados com um papel nas mãos, também um de cada lado)

Então todos se levantaram, bateram palmas. Eu, porém ainda não sabia

para qual das duas, porque pareciam contentes igualmente. Pensei: De certo empataram.

Daí o Filho do Sol interrompeu o seu demorado diálogo com Acore e dirigiu se novamente para o centro da praça e se seguiu quase as mesmas cerimônias da outra vez.

Enquanto isto eu aproveitei para pedir explicações a Acore, perguntando qual foi a equipe que venceu

- Foi esta da nossa direita (escuros).

- Como é que são feitos os pontos e contados?

- Da seguinte maneira. Um ponto é dividido em 5 partes e assim cada vez que uma ou a outra equipe ultrapassa um goleira pequena, conta um quinto e a grande dois quinto, e, se por ventura, uma equipe varar duas vezes consecutivas uma goleira grande, então valem dois e meio quinto cada.

- E se varar três vezes?

- Não, isto não acontece, porque após varar a segunda, a bola é posta no mesmo lugar para nova saída.

- Qual foi a diferença de pontos da vencedora sobre a outra e quantos pontos fizeram?

- A diferença foi mínima, pois a que venceu marcou 10 pontos e 4 quintos, enquanto a vencida marcou 10 pontos e um quinto

Eu notei, mesmo sem entender, que as cargas haviam sido revezadas

- E aqueles 4 senhores, qual a função deles?

- Bem, os dois que se movimentavam acompanhando as jogadas, nos lados são os árbitros, enquanto outros dois que permaneceram sentados marcavam os pontos.

- O senhor não acha que é desnecessário estes árbitros, já que segundo as suas leis, aqui ninguém é capaz de roubar de outro o que quer que seja, quanto mais um ponto ou um quinto num esporte?

- Mas a função deles não é a de evitar que um roube dos outros e sim para coordenar e dirigir a partida, porque na hora de uma disputa renhida, os atletas às vezes nem notam que a bola cruzou uma linha divisória ou lateral ou mesmo que cometeu uma falta.

Acore ainda me explicou várias outras coisas a respeito deste esporte, como sejam: maneira de cobrar as faltas laterais e além das três linhas divisórias e existentes, etc. Mas, eu não vou me deter a dar maiores detalhes porque com a infinidade de tipos de esportes existentes aqui na terra creio que ninguem vai querer por em prática mais este.

Feitas as cerimônias com o Filho do Sol (creio eu, entregando mais uns 10 quilos de medalhas) sob fortes aplausos retornou ate nós.

DESPEDIDAS

Vi Que o espetáculo estava findo, pois vagarosamente aquela multidão ia se retirando. Quando o Filho do Sol retornou, nosso grupo estava todo de pé. Ele logo que chegou encetou conversa com Acorc e o tal [illegible]uec (da outra cidade). Foram saindo pelo corredor que dava na marquise, seguidos por mim e mais atrás pelos outros. De repente, pararam e se viraram para mim os três. O Filho do Sol veio até mim e me pôs uma mão em cada ombro, quase me sacudindo. Então Acorc traduziu-me uma frase dele, dizendo:

- Desejo-lhe feliz regresso à Terra.

Eu todo atrapalhado, sem saber o que dizer ou falar, apenas consegui sorrir. Quando esperava ter que me despedir dos demais, com mais outras cerimônias, para sorte e surpresa minha, Acorc pegou-me pelo braço e seguimos na frente até à nave e embarcamos sem mais despedidas ou o que valha.

Partimos assim que ganhamos altura por cima dos edifícios, eu me recostei no assento e bocejei tão forte que Acorc notando até chegou a rir de mim.

- Para onde vamos agora? Perguntei.

- À minha residência, depois vamos para Con de onde partimos.

- E aquele senhor que estava conosco não vem junto?

- Ele já foi, vai nos aguardar lá.

Chegamos à residência de Acorc e fomos recebidos por sua esposa e o menino. Por indicação dele eu me sentei, enquanto os três se retiraram para outra repartição. Fiquei pensando. - Talvez aqui vá ser mais demorada a despedida e a preparação, mas qual nada, Acorc retornou em seguida acompanhado da esposa, que só entraram na sala e pararam.

Acorc com uma valise não muito grande nam a mão, contendo com certeza os nossos pertences, sem maiores cerimônias, disse - Vamos.

Então, eu todo atrapalhado com a maneira simples deles se despedirem, inclinei a cabeça em sinal de saudação e saí.

Quando nos encontrávamos a certa distância comecei a rememorar a maneira simples deles se despedirem, ainda mais se tratando de uma viagem interplanetária, pois aqui na Terra até para viajar de uma vila à outra a gente se despede com muitas cerimônias, enquanto em Acart talvez por terem certeza no regresso, com os meios práticos de locomoção que dispõem não haja nada disto.

Enquanto refletia sobre isto, eu olhava para baixo a fim de ver as cidades que sobrevoávamos.

Foi Acorc que me tirou daquele estado pensativo e contemplativo dizendo:

-Então está contente agora?

- Se estou ! Vamos partir logo que chegarmos ou vamos dormir em Con antes?

Ele riu de minha pergunta tola e respondeu:

- Vamos partir logo que chegarmos a Con, pois a nave e os tripulantes estão prontos e, quanto a dormir, não se preocupe, pois terá muito tempo para fazê-lo durante a viagem.

Tomando de grande receio, perguntei:

- Terei de fazer a viagem em estado de inconsciência como na vinda?

- Não, desta vez não será preciso.

Ainda bem, disse aliviado. Apesar de tantas novidades que já tinha visto ainda e mesmo me restava um resquício de curiosidade de ver os planetas do espaço e mesmo o espaço propriamente dito.

Ele continuou:

- Porque quando da sua vinda para cá, enquanto estava inconsciente, uma equipe de especialistas o submeteu a vários testes de resistência, aos quais o seu organismo e o físico reagiram a todos satisfatoriamente, por isto, poderá viajar acordado em certos trechos da viagem sem correm perigo algum.

E quando for necessário eu dormir me dará algo para ingerir? Como é que fazem?

- Sim, em parte é pelo que ingere e em parte não.

- Como então? O senhor não podia me explicar melhor?

- Acho não ser de grande valia lhe explicar, porque penso ser muito difícil entender.

- Porque eu tenho que ficar inconsciente nestes certos trechos a que o senhor se referiu?

- É porque nestes trechos nos sofremos uma forte reação.

- Mas, eu estando inconsciente, não sentirei o mesmo?

- Não, por dois motivos: Estando você inconsciente, os médicos de bordo controlam as reações de seu corpo sem problemas e, por outro lado, estando você consciente, poderá se assustar e daí complicar e o trabalho deles e até mesmo a sua existência.

O senhor e os demais tripulantes não sentem estas reações?

- Sentimos, mas não nos afeta, porque já recebemos treinamentos especiais para estas missões.

- Quer dizer que não é qualquer um que resiste a uma viagem destas?

- Tendo boa saúde, qualquer pessoa pode fazer uma viagem destas; se sentir-se mal em estado de consciência, no estado de inconsciência resistirá melhor.

- Em que pontos do percurso ficam estes trechos e quantos são?

- São três: o primeiro é quando temos que nos desprender do campo magnético de Acart, o segundo fica no meio do percurso, o chamado espaço

neutro. E o terceiro, é quando temos que vencer as barreiras magnéticas da Terra e de lá para cá, dá-se o inverso, com exceção do espaço neutro.

- Ah, é por isto então?

- Veja, estamos chegando a Con.

Então tratei de por minhas ideias em dia, para ver se recordava de algum ponto qualquer visto por mim anteriormente, mas nem que quisesse, não fui capaz de nada, pois os prédios eram muito semelhantes uns aos outros. De repente, Acore fez pousar o aparelho num faixa plana, parecida com um aeroporto, apenas era curvo em vez de reto. Havia nas proximidades onde pousamos várias naves das grandes pousadas.

- Que lugar é este? Perguntei.

- Foi aqui neste lugar que você tocou o solo de Acart pela primeira vez. É um dos muitos locais de pouso das naves grandes que temos aqui.

VIAGEM DE RETORNO

Assim que desembarcamos, vieram ao nosso encontro várias pessoas, entre elas Tuec; enquanto falaram com Acore, eu dei uma rápida examinada no local, pois eu estava quase convicto de que não fora ali que eu havia visto Acore pela primeira vez. Recordava-me vagamente de um plaino entre edifícios altos e estes que via agora, só os tinha de um lado e nas pontas. Por fim, achei a explicação para o enigma, é que quando de minha chegada ali, me sentia tão mal que era lógico agora não recordar de alguns detalhes, ainda mais que ao desembarcar fizemos em uma ponta e seguimos a pé até o local referido no início desta narrativa, sem que eu ao menos me virasse para trás. Antes de mais nada, vou dar uma ideia de como era o local de pouso.

Creio que ali, em eras remotas, havia uma espécie de ostentação, pois a pista era feita metade em cima da última fileira de edifícios da parte baixa (estes com uns 50 andares) e a outra metade, no solo da parte alta, no mesmo nível dos pisos dos edifícios, estes também em sua maioria muito altos. Neste ponto da cidade baixa, tendo a dividi-las aquela faixa campo de pouso de uns 100 metros de largura, por 2 km de comprimento.

Após Acore ter palestrado um bom bocado com aqueles senhores, vi que havia chegado a hora de eu me despedir do solo Acartiano. O grupo seguido por mim, dirigiu-se até uma nave solar existente ali perto. Acore se despediu do tal Tuec e a seguir, enquanto se despedia dos demais, Tuec veio até mim e me pôs as mãos nos ombros e, sorrindo sacudiu-me, mas ficou só naquilo, pois já que Acore não se encontrava presente para traduzir nossas palavras, era inútil dizer-nos o que quer que fosse. Então Acore, contente e tranquilo, como se estivéssemos iniciando uma viagem com o fim de fazer uma pescaria, ali atrás do morro, veio até mim e me pôs a mão livre no meu ombro e me conduziu até a porta da nave, que foi aberta por um senhor que ficou aguardando-nos

entrar para fechá-la.

Fiquei meio surpreso quando entramos direto e fomos subindo aqueles degraus intercalados de saletas, até atingirmos uma sala maior semioval, pois lembrava-me perfeitamente que ao desembarcar, foram abertas e fechadas várias portas até sairmos, por isto eu esperava que agora fosse se repetir o mesmo, pelo aspecto do corredor que percorremos e também pelas escadas. Reconheci ser a sala a mesma onde acordara na vinda, já que Acore me disse que faríamos a viagem na mesma nave que me haviam trazido.

Acore largou a valise numa repartição pequena, contígua à sala e sentamos numas banquetas presas na parede. Então perguntei

- Vamos partir já?

- Não, ainda vamos demorar um pouco.

Nisto chegou até nós um sujeito com cara de poucos amigos e falou umas palavras com Acore e entregando-lhe algo, retirou-se. Acore levantou-se e saiu. Retornou depois com uma espécie de tigelas com água a qual me entregou, juntamente com uma pílula parecida com uma azeitona, dizendo:

- Tome isto. Eu assustado, perguntei:

- Para que é, e porque tenho que tomar?

- Bem, esta será sua alimentação durante a viagem

Eu até achei graça, de que maneira uma pilulazinha daquelas poderia alimentar-me. Ante a minha hesitação em tomar a pílula, ele continuou.

- Pode tomar sem medo, pois todos nós que vamos viajar nesta nave, nos alimentamos assim durante a viagem.

- Mas que espécie de alimento é este?

- É como se fosse qualquer alimento básico, pois tudo o que um ser humano necessita para se alimentar por um dia (vinte e três horas) está concentrado nesta pílula e com vantagem ainda de não carregar o estômago

- Bem, se é assim, então é uma maravilha. Engoli a pílula, acompanhada de uma boa golada de água, pois esperava que fosse meio ruim de ingeri-la, mas que nada, pareceu-me que ela desceu mais fácil que a própria água.

Após termos falado mais um pouco a respeito deste sistema de alimentação, eu perguntei.

- Quando decolarmos daqui, só pousaremos na Terra ou teremos que pousar em algum outro planeta antes?

- Sim, faremos um pouso aqui perto de Acart.

- Como aqui perto?

- Acompanhe-me que vou lhe mostrar.

Segui-o, percorremos um curto corredor e transpomos uma porta que dava a uma sala, esta com várias pessoas dentro, lidando aqui e ali. Acore dirigiu-se a um deles e falaram umas poucas palavras e, a seguir, se aproximaram de um tipo de balcão com vários assentos à frente, e em cima dele, na

parede estava cheio de mostradores e uma infinidade de outros aparelhos mais. Acore sentou e fez um sinal para me aproximar. Aproximei-me, sentando ao lado dele. Ele ordenou que eu olhasse num objeto parecido com um binóculo, assim que eu olhei, ele disse: - É lá que temos que pousar.

Eu exclamei!

- É a lua daqui de Acart?

Rindo, ele respondeu:

- Não, não é uma lua, pois Acart não tem lua como na Terra.

- Mas, como é então, algum planeta? respondi atrapalhado.

- Não, nem se trata de um planeta, não vê que é retangular, quase oval, em vez de redondo?

- Sim, mas o que tem isto a ver?

- Aquilo que se vê é uma plataforma espacial construída por nós.

- Uma plataforma espacial construída pelos Acartianos?!

- Sim, e não é só esta, temos mais outra semelhante.

- Para que fins foram construídas?

- Bem, tem muitas utilidades como verá.

- Vive gente lá?

- Sim, sempre temos centenas de pessoas lá, além de várias naves solares e outros aparelhos.

- Dá para vê-la de dia também?

- Não se vê daqui de dia a olhos nu, de noite dá para ver, mas do tamanho de uma estrela pequena.

Eu apesar de já ter conhecimento de muitas coisas, aquela sobre o espaço, planetas, etc., fiquei pensando como aquela gente construíra no espaço aquilo que me parecia mais uma lua natural do que uma plataforma artificial, porém não quis pedir explicações a Acore ali naquele momento, mesmo porque ele não me dera tempo ali.

Seguimos para a sala semioval e, assim que entramos me veio à mente um fato anterior, pois como já disse, tudo me fazia crer que esta era a sala em que eu havia acordado na vinda, só que faltava algo: a cama tipo maca em que eu jazia. Tinha certeza que esta era pendurada de lado na parede e agora não via nada na mesma que servissem para isto.

Para sair das dúvidas, perguntei: - O senhor não sabe se foi nesta sala que eu acordei, quando trouxeram para cá?

- Ele me olhou intrigado com minha pergunta e disse, sim foi nesta mesma, mas por quê?

- É que eu não vejo nem o leito nem onde ele era sustentado.

Então, ele sorriu e disse:

- Está aqui e se aproximou da parede perto da parte redonda e apertou em algo que para mim não era mais que um simples enfeite e deslizou a cama,

[illegible] que [illegible] estado [illegible] ou quando não, idêntica. Mas não [illegible] aquele passe de mágica dele. Continuou pela parede, apertando cá e [illegible] fazendo descer mais 5, ficando duas fileiras de 3, uma sobre a outra. Eu até achei graça daquilo e disse: mas isto é um dormitório?

- Exatamente, mas espere que tem mais!

[illegible] olhei para ele sem entender. Ele me fez recuar um pouco em direção [illegible] corredor interno e foi até a parede oposta tocando novamente nesta. Quando [illegible] esperava ver surgir mais leitos desta parede, surgiram sim, mas do teto [illegible] da sala, de duas em duas, uma sobre a outra, mais 12, ficando de um momento para outro aquela transformada em um dormitório com 18 camas, 6 [illegible] parede e 12 no teto. Ele demonstrando contentamento, fez retornar com exceção de uma, todas aos seus lugares, em seguida, fez aparecer mesas, pias com água etc. por fim fui ver que até as banquetas eram embutidas. Finalmente, ele fez retornar aos seus esconderijos tudo, menos a cama e uma banca, na qual ele me mandou sentar e se retirou.

Sentei e fiquei pensando em como eles sabiam aproveitar o espaço em [illegible] lugar, devido à falta deste, enquanto nós aqui na Terra, vivemos aper[illegible] porque temos espaço demais e não sabemos o que fazer dele. O que também me admirei naquela hora, foi o fato de não sentir sono e nem canseira, pois já fazia muitas horas que estava sem dormir.

Nisto, Acore retornou, acompanhado do cara de poucos amigos. con[illegible] um pouco e o último se retirou. Então Acore disse.

- Bem, creio que deve estar com muito sono não?

- Até que não. Mas acho que assim que me deitar este virá na certa.

- Então pode deitar.

- Sim senhor, ma a nave não vai partir logo?

- Vai sim, e é justamente por isso que terá que dormir.

- Mas, e se eu não dormir?

- Dormirá sim, não se preocupe.

- A gente não precisa de vestimentas especiais para esta viagem?

- Não, nossa vestimenta é a própria nave. Agora temos vestimentas especiais só para casos especiais (não me disse quais eram estes casos especiais).

Aprontei-me e me deitei. Acore ia se retirando, quando eu lhe disse.

- Se eu não acordar, quando a nave chegar naquela plataforma, será que o senhor não poderia me despertar? Eu gostaria muito de vê-la.

- Sim, sim. Respondeu ele sorrindo.

Mais tarde eu fiquei sabendo porque ele rira, pois daquele instante até [illegible] terra, eu dormia e acordava quando eles bem queriam.

[illegible] olhei sem querer para um círculo luminoso no forro e dormi [illegible] só acordando quando, com os olhos ainda fechados, come-

cei a ouvir vozes de gente falando. Então, fui abrindo-os devagarzinho, custei um bocado a me recordar onde estava. Por fim, consegui lembrar-me e então olhei para as pessoas e reconheci entre eles acore. Sentei no leito. Ele vendo isto aproximou-se dizendo:

- Já chegamos, por isto o acordei.

- Chegamos onde? Na terra?

- Não, na plataforma. Disse com ar de riso.

Então me despertei de todo e pensei. Como me acordou? Se não me lembro de que alguém me tocasse ao acordar? Tambem não tinha a menor idéia do tempo que havia dormido. Mas, já que a minha vontade de ver a tal plataforma era muito grande, não procurei saber o porque destas coisas.

Já pronto e bem desperto, perguntei:

- Dá para eu vê-la?

- Sim, venha.

Acompanhei-o, pensando que íamos para a mesma sala dos aparelhos de antes, porém fomos até o meio do corredor e Acore abriu uma porta que vi logo tratar-se de um elevador e por ele subimos até o outro piso. Uma vez lá, Acore se aproximou de dois indivíduos que se encontravam frente a uma mesinha (aliás, uma das muitas que existiam ali). Trocaram duas palavras e, então eles se retiraram, dando seus lugares para nós. Eu pensei com os meus botões: Será que vai me mostrar daqui, pois ignorante como eu era a respeito do espaço esperava entre outras coisas, que fôssemos desembarcar ali em pleno espaço cosmico, sem ao menos uma vestimenta especial.

Uma vez sentados, Acore me ordenou que eu olhasse em um aparelho a minha frente. Assim que olhei, quase caí duro. Eu esperava ver tudo aquilo no escuro, já que eu tinha uma pequena noção de que o espaço quase era assim, mas qual nada, o que via era tudo bem claro e, além disto, eu imaginava naquela plataforma muito menor, pois para todo o lado que olhava perdia a visão na luminosidade e não via o fim. Era tudo feito de um material resplandecente e, pela aparência muito fina, (já que no espaço não há o que se pode chamar de para cima ou para baixo , digo no lado que pousamos.

Havia quase o que se podia chamar de uma cidade, mas não de casas, e sim de uns troços parecidos com estes iglus, que se fazem com gelo ou com copas de chapéus e mais uma infinidade de naves e outras coisas que nem cheguei a imaginar o que podia ser, além de muitas pessoas que iam e vinham como se estivessem em solo firme.

Estes eu via perfeitamente que tinham o corpo todo vedado por um vestuário especial. Mais adiante darei mais detalhes do que vi ali, porque naquela hora Acore não me dera tempo para pedir maiores explicações.

OBS.: Eu ali podia olhar em todas as direções, porque enquanto eu olhava Acore controlava a direção com uns botões em um aparelho ao meu

lado. A certa altura ele disse:

- Olha ali está Acart.

- Aquele globo ali é Acart?

- Sim, é.

- Que coisa fantástica!? Jamais poderia imaginar que fosse tão lindo olhar daqui!

Por mais que eu queira não serei capaz de transportar para o papel a visão que tive de lá de Acart, porém vou fazer um esforço.

O globo que eu vi de lá (não sei se o aparelho o aumentava ou diminuía), parecia que tinha 20 a 25 metros de diâmetros e, como a plataforma se encontrava entre Acart e o sol em linha reta, este batia em cheio na parte virada para nós, por isto se via todo o dia de Acart, com exceção de uma pequena nesga num dos pólos que era escuro.

Não entendo de cores, mas posso afirmar que a superfície de Acart não era azul, nem mesmo numa parte de um mar que eu distinguia nitidamente entre os continentes. Ele emitia 3 tipos de cores: uma era esta a que eu me referi, que era a cor do próprio solo e das águas, em redor do globo havia uma faixa de outra cor e, além desta, uma que vinha a meu ver, até quase a plataforma confundindo-se por ali, com o crepúsculo do espaço cósmico.

Após olhar tudo aquilo, descemos para sala dormitório. Uma vez lá, Acorc disse: - Bem, agora pode continuar seu sono interrompido, porque vamos partir em

seguida.

- Quanto tempo eu dormi?

- Muito pouco, pois de Acart até aqui é perto.

- Quantos quilômetros têm?

- Aproximadamente 50 mil quilômetros.

- 50 mil km e o senhor dizem que é perto?!

- Tem que compreender, em se tratando de espaço é uma insignificância, pois já lhe disse que esta nave faz até 500 km por segundo (Terra), só que até aqui ela não desenvolve esta velocidade, porém se vem num instante. Cortando o assunto, ordenou que eu deitasse.

Deitei. Repetiu-se a mesma coisa de antes, e, num zaz eu estava dormindo.

Quando acordei novamente, notei algo estranho em mim e mesmo na nave, que emitia um zumido estranho. Sentei e olhei em redor, não havia ninguém. Larguei os pés para fora do leito que me pareciam inchados assim como o resto do corpo. Fiquei por uns momentos ali a espera que aquilo passasse. A certa altura, me deu vontade de deitar de novo, mas não fiz, porque estava com muita vontade de saber em que ponto nos encontrávamos. Foi a minha sorte, se não teria feito o resto da viagem dormindo.

De repente, surgiu Acorc não sei de onde e perguntou:

- Como se sente?

- Bem, sinto uma coisa estranha, parece-me que aumentei de volume e além disto, parece que sinto um forte vento, batendo em mim que chega até a fazer ondular a carne do meu rosto.

Então, ele pegou meu pulso por uns instantes e daí abanou a cabeça afirmativamente e disse satisfeito:

- Está em ótimo estado, não se preocupe que isto que sente vai amainar.

- Estamos viajando ou ainda estamos parados?

- Estamos viajando há muitas horas (Terra), pois já percorremos quase um terço do percurso.

- Quantas horas já estamos viajando então?

- Uma hora e meia (correspondente 11 horas Terra) aproximadamente.

- O senhor também já dormiu?

- Já sim, várias horas (Terra).

- Quer dizer que, agora a nave está desenvolvendo aquela velocidade que o senhor falou?

-Sim, está, por isso que se sente assim. Nós até o deixamos sozinho para ver como reagiria ao acordar. Conforme iríamos fazê-lo dormir a viagem toda, mas vejo que não vai ser preciso.

- E agora por quanto tempo posso ficar acordado?

- Bem, se quer continuar a dormir, continue, caso contrário, pode ficar acordado ainda por um bom espaço de tempo.

- Ficarei acordado então.

Está bem, enquanto isto vou lhe mostrar as demais repartições da nave.

As duas horas seguintes gastamo-las para percorrer quase todas as repartições da nave. Ela tinha o que se podia chamar 3 andares. O primeiro e o terceiro com menos peças que o segundo isto devido a forma afunilada da nave, tanto da metade para baixo quanto para cima.

Descemos primeiramente ao que seria o primeiro andar, todas as repartições ali existentes, em sua maior a, eram ocupadas por acessórios, com exceção de três, uma para surpresa minha, com duas naves daquelas pequenas dentro, e as outras duas eram uma espécie de vigia, contando com poderosas armas solares dentro.

Dali, retornamos ao andar do meio, pelo elevador. Este andar devido ao feito da nave era o maior, tinha ele mais dois dormitórios iguais ao outro, diversas vigias, laboratórios, salas e corredores. Estes corredores que me refiro, não eram simples corredores desocupados, pois tinham as paredes cheias de gavetas, tomadas de objetos pequenos e mesmo com vestuários.

Finalmente, subimos ao bem de cima, ali se achava todo o sistema de

locomoção, controle e defesa da nave.

Nas várias repartições em que entramos, encontramos sempre homens sentados à frente de aparelhos supercomplicados, cheios de mostradores de todos os tipos que oscilam para cá e para lá.

Admirável era o senso de responsabilidade daquela equipe de homens que dirigiam aquela nave. Por todos os lados havia deles, mas pareceu-me que só Acore tinha ordem de falar comigo, já que os demais em um olhar me volviam.

Chegamos até à porta de uma peça que mais me deixou impressionado, era ali que estavam os motores que forneciam a força propulsora ou (impulsora como queira) da nave. Esta repartição tinha uns 5 metros, bem no meio dela havia 6 motores do tamanho de um tonel de gasolina, formando duas fileiras de 3, uma sobre a outra. Eu mais ou menos calculei para que serviam, mas assim mesmo perguntei:

- Para que servem estes motores?

- Eles captavam e transmitiam a energia solar que movimenta a nave.

- Todos os 6 trabalham em conjunto?

- Não, funcionam só dois de cada vez. Porque se acontecer alguma coisa com um par, põe-se outro para funcionar.

- Mas estes motores solares, também podem sofrer avarias?

- Claro! Não vê que são feitos de matérias e tudo o que é feito ou nascido da matéria, é possível de descontrole.

- São estes mesmo motores que movimentam a nave na Atmosfera Terrestre ou de Acart?

- Não. Estes só são úteis no espaço, porque a função deles é aumentar a atração magnética daquela chapa (que mostrei na cúpula da nave), com o planeta ou o objeto visado. Para locomovermos dentro da atmosfera com a nave temos aquelas 16 hélices, 8 de cada lado, cada uma com um motor um pouco menor que estes. (conf. desenho).

- E é sempre dirigido daqui desta sala mesmo?

- Sim, em qualquer parte.

Contrariando a minha vontade que era de ficar ali a olhar e pedir explicações, ele continuou:

- Vamos para o dormitório porque está quase na hora em que deve dormir de novo.

Pasmado com aquela notícia de ter dormir de novo, o segui até o dormitório sem falar. Mas assim que chegamos perguntei:

- Por que tenho de dormir, se agora estou me sentindo bem e além do mais não tenho sono?

Parece-me que ele se atrapalhou ou não queria me dar a resposta, até que ele disse:

- Bem talvez quando acordar eu possa dar-lhe estas explicações.

Então deitei de costas e pus as mãos cruzadas embaixo da cabeça e comecei a pensar no que poderia Acore estar me escondendo, se é que estava. A seguir não sei se por querer ou atraído por ela, assim que olhei para aquele círculo de luz acima de mim, adormeci sem mesmo ter tempo de ver se Acore ainda estava, ali ou já se havia retirado.

Se ao pegar no sono, me acontecia sempre o mesmo, ao acordar não diferia em nada também. Acordei como das vezes anteriores, sentindo aquele mal - estar sentei no leito, tudo igual. Pensei: Onde andará Acore? Sera que ele dorme em um dos outros dormitórios? Nisto ele entrou todo contente.

Eu resolvi tirar estas e outras duvidas e o interpelei:

- O senhor dorme num dos outros dormitórios?

- Não, eu durmo aqui neste mesmo.

- Só eu e o senhor então?

- Nao, ha varios outros que repousam aqui também.

- Mas, como é que toda vez que acordo estou a bem dizer sempre só e não vi nenhum nos leitos ainda ao acordar?

- É que nós que dormimos aqui, das três vezes em que tivemos que o fazer dormir, só dormimos esta última vez e levantamos antes de o acordar. Agora os que dormem nos outros dois dormitórios se revezam; enquanto uns dormem os outros dirigem a nave e vice- versa.

Nesta altura ele já tinha recolhido o meu leito e encontrávamos-nos sentados nas banquetas.

- De quantas pessoas é composta a tripulação desta nave?

- Desta vez já que a missão é quase que exclusivamente para leva-lo de volta a Terra, somos 32 incluindo nós dois.

- Por que quase que exclusivamente?

(Não sei por que, mas nesta resposta eu notei que o que ele me disse não devia ou não queria dizer).

- Bem, é que sempre pode se dar que algum dos membros das equipes de observadores que temos por lá, tenha que ser substituído e então aproveitaremos.

- Bem, mas o senhor diz que há equipes de Acartianos na terra?

- Sim, temos.

- Mas onde?

- Bem, nas naves que temos estacionadas por aí. ..

- Por aí, onde? Na terra, no espaço ao redor dela ou na lua?

- Não, não, não! Exclamou ele, isto de maneira alguma poderei lhe dizer, pois seria confiar de mais em você.

- Mas será que alguém de vocês ainda pode duvidar de mim, com tudo o que já vi e com o que estão fazendo por mim e prometem ainda fazer?

- Isto é bem diferente. Isto tanto faz, porque você não nota a nada. Tenho certeza que nem pode distinguir se estamos parados ou em movimento e nem mesmo se estamos em contato com alguém ou não.

- A que altura do percurso estamos agora? Perguntei isso porque o outro assunto não arrumava nada.

- Já percorremos aproximadamente 2/3 da viagem, ou seja, mais ou menos 45 milhões de km.

Quando ele usava estes números eu até tinha que achar graça, pois uma ocasião fui até a capital federal, via São Paulo, e como achei longe! E agora vinha ele falar nesta insignificância de mil e tantas vezes a volta da Terra.

- Já passamos o tal espaço neutro que o senhor falou antes?

- Sim, já.

- Porque é chamado de espaço neutro este trecho dentro do próprio espaço?

- Não sei se vai entender, mas o próprio sol tem seu campo de domínio dentro do infinito, por exemplo: o nosso sol domina até onde encontra o domínio de qualquer outro sol vizinho, com os planetas se dá o mesmo. O homem de qualquer planeta, quando inicia os estudos sobre os cosmos, acha inicialmente que a força de seu planeta se limita a pouca distância deste, mas depois descobre que está vai muito além, isto é, até encontrar um de seus visinhos mais próximos e mais que esta força é, em certas circunstâncias repelentes e em outras atrativa.

- Como assim?

- Bem, esta nave, por exemplo, está sendo atraída pela força da Terra, mas quando nos aproximarmos mais, ela tende a nos repelir, então temos que mudar todo o sistema, enfim, se assim não fosse, não poderia haver vida de espécie alguma em nenhum planeta, porque existem quantidades infinitas de fragmentos de toda a espécie vagando pelo infinito, destruiriam tudo e ainda por cima aumentariam seus volumes ao ponto de não mais obedecerem a suas órbitas. Enfim, o espaço neutro é onde se encontram as forças de dois planetas e as reações que um ser sente ao cruzar este espaço se deve ao fato de não serem iguais as forças de um e de outro planeta, por isso que saindo do mais fraco se recebe o impacto do mais forte e vice- versa.

- Da terra e Acart, qual é que tem o campo maior e mais forte?

- É a Terra, por isto este espaço é mais perto de Acart.

- E quando eles se distanciam?

- Bem, aí os campos vão se alargando, mas sempre nas mesmas proporções e quando se distanciarem muito, então se dará o mesmo, mas com outro que estiver naquele tempo mais próximo.

- E os planetas com relação ao sol, também se dão o mesmo?

- Não, porque os planetas têm força infinitivamente inferior ao sol, e,

alem disto, estao presos a ele (assim como as luas ao planeta, quando as tem), tanto que os planetas as vezes sao repelidos para maior distância e outras vezes atraídos.

- Como e que estes fragmentos a que o senhor se refere, nao causam danos às naves?

Primeiro, porque são feitas de um material que esta sujeito ao atrito e segundo, porque as naves tem uma camada protetora a seu redor

- Terei que dormir novamente ou posso fazer o restante da viagem acordado?

- Sim terá que dormir quando atingirmos as barreiras mais fortes da Terra.

- E ainda falta muito para atingi-las?

- Falta sim, poderá ainda ficar acordado um hora (Acart), ou seja 7 horas e 40 da Terra.

- De lá já se pode ver bem a Terra?

- Dá mais ou menos.

- Eu gostaria de vê-la assim do espaço Sera possível?

- Sim, vou lhe mostrar.

- O senhor sempre diz vou acorda-lo; vai dormir, mas como é que não me recordo e nem vi o senhor e ninguém me tocar ou me dar algo para dormir, a nao ser aquele comprimido como sendo alimento, o senhor pode me explicar?

Não se recorda de ter olhado para um círculo luminoso acima do leito ao deitar?

- Sim, recordo, ate desconfiei daquilo, mas o que faz aquele circulo de luz?

- Pois bem, aquela luz é a mesma que focaram os seus olhos para Terra ao aproximar-se da nave, porem aquele foi jato muito forte, por isto fê-lo perder os sentidos instantaneamente. Este aqui é leve, fazendo dormir quase normalmente.

- E assim que eu durmo o desligam?

- Não, so desligamos quando queremos acorda-lo.

- Mas que poder tem esta simples luz sobre o organismo de uma pessoa?

- Mas não é uma simples luz, ela requereu muitos anos de estudos dos nossos cientistas para descobrir este meio de dormir o cérebro e os órgãos que provocam e repelem o sono.

- Quer dizer que uma pessoa submetida a um foco desta luz, não acorda sem apaga-la?

- Exatamente.

Uma coisa que eu muito queria perguntar – lhe:

O que foi que o senhor e o Filho do Sol falaram durante tanto tempo lá na praça de esportes?

Ele me dizia como devia proceder com você durante a viagem.

Então ele foi buscar agua e juntamente com a pílula deu-me, mas que sem hesitação tomei.

ASPECTOS DO ESPAÇO

Depois, a pedido de e levantei e percorremos sem pressa novamente varias repartições, ate que chegamos naquela sala dos aparelhos de visão

- Agora vai ter a oportunidade de ver a Terra como deseja disse ele.

- Se vê bem daqui?

- Mais ou menos, como já disse.

- 10 milhões de km aproximadamente.

- 10 milhões! Será que não daria para eu vê-la quando estivermos a uns 500 km dela?

- Não, porque dentro de pouco terá que dormir até atingirmos a terra.

- Mas, o senhor tem certeza que eu não vou agüentar?

- Sim, temos, porque quando a nave atingir a distância de 4 a 5 mil km para menos do solo Terrestre, teremos que dar duas a três voltas ao redor dela até podermos pousar.

- Ao iniciar estas voltas, a nave faz uns movimentos semelhantes ao que faz uma pedra chata atirada deslizando sobre a superfície da água de um rio estes movimentos, até a nos afeta, quanto mais a você

- E uma pena! exclamei. Então ele sentou e me ordenou que sentasse ao seu lado e mandou que olhasse também no aparelho Se, quando vi a Terra de la e também quando vi Acart do espaço livre tive surpresa, desta vez surpreendi-me mais ainda, isto por dois motivos O primeiro porque esperava vê-la bem grande e o segundo porque imaginava poder ver dali com muito mais nitidez, o que não acontecia.

Acorc ao meu lado, em outro aparelho tambem olhava e me dava explicações. Enfim, o que eu vi de lá de foi mais ou menos isto:

Dentro da imensidão crepuscular do infinito, via-se milhares ou milhões de pequenas estrelas (que em outras palavras, não são nada mais, nada menos, que outros sois com seus respectivos planetas) e entre estas, porem bem maior via-se o nosso sol, a Terra e a Lua, em vez de formar um "V" aberto, pois fazendo de conta que o sol estava a minha frente, a Terra então ficava um pouco à direta, estando a lua mais à direta da Terra ainda.

Como se afigurava para mim o sol, a Terra, a Lua e as suas cores?

O sol era do tamanho que a gente o vê daqui da terra na hora do meio dia, porem sem aquele brilho que nos impede de olhar para ele daqui da terra

por muito tempo a olho nu.

A Terra, esta sim era um espetaculo a parte, eu via de um metro de tamanho, mas novamente com claridade so uma pequena parte, quase no lado oposto em que se encontrava a lua, quanto ao que se refere a parte clara, era o mesmo aspecto dado ao olhar ja de Acart. Notei isto sim, que na América do Sul naquela hora era noite, pois na parte clara eu via uma parte de um mar e uma mescla de continentes ou ilhas, que não consegui descobrir quais eram Não pedi a Acore para me explicar.

O que me impede de descrever com mais exatidão a beleza da Terra olhando de lá, é minha dificuldade em discernir cores. Ela emitia 5 cores: A 1ª: esta tenho certeza era azul, emitida pela parte clara (dia). A 2ª, a parte escura, uma mistura de preto com azul. A 3ª, era uma especie de cinturão existente ao redor da terra, tanto na parte escura como na parte clara, estando esta entre as cores parecidas com azul também (para mim). A 4ª: outro cinturão, este porém mais espaçoso, formando uma espécie de arco-íris com outro, esta cor era semelhante a emitida por uma lâmpada eletrica bem fraca, a quinta era vista quase nos extremos da parte clara, eram dois riscos escuros e existentes onde, tomando nossa posição por base, ficavam na parte de cima e na de baixo da Terra, atravessando a parte clara em sentido horizontal, dando a mesma impressão de estar vendo de uma elevação uma luz sendo projetada do solo sobre uma valeta no escuro.

A lua, com exceção de agora se vê maior a parte clara e nao se notava aquele ervilhando, estava quase idêntica de como a havia visto de Acart

ATERRISAGEM

Depois disso, retornamos ao dormitório. Acore falou:

- Bem agora terá que fazer seu último sono nesta viagem e quando acordar já estaremos na Terra.

- Vão reto ao ponto em que vão me desembarcar?

- Não, antes faremos um pouso em outro ponto da Terra.

- Onde fica isto?

- Talvez o mostre quando chegaremos lá.

- A que horas do dia ou da noite vamos chegar onde vou ficar?

- Pousaremos onde vai ficar, umas 3 horas antes de romper do dia.

- O senhor não sabe se me deixar nos arredores da cidade em que moro ou distante dela?

- Pelo que fui informado, ficará uns 5 km da cidade.

- Por que não me deixam mais perto?

- Porque este exercicio que fara a pe, lhe e necessario

-Mas apesar de ser assim tarde da noite, se eu achar uma carona ate a cidade?

Acontece que, além das instruções que já lhe dei, vou lhe dar mais esta:

Não deve chegar a parte alguma antes de seu lar e nem falar com ninguém, muito menos o que você se referiu.

- Mas será que não vou me sentir mal ao desembarcar?

- Não, o que vai sentir não chega ao ponto de o impedir de caminhar, porque ao desembarcar já há horas respirando oxigênio da Terra, pois é por este motivo que vamos pousar em outro ponto antes

- Algum dos senhores vai descer ao solo junto comigo?

- Não, nenhum de nós, será acompanhado somente até à porta da saída

Nisto, advertido por ele, aprontei-me para dormir Agora já sabedor da influência do círculo de luz em meu cérebro, prestei o máximo de atenção para ver como funcionava aquilo. Com um autômato deitei de costas, olhei para o teto, mas ainda não estava lá a luz. Olhei interrogativo para Acorc. Então ele tocou na parede aparentemente lisa e a luz surgiu

Até aquele momento na minha vida eu nunca tomara anestesia, mas pelo que tenho ouvido falar pelos que já tomaram aquilo agiu em meu organismo da mesma maneira Não sei se olhos abertos ou fechados, dormi quase instantaneamente um sono tão profundo que mesmo que tivesse sonhado, ao acordar não me recordaria de nada Ao acordar tive o cúmulo das surpresas, pensei que tinha acontecido algo de anormal, pois frente a meu leito, se encontrava Acorc e mais um outro senhor, mas o que me assustava neles era os trajes que vestiam, em vez daqueles trajes espalhafatosos, vestiam uma espécie de macacão e sobre a cabeça tinham um capuz transparente que cobria até os seus pescoços com um troço quadradinho parecido com um lápis com borracha na ponta, bem em cima da cabeça e um quadradinho parecido com um autofalante bem em frente a boca Até as mãos eles as tinham cobertas.

Já sentado no leito perguntei:

- Mas para que os senhores estão com estas vestes assim diferentes?

Então, como que falando dentro de uma lata, ele respondeu:

- É porque neste momento já estamos deixando penetrar gradativamente o oxigênio da Terra nesta repartição. (então dei um olhada e vi que o dormitório estava realmente fechado em todos os lados), e para que não tenhamos de nos submeter também a este período de adaptação, no caso por duas vezes, vestimos estes trajes.

Eu então desci do leito, mas assim que fiquei em pé senti algo muito estranho em mim, em vez daquele volume enorme que já tinha quase me acostumado a sentir, passei a me sentir fininho Parecia que meus membros do corpo era ferro, finos, porém tão duros e pesados que tinha até dificuldade em mover um pé.

Acorc certamente sabendo que eu ia me sentir assim, sorrindo trouxe

minhas vestes terrícolas e mandou vesti-las. Então troquei de roupa, apalpei os bolsos, todos os meus pertences neles se encontravam. Quando calcei os sapatos, tive a impressão que eram duas barras de ferro amassando os meus pés.

Quando Acore viu que eu já começava a me movimentar, aproximou-se de uma parede e abriu uma espécie de vigia e perguntou rindo:

- Quer ver onde estamos?

Aproxime, me com bastante dificuldade até ele e olhei num tipo de binóculo esperando ver os campos e matas de meu município, mas qual nada, o que vi foi gelo em grande quantidade até se perder de vista no horizonte.

- Que lugar é este?

- Bem, é um ponto qualquer da terra.

Mas, não adiantou ele querer me tapear porque vi logo tratar-se de um dos pólos da Terra, porém não sei se o Sul ou o Norte, mas forçosamente o Sul, porque não iriam pousar no norte, para depois me deixarem no sul.

Depois Acore fechou a vigia e mandou que eu sentasse, sentei permanecendo eles de pé. Então notei que a nave estava em movimento e perguntei:

- A nave está sendo dirigida para onde vão me deixar? Demora-se muito para chegar lá?

- Não, dentro de instantes pousaremos onde vai ficar.

Dentro em pouco notei que havia diminuído aquele ruído facilmente distinguido quando a nave estava em movimento.

EM TERRA FIRME

Então Acore aproximou-se de mim dizendo:

- Chegamos ao ponto de seu desembarque. Vamos deixá-lo a poucos metros da rodovia que vai dar à sua cidade

Eu estava tão emocionado que nem pude responder nada

Ele continuou:

- Vamos acompanhá-lo até a saída da nave, recomendando que assim que pisar o solo vá em frente 10 passos sem se voltar.

- Porque sem me voltar?

- Porque assim deve ser, advertiu ele

Então acompanhado pelos dois, um de cada lado, percorremos a escada intercalada de saletas. À medida que ia avançando eu cada vez me sentia mais duro, achei até que por fim não poderia nem caminhar mais.

Foi quando Acore disse:

- Vai se sentir um pouco mal, mas não se preocupe que isto logo passa

Finalmente atingimos a última porta e então Acore me pôs as duas mãos nos ombros e me deu mais uma irradiação e despedimo-nos sem mais cerimônias. Como nas vezes anteriores ele apertou em algo na parede e a porta foi se abrindo no meio devagarzinho. Ali estava a minha querida Terra espe

rando que eu desse o primeiro passo para tocá-la (a noite era sem lua aquela hora. Já solto por eles dei um passo e toquei na relva do campo (pois foi no campo que me deixaram), dei outro, estava fora da nave. Até contar cinco passos ainda me alcançava a claridade emitida pela nave, mas daí em diante fiquei na completa escuridão. Quando completei os dez passos recomendados por ele, parei e devagar fui me voltando esperando ver a partida da nave, mas qual nada, ali não mais se encontrava nave alguma. Olhei para o céu e nada, tudo calmo, olhei para o horizontes com esperanças de avistá-la, também não vi nada. Por fim, vendo que era inútil procurá-la, pois parecia que havia se evaporado, enfrentei a escuridão da noite até acostumar as vistas com ela. Dentro em pouco, avistei um cerca de arame liso a poucos passos a minha frente.

Ainda me sentindo como de chumbo, tratei de alcançá-la, assim que alcancei, firmei as mãos no arame superior e fiquei ali parado por vários minutos. De repente, vi a estrada a poucos passos além da cerca. Daí pela cerca e pelas existentes por perto, reconheci o local, uns cinco km da cidade. Lentamente fui levantando uma perna e fui me enfiando entre os arames a fim de transpô-los. Quando passei para o outro lado, por mais que me esforçasse não pude evitar um tombo e caí estatelado no chão, com o coração aos pulos, achei até que ia morrer. Pos instinto de sobrevivência, quase gritei por socorro, mas daí lembrei-me das recomendações de Acore e me contive. Aliás, não adiantaria nada eu gritar, por ali não morava ninguém e, além disto dificilmente transitaria por ali alguém aquela hora da noite.

Quase rolando, alcancei o barranco da estrada e larguei as pernas para baixo e deitei de costas na relva encharcada, mas isto comparando com o que estava sentindo não era nada. Após longo tempo de reflexões, em que até cheguei a maldizê-los por não terem me deixado mais perto da cidade, sentei e com muita cautela fui me pondo de pé, sempre com as mãos apoiados no barranco. Segui uns cem metros, tropeçando depois numa varinha jogada na sarjeta, apanhei-a improvisando uma benga a com ela fui andando ainda bastante cambaleante.

À medida que ia avançando pela estrada ia melhorando. Por fim, já bem melhor, porém ainda bem longe do normal, sentei de novo num barranco e permaneci um bocado ali sentado com um turbilhão de idéias na cabeça. Reiniciei a caminhada a passos lentos, porém já mais firmes.

Quando me encontrava a meio caminho da cidade, ouvi um ruído de um veículo e logo as luzes dele a 1 km atrás de mim. Meu primeiro impulso foi de pedir uma carona, mas logo me recordei das palavras de Acore de não entrar em contato com ninguém até chegar em casa. Como o veículo já vinha perto, temendo ser reconhecido, afoguei-me fora da estrada até que o veículo passou. Era um jeep Willys dos mais antigos. Não reconheci os que iam nele. Daí por diante até a cidade não encontrei mais ninguém, apesar da caminhada

ter durado umas 3 horas, aproximadamente, sendo que em estado normal eu faria em uma hora folgada.

Só quando atingi a rua da minha residência, no clarear do dia, é que encontrei as primeiras pessoas. Estas vinham da Igreja existente perto de meu lar, onde é rezada a missa que começa ainda no escuro e termina ao romper da aurora.

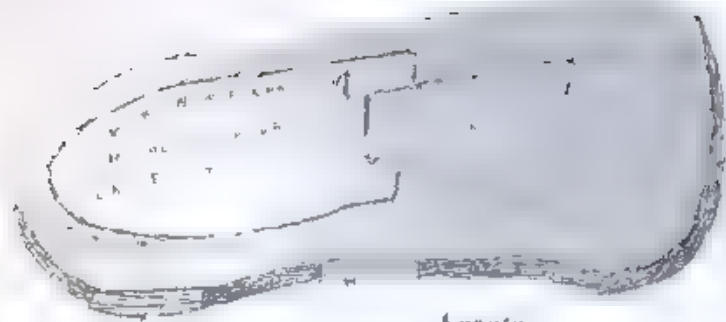
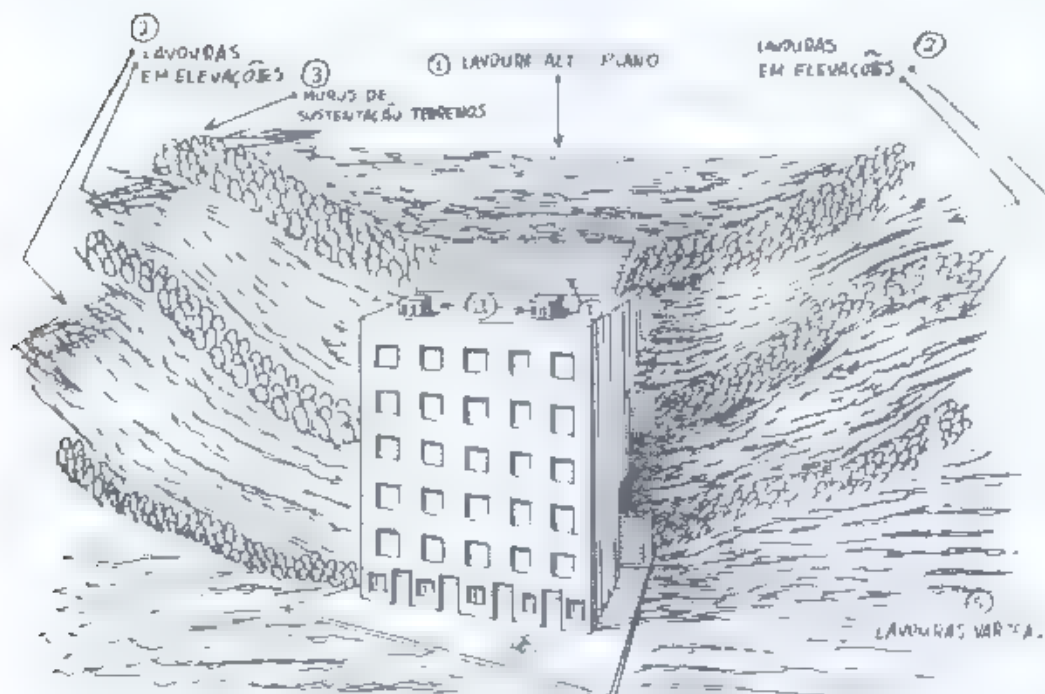
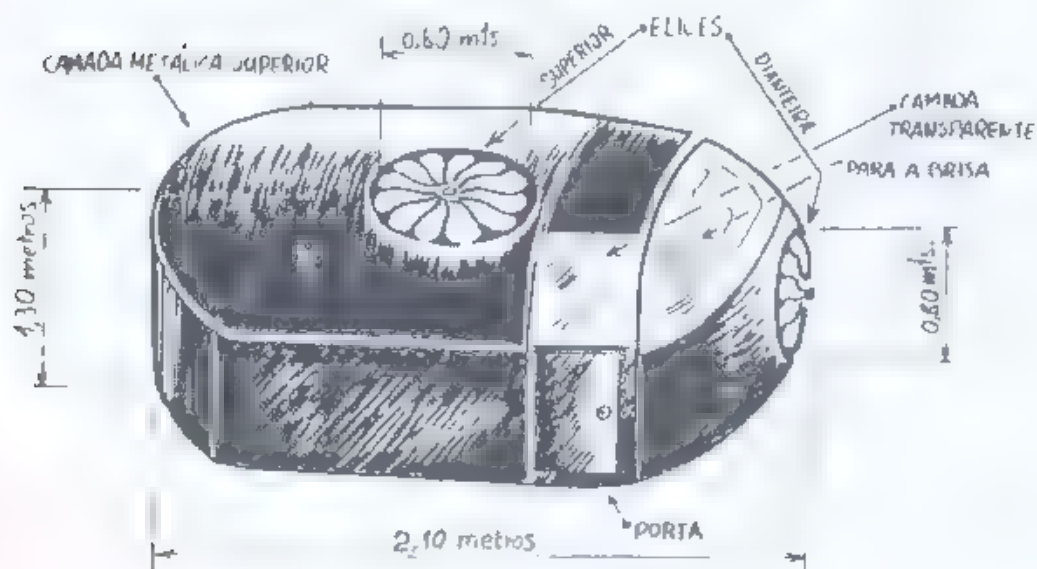
Algumas pessoas me cumprimentaram e eu respondi num sussurro, pois parece que eu nem sabia mais falar o português, depois de tantos dias em que havia passado falando alemão forçado.

Finalmente, depois de oito dias, após ter iniciado uma viagem a pé de 18 km, que no fim foram reduzidos a oito, chegava eu à minha residência. Passei dias sem sair de casa, com uma confusão tremenda na cabeça, até que me animei um pouco e passei a mão num lápis e cadernos e fui escrevendo este relato, que aqui finda...

Arthur Berlet.

SISTEMA SOLAR

- Volume em relação ao da Terra;
- Rotação (duração do dia) em dias da terra (d), horas (h) e minutos.
- Translação (duração do ano) em dias(d) e anos (a) da Terra;
- Número de satélites.

	Volume	Rotação	Translação	Satélites
Mercúrio	1/16	59 d	88 d	0
Vênus	9/10	250 d	225 d	0
Terra	1	23 h 56	365 d	1
Marte	1/7	24 h 37	687 d	2
Júpiter	1318	9 h 50	12 a	12
Saturno	736	10 h 02	30 a	9
Urano	64	10 h 45	84 a	5
Netuno	60	15 h 48	165 a	2
Plutão	1/14	6 d	248 a	-

Sapato

Campo de Lavoura

Nave Solar Pequena

CONCLUSÕES

De W. Buhler

"Eppur se muove!"

..."E ela se move!", teriam sido as palavras pronunciadas pelo célebre astrônomo italiano da Idade Média, Galileu Galilei. Se as palavras não eram autênticas, pelo menos expressavam a luta da ciência daquela época no sentido de fazer valer a colossal e revolucionária verdade que rebaixava a Terra, como ponto central do Universo, a uma posição de mero satélite solar.

No presente, em semelhança a grande transformação filosófica do tempo de Galileu, estamos talvez nas vésperas de.

outro desmoronamento de idéias,

porque com a flagrante penetração de civilizações do Espaço, mais adiantadas do "Homo sapiens terris", pairam no ar também não somente dúvidas sobre a nossa superioridade técnica, mas também sobre a nossa base filosófica, porquanto o Espaço, embora mais forte do que nós, não tentou conquistar-nos apesar de possuir todas as condições e nos ter observado desde a antiguidade, conforme o relato de historiadores antigos, como ficou definitivamente esclarecido agora.

Em vista das atuais demonstrações da presença dessas civilizações em nossos espaços, deviam ser todas as nossas forças científicas e morais coordenadas para

um estudo franco e aberto da questão

com regular e imediata informação do público sobre o caso. Em vez disso, vê-se uma conspiração mundial em escala gigantesca para negar e deformar a matéria durante os últimos vinte anos. Sem dúvida, isso não podia ter sido concebido sem a omissão de elementos da nossa comunidade com suficiente discernimento intelectual e conhecimento. Aparentemente é a desilusão a respeito de tais elementos que se dirigiu e desabafo de um professor de Direito Romano de uma universidade católica em Santos (São Paulo), prof. João de Freitas Guimarães, que pessoalmente teve uma experiência com seres de outro planeta e que disse (*) "...o que mais lastimo é que pessoas que eu julgava cultas, se revelavam incapazes de admitir o assunto (a existência de seres de outro planeta e sua vinda até nós), ao menos com a serenidade do pesquisador que admite a hipótese. Desta forma , toda ilustrada convicção contrária à realidade do fato, vinha autorizada e consagrada no sorriso estúpido..."

No passado e também na atualidade, as tribos do nosso conturbado planeta, na sua generalidade, orientavam-se e se orientam pelos motivos de rapina e o exercício do poder para repressão do mais fraco, tudo justificado pelos "instintos de sobrevivência". Para poder avaliar-se o procedimento atual dos homens dos Discos Voadores, deve se ter em mira que eles estão vendo o lançamento desabalado de toda nossa técnica em direção ao Espaço. Talvez

nos vejam com uma luz bem diferente da que imaginamos, estando com preocupações justificadas, em virtude de já termos em brec até bombas A e H em órbitas espaciais. É inconcebível, para a nossa atual maneira de pensar, que possam existir outros seres mais fortes do que nós, que apenas sentem curiosidade, se não, talvez

compaixão ou amizade paternal do mais forte, mais inteligente

e mais evoluído pelo mais fraco daqui da Terra, que está empenhado em uma carreira desabalada para sua auto-destruição, e isso porque nos faltam exatamente horizontes e experiência larga, que no Espaço outras civilizações seguramente já possuem.

Parece que atualmente somos tão fanaticamente imbuídos pela filosofia das nossas verdadeiras políticas, que nem ao menos aceitamos discussão sobre um assunto como "Disco Voador", taxado de uma loucura, charlatanismo, utópico e culto religioso. De uma forma, hoje tenta-se até suprimir o movimento da nossa consciência. Por exemplo, o grande físico do átomo U.R Oppenheimer, foi taxado de louco (esquizofrênico) pelo seu inquiridor Dr. Robb, quando externou temores sobre a aplicação política da energia, descoberta por ele e o seu grupo, eventualmente usada para provocar o nosso próprio holocausto apocalíptico (**). Por outro lado, no processo de Nuremberg, registrou-se perfeita conscientização que se expressou na revolta contra as aberrações políticas ocorridas.

O caro leitor que leu a narrativa do Sr. Artur Berlet (***) e meditou sobre ela, se lembrará, por certo, de

experiências com tripulantes semelhantes,

às de George Adamski, prof. Freitas Guimarães e Antônio Rossi. Assim, o nosso leitor talvez fique consciente de que está defronte de "real problema", com o seu quinhão de responsabilidade para encara-lo seriamente, em respeito à sua comunidade, conforme seus dotes intelectuais e morais. Quem sabe se certos grupos de estudiosos sobre o assunto não comecem finalmente a "identificar os objetos voadores" como extraterrenos, e façam, então, ciência aos seus condidadãos em "sessões públicas" em vez de sigilosas, incluindo no seu estudo a totalidade do assunto, não somente o militar, isto é, a técnica de propulsão do Disco. Esta, propriamente, por trazer grandes tentações políticas, é pesquisada avidamente por nossos militares, mas representa somente uma fração pequena do problema.

não devia ser justificada, para esconder a gigantesca questão

atrás de uma cortina de silêncio e segredo por parte de uma fração da comunidade, que até agora tem gozado a inteira confiança nas nações de que fazem parte.

Filmes como estes, "Os Invasores", transmitidos ao público por uma das estações de TV que deforma o assunto, apresentando sempre os visitantes

como hostis aos homens e à Terra, só tende a desvia-lo para o campo militar, confidencial. A verdade dita em público nunca gerou o pânico e nunca prejudicou ninguém.

Passamos então a bola agora para o leitor, que aja e pense conforme a sua consciência...!

Walter K. Buhler,
Nov. 1967

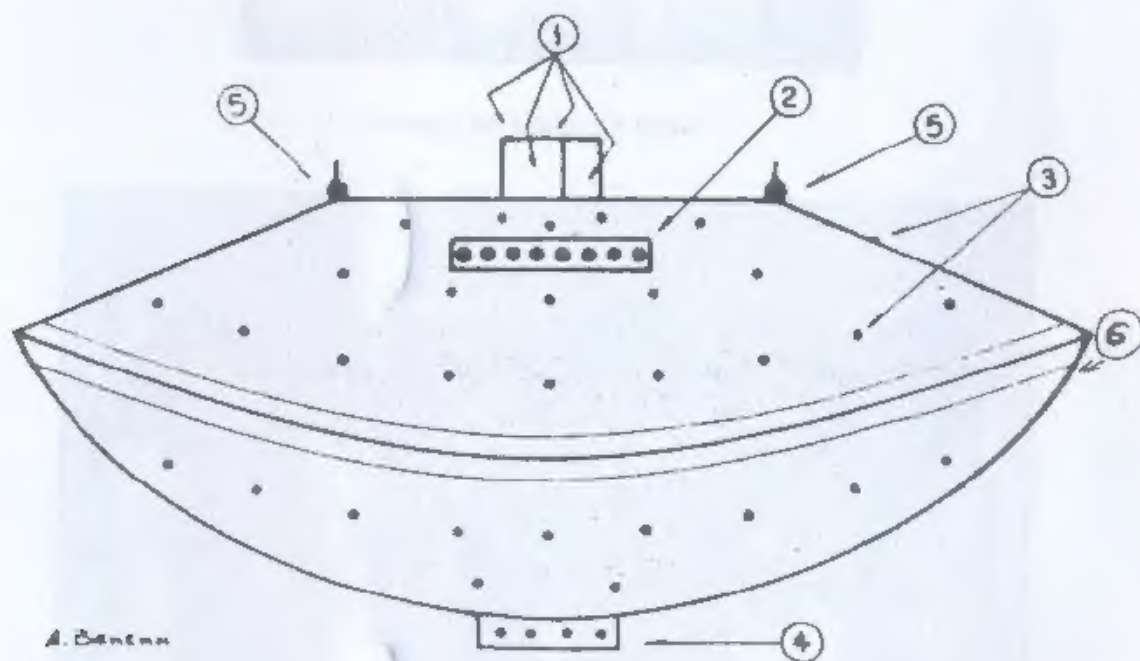
(*) S.B.E.D.V. Bol. Inform. n.º 31/35

(**) "Zeitgewissen" (pág. 44), de Bárbara Nordmeyer, Urachaus-Stuttgart.

(***) Sentimos de não poder publicar alguns dos croquis mencionados por serem inacessíveis na hora da feitura do livro (W.B)

(***) Sentimos de não poder publicar alguns dos croquis mencionados por serem inacessíveis na hora da feitura do livro (W.B)

NAVE ESPACIAL

Explicações para o desenho do Disco Voador reproduzido abaixo, do original do Sr. Artur Berlet e impresso na capa deste volume ( )

1 – Lentes de "atração para vôos no espaço"

2 – 16 motores (8 em cada lado) movidos à energia solar, com hélices recurvadas

3 – "Sondas" de material transparente, para observação do exterior

4 – Entrada e saída

5 – Antenas de transmissão e recepção.

6 – "Camada Neutra", isolante contra a fricção.

Autor na época da viagem

Família do autor